



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

“NATURAL QUE SEJA ASSIM”: UMA PROPOSTA DE REDE CONSTRUCIONAL DAS CONSTRUÇÕES
SEMI-INSUBORDINADAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Eder Cavalcanti Coimbra

SÃO CARLOS
2022



Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

“NATURAL QUE SEJA ASSIM”: UMA PROPOSTA DE REDE CONSTRUCIONAL DAS
CONSTRUÇÕES SEMI-INSUBORDINADAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Eder Cavalcanti Coimbra
Bolsista: CAPES e FAPESP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Flavia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

São Carlos - São Paulo - Brasil
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Eder Cavalcanti Coimbra, realizada em 03/06/2022.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Flavia Bezerra de Menezes Hirata Vale (UFSCar)

Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio (UFSCar)

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves (UNESP)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Coimbra, Eder Cavalcanti

"Natural que seja assim": uma proposta de rede construcional das construções semi-insubordinadas do português brasileiro / Eder Cavalcanti Coimbra -- 2022. 101f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

Banca Examinadora: Sebastião Carlos Leite Gonçalves,

Cássio Florêncio Rubio

Bibliografia

1. Semi-insubordinação. 2. Gramática de Construções.

3. Construções avaliativas.

I. Coimbra, Eder Cavalcanti. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

AGRADECIMENTOS

À FAPESP e à CAPES, pelas bolsas (processos 2020/02598-4 e 88887.485935/2020-00, respectivamente), sem as quais eu não teria realizado este projeto;

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, pela oportunidade e pela estrutura oferecidas, e à sua coordenação, secretaria e corpo docente, pelos esforços empenhados para o bom funcionamento do programa e para uma formação de qualidade dos discentes;

À professora Flavia, por me acolher em seu grupo, por buscar o melhor para seus alunos, pela orientação paciente e comprometida diante das minhas dificuldades, por valorizar meus acertos e me motivar a fazer um bom trabalho em um momento tão turbulento, por ser a linguista que mais atuou na minha formação, desde às aulas de sintaxe, onde tudo começou. Serei sempre grato;

Ao professor Sebastião e ao professor Cássio, por generosamente aceitarem participar das bancas de qualificação e de defesa, por emprestarem seu tempo e seus conhecimentos a este projeto, por oferecerem suas leituras atentas e comentários valiosos. *Certamente que* esta pesquisa foi enriquecida por contar com a presença de ambos;

Aos professores Renato e Edson, por aceitarem participar como suplentes da(s) banca(s);

Às professoras Renata Enghels, Sol Sansiñena, Taísa Peres de Oliveira, Caroline Biazolli, Maria Helena de Moura Neves e ao professor George Nagamura, pelos comentários sobre este trabalho ou sobre estágios precursores dele, que decerto se fizeram presentes nas minhas reflexões;

Aos membros dos grupos de pesquisa Funcionalismo e Discurso e Grupo de Estudos Sociofuncionalistas, pelas leituras e debates partilhados ao longo do mestrado e também por dividirem suas impressões sobre este trabalho, nas ocasiões das minhas apresentações;

Ao Marcel, à Laurides e ao João, meus primeiros “informantes” do português brasileiro, meus primeiros mestres, solidários aos meus estudos do beabá até aqui, pelo apoio constante, ao longo de minhas tantas idas e vindas entre o interior e o litoral;

À Maria, companheira na linguística e além, por contribuir tanto com esse trabalho, com pitacos, com leitura, ajudando a pensar em voz alta ou me lembrando de beber água, às vezes por simplesmente estar ali. Seu apoio me manteve são e me ajudou a chegar até aqui;

À família Coradini, que me recebeu tão bem e ampliou a “bolha” que habitei nesses tempos;

Ao Pedro Turci, por deixar os dias mais leves, jogando conversa fora, entre cafés e acepipes;

À Milena, pelas trilhas partilhadas na linguística e por ser uma ótima mentora;

Aos amigos Mari e Nicholas, que renovam meus ânimos de perto ou de longe.

À D. Soeli, gente boa, por aliviar no aluguel enquanto os preços de todo o resto disparavam;

A quem fez e defendeu a vacinação, a quem cumpriu as medidas sanitárias e a quem segurou as pontas nos serviços essenciais.

RESUMO:

As construções semi-insubordinadas (CSI) são relatadas por Van Linden e Van de Velde (2014) como construções formadas por um constituinte inicial seguido de uma oração substantiva introduzida pelo conectivo ‘que’. O constituinte inicial atua no nível de uma oração matriz e expressa uma avaliação atitudinal do enunciador sobre o conteúdo proposicional da oração substantiva. Esta dissertação apresenta uma caracterização das formas e significados das construções semi-insubordinadas do português brasileiro (CSI-PB) e uma proposta de rede construcional dessas construções, elaboradas a partir da análise de dados de cópuz. Amparada nos pressupostos teóricos da Gramática de Construções de que construções são pareamentos convencionalizados de forma e significado e de que estruturas sintáticas carregam significado em si mesmas, a presente análise busca confirmar a hipótese de que as CSI-PB pertencem a uma rede hierárquica da semi-insubordinação e compartilham da abstratização de forma de uma construção sintática mais esquemática, [[X] [que] [oração substantiva finita]], bem como de seu significado de avaliação de proposição. O componente [X] representa a matriz da construção, um *slot* aberto a ser preenchido com um adjetivo, substantivo, advérbio ou interjeição de significado avaliativo. O conectivo *que* tem sua posição fixa e introduz o outro *slot* aberto da oração, a ser preenchido por qualquer oração substantiva finita, que carrega o conteúdo avaliado. A coleta de dados foi feita no módulo *Web/Dialetos* do *Corpus do Português* (DAVIES, 2016), um cópuz de modalidade escrita, sincrônico, anotado morfologicamente, composto por textos de páginas de internet do século XXI, cuja parcela da variedade brasileira contém mais de meio bilhão de palavras. As construções foram localizadas no cópuz a partir de expressões de busca com etiquetas de adjetivos, nomes e advérbios em posição inicial de frase (posição da matriz), seguidos da palavra *que*. As combinações de forma e de significado atestadas foram tabeladas, dando origem aos agrupamentos da rede construcional (sub-esquemas). Foram verificados 175 tipos de CSI-PB, a contar por suas diferentes matrizes adjetivais, adverbiais, substantivais ou interjetivas (interjeições secundárias), com destaque em número para as adjetivais (117). A maior parte das matrizes expressa avaliação não-modal, com alguns usos mirativos e de negação enfática. Entre as matrizes de avaliação modal são expressos significados epistêmicos, deônticos e evidenciais.

Palavras-chave: Semi-insubordinação; Gramática de Construções; Construções avaliativas; Modalização; Rede Construcional.

ABSTRACT:

Semi-insubordinate constructions (SIC) are reported by Van Linden and Van de Velde (2014) as constructions formed by an initial constituent followed by a noun clause introduced by the connective *that*. The initial constituent acts at the level of a matrix clause and expresses an attitudinal assessment of the speaker about the propositional content of the noun clause. This dissertation presents a characterization of the forms and meanings of Brazilian Portuguese semi-insubordinate constructions (BP-SIC) and a proposal for a constructional network of these constructions, based on the analysis of corpus data. Supported by the theoretical assumptions of the Construction Grammar that constructions are conventionalized pairings of form and meaning and that syntactic structures carry meaning themselves, the present analysis seeks to confirm the hypothesis that the BP-SIC belong to a hierarchical network of semi-insubordination and share the abstract form of a schematic syntactic construction, [[X] *que* [finite noun clause]], as well as its evaluative meaning. The [X] component represents the construction's matrix, an open slot to be filled with an evaluative adjective, noun, adverb or interjection. The connective *que* has its position fixed and introduces the other open slot of the clause, to be filled by any finite noun clause, carrying the evaluated content. Data collection was carried out in the Web/Dialects set of the *Corpus do Português* (DAVIES, 2016), a written, synchronic, morphologically annotated corpus, composed of texts from 21st century internet pages, whose portion of the Brazilian variety contains more than half a billion words. The constructions were located in the corpus via search expressions with tags of adjectives, nouns and adverbs in the initial position of the sentence (matrix position), followed by the word *que*. The attested combinations of form and meaning were tabled, giving rise to the groupings of the constructional network (sub-schemes). 175 types of BP-SIC were verified, counting on their different adjectival, adverbial, noun or (secondary) interjective matrices, with emphasis on adjectivals (117). Most of the matrices express non-modal evaluation, with some mirative uses and emphatic negations. Among the modal evaluation matrices, epistemic, deontic and evidential meanings are expressed.

Keywords: Semi-insubordination; Construction Grammar; Evaluative constructions; Modality; Constructional network.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Resultados mais frequentes para a consulta <pontuação + ADJ + *que*> no CdP.
- Figura 2: Resultados mais frequentes para a consulta <pontuação + *é* + ADJ + *que*> no CdP.
- Figura 3: A relação entre modalização e avaliação: tipos de significado (traduzido de VAN LINDEN, 2012, p.66).
- Figura 4: Estrutura simbólica da construção (traduzido de CROFT; 2001, p. 18)
- Figura 5: Representação taxonômica de rede hierárquica sobre a construção *kick the bucket* (CROFT; CRUSE, 2004, p. 263)
- Figura 6: Rede taxonômica de estruturas argumentais e expressões idiomáticas (CROFT; CRUSE, 2004, p. 264)
- Figura 7: Interface de busca do CdP (*Web/Dial*) e ferramenta PoS.
- Figura 8: Resultado de busca organizado por frequência decrescente no CdP.
- Figura 9: Concordanciador de contextos do CdP.
- Figura 10: Contexto expandido de ocorrência no CdP.
- Figura 11: Rede construcional das CSI-PB

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1: Trajetória de insubordinação (EVANS, 2007, p. 370).
- Quadro 2: Estrutura típica da semi-insubordinação em inglês. (KALTENBÖCK, 2019, p. 191).
- Quadro 3: Variação semântica dos tipos formais de CSI em neerlandês flamengo (adaptado de VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014, p.235).
- Quadro 4: Orientações avaliativas: dimensões semânticas (adaptado de LEMKE, 1998, p. 4).
- Quadro 5: Expressões de busca de CSI com elementos iniciais de uma palavra gráfica.
- Quadro 6: Matrizes adjetivais de CSI em PB.
- Quadro 7: Adjetivos e pré-modificadores adverbiais como construções matriz de CSI-PB.
- Quadro 8: Matrizes adverbiais de CSI-PB.
- Quadro 9: Matrizes substantivais de CSI-PB.
- Quadro 10: Matrizes interjetivas de CSI-PB.
- Quadro 11: Matrizes de CSI-PB avaliativas não modais.
- Quadro 12: Matrizes de CSI-PB avaliativas modais.
- Quadro 13: Variedades formais de CSI-PB epistêmicas.
- Quadro 14: Variedades formais de CSI epistêmicas em neerlandês flamengo (adaptado de VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014, p.235)
- Quadro 15: Matrizes de CSI-PB modais epistêmicas.
- Quadro 16: Matrizes de CSI-PB modais deônticas.
- Quadro 17: Variação semântica com exemplos dos tipos formais de CSI-PB.

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

CdP: *Corpus do Português*

CSI: Construção(ões) semi-insubordinada(s)

CSI-PB: Construção(ões) semi-insubordinada(s) do português brasileiro

PB: Português brasileiro

Web/Dial: Módulo *Web/Dialetos* do *Corpus do Português*

*: Agramatical

Glosa

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
ADJ	adjetivo
ADV	advérbio
ART	artigo
AUX	auxiliar
COMP	complementizador
CONJ	conjunção
EXPL	expletivo
F	feminino
INF	infinitivo
INTERJ	interjeição
M	masculino
N	nome/substantivo
NEG	negação, negativo
OBJ	objeto
OBL	oblíquo
PL	plural
POSS	possessivo
PRED	predicativo
PRS	presente
PRT	partícula
PST	passado
SG	singular
SUJ	sujeito

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Capítulo 1 A SEMI-INSUBORDINAÇÃO	18
1.1 SUBORDINAÇÃO, INSUBORDINAÇÃO, SEMI-INSUBORDINAÇÃO	18
1.2 PROPOSTAS PARA A ORIGEM DA (SEMI-)INSUBORDINAÇÃO	22
1.3 PROPRIEDADES DE FORMA DAS CSI	28
1.4 PROPRIEDADES DE SIGNIFICADO DAS CSI	32
1.4.1. Sobre atributos avaliativos	37
1.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO 1	40
Capítulo 2 ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA GRAMÁTICA	42
2.1 GRAMÁTICA(S) DE CONSTRUÇÕES: CONCEPÇÃO DE LÍNGUA E GRAMÁTICA	42
2.1.1. Construções na GC	43
2.1.2. Generalizações da estrutura de superfície	48
2.1.3. Redes construcionais	49
2.1.3.1. Elos das redes construcionais	52
2.1.4. Variabilidade e generalizações interlinguísticas	53
2.2 ABORDAGEM CONSTRUCIONAL E CSI	55
2.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO 2	56
Capítulo 3 MATERIAIS E MÉTODOS	58
3.1 O CORPUS DO PORTUGUÊS: CONSTITUIÇÃO	58
3.2 O CORPUS DO PORTUGUÊS: USO E FUNCIONALIDADES	60
3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA E SELEÇÃO DE DADOS	61
3.3.1. Elaborando expressões de busca	64
3.3.2. Identificando as CSI	65
3.3.3. Significados afetivos e relação sintática completiva nominal	67
3.4 CLASSIFICAÇÃO FORMAL, FUNCIONAL E REPRESENTAÇÃO EM REDE	69
3.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO 3	70
Capítulo 4 CONSTRUÇÕES SEMI-INSUBORDINADAS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO	71
4.1 FORMAS DAS CSI-PB	71
4.1.1. Matrizes adjetivais das CSI-PB	71
4.1.2. Matrizes adverbiais das CSI-PB	74
4.1.3. Matrizes substantivais das CSI-PB	76
4.1.4. Matrizes interjetivas das CSI-PB	78
4.2 SIGNIFICADOS DAS CSI-PB	80
4.2.1. Avaliação não-modal	80
4.2.2. Avaliação modal	83
4.3 CARACTERÍSTICAS DISCURSIVAS E PRAGMÁTICAS DAS CSI-PB	89
4.4 REDE CONSTRUCIONAL DAS CSI-PB	92
4.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO 4	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95

INTRODUÇÃO

Na tradição gramatical uma oração é tipicamente descrita como uma unidade gramatical que se organiza em torno de um verbo, composta por um sujeito (nem sempre explícito) e um predicado. Essas unidades gramaticais podem se combinar, formando estruturas mais complexas. Na tradição gramatical são descritos dois mecanismos principais de combinação das orações, a coordenação e a subordinação. Na coordenação, as orações são sintaticamente independentes e têm o mesmo valor sintático, como em (1). Na subordinação, uma oração é um constituinte da outra e há, portanto, uma relação de dependência sintática entre elas, como em (2).

(1) O caçador chegou à cidade | e procurou um hotel
(BECHARA, 2009, p.463)

(2) O caçador percebeu | que a noite chegou.
(BECHARA, 2009, p.462)

A subordinação ou hipotaxe, segundo Bechara, “consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior (...) é o caso de uma oração passar a funcionar como ‘membro’ de outra oração” (BECHARA, 2009, p.47). No exemplo (2) acima, a conjunção integrante *que* é uma marca indicativa da subordinação, e a oração subordinada *que a noite chegou* é o objeto direto do verbo da oração principal, *percebeu*.

Nota-se, pois, que as orações coordenadas mantêm as características formais de orações simples, mas orações subordinadas apresentam marcas típicas desse funcionamento num estrato inferior, ou seja, marcas de que desempenham o papel de um constituinte de outra oração (ou de um sintagma). A depender da língua, encontram-se entre essas marcas uma ordem típica de constituintes, o uso de determinadas conjunções, marcas morfológicas no verbo etc.. No português são exemplos comuns dessas marcas os usos das conjunções *que* e *se* e do modo verbal subjuntivo.

No entanto, orações com essas características formais, típicas da subordinação, podem ocorrer na ausência de uma oração principal, como em (3) e (4):

(3) **Que o nosso amor pra sempre viva**, minha dádiva!
(Cássia ELLER, 1999).¹

¹ Em todos os exemplos e citações apresentados neste trabalho os grifos são meus, exceto se indicado o contrário.

(4) É tanto... **Se ao menos você soubesse...**

(SKANK, 1993).

As marcas associadas à subordinação presentes nessas orações não podem ser explicadas pelo seu funcionamento em um estrato inferior de outra oração, porque não há oração principal. Isso é o que Evans (2007) chama de **insubordinação**, o uso independente de orações que formalmente aparentam ser subordinadas. Em (3) e (4), os verbos estão no modo subjuntivo e as orações são introduzidas por conjunções subordinativas, *que* e *se*, respectivamente, mas seus sentidos são perfeitamente apreensíveis a despeito da ausência de uma oração principal, em (3), denotando um voto, e, em (4), um desejo.

Outro caso de oração com marcas de subordinação sem oração principal se encontra em (5), mas nesse caso a oração é antecedida por um predicado nominal. O conteúdo proposicional da oração *que seja assim* (que leve um tempo pra fechar o que feriu dentro) é avaliado pelo enunciador como sendo *natural*.

(5) Ainda vai levar um tempo pra fechar o que feriu por dentro /

Natural que seja assim, tanto pra você quanto pra mim.

(Lulu SANTOS, 1994).

Construções dessa natureza encontradas na variedade belga do neerlandês são descritas por Van Linden e Van de Velde (2014) como **construções semi-insubordinadas (CSI)**, na esteira da nomenclatura de Evans (2007). São construções que apresentam uma oração substantiva encabeçada pela conjunção subordinativa *dat*, mas em lugar de uma oração principal trazem um predicado nominal sem cópula, o qual toma a oração como seu complemento proposicional. Os autores afirmam que essas matrizes nominais expressam uma avaliação atitudinal do falante sobre o conteúdo proposicional da oração.

Em português, CSI são bastante comuns, o que se pode verificar por sua frequência em uma amostra de textos como o *Corpus do Português* (CdP). Uma busca simples em seu módulo *Web/Dialetos* (DAVIES, 2016), aplicando uma expressão que capte a forma mais típica das CSI — um adjetivo antecedido por sinal de pontuação, para que esteja em posição inicial, seguido da conjunção *que* —, retorna mais de 10.000 ocorrências² como resultado, apenas para as cinco combinações mais frequentes de adjetivos e sinais de pontuação (figura 1).

² Um exame preliminar dos resultados permite notar que estruturas nesse molde, com esses adjetivos, que não são CSI são exceções. Para afirmar com exatidão quantos dos enunciados compõem CSI seria necessário averiguar cada excerto individualmente. Apenas para ilustrar a abundância de ocorrências no português, não se faz necessário tal escrutínio.

Corpus do Português: Web/Dialects				
SEARCH	FREQUENCY		CONTEXT	
SEE CONTEXT: CLICK ON WORD OR SELECT WORDS + [CONTEXT] [HELP...]				
	<input type="checkbox"/>	CONTEXT	FREQ	TOTAL 38,329
1	<input type="checkbox"/>	, CLARO QUE	6578	
2	<input type="checkbox"/>	. LÓGICO QUE	1349	
3	<input type="checkbox"/>	(CLARO QUE	1030	
4	<input type="checkbox"/>	. ÓBVIO QUE	946	
5	<input type="checkbox"/>	, LÓGICO QUE	590	

Figura 1: Resultados mais frequentes para a consulta <pontuação + ADJ + *que*> no CdP.

Para fins de comparação, observem-se os resultados da busca da mesma combinação acrescida da cópula *é*, na figura 2. A soma das ocorrências de CSI no mesmo corpus totaliza cerca de metade das ocorrências da construção com cópula, seja para os cinco tipos mais frequentes (~10.5 mil/22 mil), seja para o total referente aos 100 resultados mais frequentes (~38 mil/75 mil). Se considerarmos essas duas construções como formas concorrentes de expressar uma avaliação de proposições com predicado adjetival, podemos estimar que para cada dois usos com verbo de cópula no presente ocorra um sem cópula, ao menos neste corpus.

HELP	<input type="checkbox"/>	★	ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500	FREQ	TOTAL 75,051
1	<input type="checkbox"/>	★	. É CLARO QUE	11203	
2	<input type="checkbox"/>	★	. É NECESSÁRIO QUE	3236	
3	<input type="checkbox"/>	★	. É PRECISO QUE	2909	
4	<input type="checkbox"/>	★	. É CLARO QUE	2838	
5	<input type="checkbox"/>	★	. É IMPORTANTE QUE	2474	

Figura 2: Resultados mais frequentes para a consulta <pontuação + *é* + ADJ + *que*> no CdP.

Além de frequentes na atualidade, CSI podem ser encontradas em textos tão antigos quanto o próprio estabelecimento da língua portuguesa como língua nacional, como se vê em (6), excerto do Orto do Esposo, escrito entre fins do século XIV e início do século XV:

(6) Pois, que sera do odor do sancto de mayor merecimêto e que podes pensar que sera do odor do corpo de Jhesu Christo? **Certamente que o odor do corpo do sancto** quanto for de maior merecimêto, tanto a sua blandeza e sabor **sobrepoiara ëna outra vida o odor natural que neste mûdo possa seer achado**. (CdP Gênero/Histórico, Orto do Esposo, ≈1400).

Embora sejam comuns no português atual e usadas já há bastante tempo, essas estruturas recebem pouca atenção nos manuais de gramática e, quando recebem, são comumente tratadas como exemplos de elipse verbal, onde se afirma que o verbo de cópula omitido está subentendido. É o caso em Cegalla (2008):

[O]rações cujo verbo está elíptico, isto é, subentendido:

"Tão bom se ela estivesse viva para me ver assim!"
(Antônio Olavo Pereira) [Tão bom = Seria tão bom]

"Absurdo alguém viver num lugar onde se apertavam tantas casas."
(Graciliano Ramos) [Absurdo = Era absurdo]
(CEGALLA, 2008, p. 421)

Bechara (2009) menciona usos que equivalem a CSI adverbiais, não como um fenômeno regular e mais amplo, relacionado a outras categorias gramaticais, mas, brevemente, como uma particularidade de caráter excepcional no uso dos advérbios:

QUE depois de advérbio:

Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde a rigor poderia ser dispensado. São comuns as linguagens *talvez que, apenas que, felizmente que, oxalá que, quase que, enquanto que, embora que*: [...] Puristas têm condenado tais modos de dizer (BECHARA, 2009, p.523).

Outros autores, embora citem outras formas de elipse, não mencionam estruturas equivalentes às CSI, como Faraco e Moura (1997), Rocha Lima (2011) e Cunha e Cintra (2017). Seus manuais acompanham a tradição gramatical em tratar da atuação das conjunções sobre as orações como operações de coordenação e de subordinação. As ocorrências de elipse verbal são apresentadas como figuras estilísticas de sintaxe.

Diante desse cenário, tanto as construções insubordinadas quanto as semi-insubordinadas podem ser consideradas objetos de interesse para os estudos gramaticais, porque desafiam a tradicional classificação coordenação/subordinação e porque colocam questões quanto às funções de determinadas conjunções, modos verbais e de outras marcas gramaticais tipicamente associadas à subordinação. Ademais, carecem de atenção os significados exclusivos dessas construções que não são verificados em construções subordinadas e, quanto às CSI em particular, interessa também compreender a natureza do predicado matriz e as relações que este estabelece com a oração substantiva que lhe acompanha.

Assim como Evans (2007) e Van Linden e Van de Velde (2014), outros autores lançam luz sobre essas construções (semi-)autônomas, buscando explicar seu funcionamento em diversas

línguas e propor hipóteses para sua emergência. É o caso de Hirata-Vale (2015, 2017, 2020), Hirata-Vale, Oliveira e Silva (2017), Coradini e Hirata-Vale (2021) e Alves e Hirata-Vale (2021), Comarim (2021), os primeiros trabalhos de descrição da insubordinação em português brasileiro (PB), desenvolvidos nos grupos de pesquisa Funcionalismo e Discurso (FunD) e Grupo de Estudos Sociofuncionalistas (GESF).

O presente trabalho busca suprir uma lacuna no estudo da semi-insubordinação em português, mais especificamente no PB, e inserir o fenômeno da semi-insubordinação nos estudos de estruturas (semi-)independentes do PB, além de contribuir para a descrição de construções com o conectivo *que* e de construções avaliativas.

Nesta dissertação, apresentamos um trabalho de descrição e análise das construções semi-insubordinadas do português brasileiro (CSI-PB) na sincronia do século XXI, ancorado no aparato teórico da Gramática de Construções e baseado em dados de córpus. Sabendo que a forma das CSI é descrita como “X + *que* + oração substantiva³”, buscamos identificar as formas e os significados que caracterizam estas construções em PB, com foco na variação das matrizes X, mapear como estas duas faces da construção se combinam entre si e, então, representar a organização dessas combinações na forma de uma rede construcional.

A Gramática de Construções, vertente cognitivo-funcional de estudo gramatical, assume como unidades básicas da língua as construções, pareamentos de forma e significado (GOLDBERG, 1995, p.4). Este conceito serve para designar, por exemplo, itens lexicais e morfemas, de formas fixas, mas também estruturas sintáticas de forma variável, às quais se possa correlacionar um significado convencionalizado que não seja totalmente previsível a partir da soma do significado de suas partes. Nesse sentido, assumimos a hipótese de que as CSI configuram uma macroconstrução, cujas variações de significado e de categorias gramaticais de X licenciam mesoconstruções, e que cada lexema específico que ocorre na posição de X constitui uma microconstrução. Os usos efetivos de cada microconstrução em contextos comunicativos são os construtos, o nível mais concreto da rede dessas construções.

A adoção desta teoria se justifica pela possibilidade de tratar uma estrutura sintática abstrata como um objeto gramatical discreto, uma construção, atribuindo-lhe um pareamento direto entre forma e significado, sem a necessidade de propor operações transformacionais ou de supor elipses e estruturas subjacentes não visíveis na manifestação linguística. Assume-se nesta abordagem que as construções sintáticas carregam sentido nelas mesmas, independentemente das palavras que as preenchem (GOLDBERG 1995, p.1), o que oferece um caminho de análise para uma construção

³ Os trabalhos de referência falam da estrutura de CSI como X + *dat-clause*, ou *that-clause*, ou *que-clause*, para o neerlandês, inglês e espanhol, respectivamente. Essas CONJ-*clauses* podem ser referidas como orações substantivas e a conjunção equivalente no PB seria *que*. Kaltenböck (2019) demonstra outras formas de orações substantivas que ocorrem em CSI no inglês. A possibilidade de variação da oração substantiva nas CSI-PB será discutida mais adiante.

com marcas de subordinação que não passa, necessariamente, pela dualidade coordenação/subordinação. O significado associado às CSI permite também explicar como uma palavra inusitada em posição de predicado, como o advérbio *naturalmente*, pode ser entendida dentro dessa construção desempenhando uma função avaliativa. Por fim, a noção da GC de que o conhecimento gramatical e lexical está organizado na forma de uma rede de construções permite não apenas gerar uma representação visual dessa construção, mas correlacionar todas as CSI em um esquema hierárquico, que contém da sua forma mais abstratizada (X + *que* + oração substantiva) às suas manifestações concretas no uso linguístico, incluídas as formas mais idiomáticas.

Como nas demais teorias de base funcional, é compatível com a Gramática de Construções a observação de enunciados em contextos reais de uso comunicativo. E, dadas as características desta pesquisa, qualitativa e sincrônica, é também desejável trabalhar com um *córpus* grande e atual, de forma a abarcar o máximo de variedade de matrizes e o mais próximo possível da realidade presente do uso dessas construções.

Em vista disso, escolhemos como fonte para coleta dos enunciados o *Corpus do Português*, mais especificamente a parcela da variedade brasileira (656 milhões de palavras) do seu módulo *Web/Dialetos* (DAVIES, 2016). Trata-se de um *córpus* disponível gratuitamente na internet, composto por textos de páginas de internet e blogues, incluídas as seções de comentários, compiladas no *córpus* em 2015. O *córpus* é etiquetado para classes morfológicas e possui motor de busca próprio, o que permite utilizar expressões de busca mais elaboradas do que apenas a busca por palavras. Quanto à representatividade da língua, o *córpus* retrata a modalidade escrita da língua, particularmente uma escrita voltada para a publicação em meio digital. Com isso, estabelece um recorte da população de falantes que podem ser produtores dos enunciados ali contidos, no caso, usuários ativos de internet, ou seja, pessoas com acesso à internet, algum letramento digital, que fazem uso da rede publicando conteúdos, não apenas consumindo. Não obstante, se mostrou uma amostra produtiva para a coleta de CSI-PB.

A metodologia de buscas foi baseada em expressões compostas por etiquetas de diferentes classes morfológicas seguidas do conectivo *que* e antecedidas por sinal de pontuação, de forma que se garantisse a construção em posição inicial na frase. Cada combinação de “adjetivos + que”, “substantivos + que” e “advérbios + que” foi analisada individualmente, observando a expressão ou não de significado avaliativo sobre o conteúdo proposicional da oração introduzida por *que*. Na etapa de análise, foram verificados os significados específicos expressos pelos enunciados dentro do domínio avaliativo, e os subtipos semânticos foram cruzados com os subtipos formais, gerando uma tabulação que daria origem à rede construcional.

O conteúdo desta dissertação está organizado como descrito a seguir. No capítulo 1, fornecemos uma caracterização das formas e significados das CSI a partir da literatura existente a

respeito dessa construção em diferentes línguas. Também são discutidas diferentes hipóteses para o surgimento dessas construções. No capítulo 2, apresentamos os conceitos básicos da Gramática de Construções e a forma como este enquadre teórico se aplica a esta análise. No capítulo 3, descrevemos o cópulo de trabalho e os métodos de coleta, seleção e análise dos dados. No capítulo 4, discutimos os resultados e propomos a rede construcional das CSI-PB. Na seção final encontram-se algumas conclusões resultantes deste trabalho e apontamentos para trabalhos futuros.

Capítulo 1 A SEMI-INSUBORDINAÇÃO

Neste capítulo partimos do conceito de subordinação para apresentar a insubordinação (EVANS, 2007) e a semi-insubordinação (VAN LINDEN, VAN DE VELDE, 2014), bem como as propostas verificadas na literatura para a emergência das CSI (AELBRECHT, 2006; FORTILLI E GONÇALVES, 2013; VAN LINDEN, VAN DE VELDE, 2014; BEIJERING, NORDE, 2019, WIEMER, 2019). Revisamos as descrições de CSI na literatura para captar as duas faces dessas construções de interesse para a nossa proposta de caracterização: a forma e o significado. Buscamos chegar a uma hipótese de generalização da forma das CSI para o PB, a partir das diferentes descrições de CSI para línguas particulares. Discutimos o significado avaliativo, o mais abrangente (“guarda-chuva”) que se atribui a essas formas, e também a noção de modalização adotada, à moda de Van Linden (2012) e Narrog (2009), incluindo a expressão da evidencialidade. Ao final apresentamos uma síntese do capítulo.

1.1 SUBORDINAÇÃO, INSUBORDINAÇÃO, SEMI-INSUBORDINAÇÃO

Quando uma oração integra outra sintaticamente, seja como um constituinte essencial ou facultativo, diz-se que a primeira está subordinada a esta última, a qual é considerada a oração principal. Como mencionado na seção introdutória, a subordinação de orações pode ser vista como o funcionamento de uma oração em um estrato inferior ao seu, ou seja, “uma oração passar a funcionar como ‘membro’ de outra oração” (BECHARA, 2009, p.47) (ou de um sintagma). Esta relação sintática é marcada por propriedades formais, como o emprego de determinadas conjunções no PB, a exemplo de (7), em que a oração *que o povo se conscientize* é subordinada a *O Brasil precisa* e desempenha função sintática de objeto.

(7) O Brasil precisa que o povo se conscientize (CdP)⁴

Em determinados enunciados, no entanto, orações com marcas formais de subordinação, como uma ordem de constituintes típica, emprego de certo modo verbal ou de determinadas conjunções, podem ser empregadas independentemente de outras orações, o que Evans (2007) chamou de *insubordinação* — “o uso convencionalizado como oração principal do que, à primeira vista, aparenta ser formalmente uma oração subordinada”⁵ (EVANS, 2007, p. 367). Em (8), a conjunção *if* ‘se’ do inglês introduz uma oração condicional, projetando a hipótese do ouvinte poder dar selos ao

⁴ Com exceção de (6), todos os enunciados coletados no *Corpus do Português* (CdP) advêm do módulo *Web/Dialetos*.

⁵ “The conventionalized main clause use of what, on prima facie grounds, appear to be formally subordinate clauses”.

falante, mas não há oração principal nesse enunciado, e a condição expressa, na verdade, um pedido polido, corroborado nesse caso por *please* ‘por favor’.

(8) *If you could give me a couple of 39c stamps please*

‘Se você puder me dar alguns selos de 39¢, por favor’.⁶

(EVANS, 2007, p. 380)

O que antes já se tratava em línguas particulares como o uso de estruturas subordinadas de forma ‘isolada’ (BUSCHA, 1976), ‘suspensa’ (OHORI, 1996), ou ‘independente’ (MONTOLÍO, 1999), após o trabalho de Evans (2007) parece convergir em torno do termo *insubordinação* (EVANS, WATANABE, 2016, p.2). Estudos do fenômeno em perspectiva tipológica ou em descrições de línguas particulares são encontrados nos trabalhos de Mithun (2008), Gras (2011), Verstraete, D’Hertefelt e Van linden (2012), Van Linden e Van de Velde (2014), Sansiñena (2015), Elvira-García (2016), Kaltenböck (2016), Traugott (2017), entre outros.

Para o português destacam-se os trabalhos de Hirata-Vale (2017), Hirata-Vale, Oliveira e Silva (2017), Coradini e Hirata-Vale (2021) e Alves e Hirata-Vale (2021), que tratam de construções condicionais insubordinadas, como em (9), e o de Hirata-Vale (2020), que descreve construções completivas insubordinadas, como em (10).

(9) **Se quiser comentar aí** ôô, Apolinho! (ALVES, HIRATA-VALE, 2021, p. 84)

(10) Quando estiver pronto pra segurar Vinte e Cinco, eles não vão me encontrar fácil. Por isso quero tirar Janaína e a menina daqui. **Que fiquem longe.** (HIRATA-VALE, 2020, p. 306)

Decat (2011) e Stassi-Sé (2012) tratam também de estruturas sintáticas independentes por outros vieses funcionalistas, a primeira como desgarramento, à luz da Teoria da Estrutura Retórica (RST), a segunda como subordinação discursiva, à luz da Gramática Discursivo-Funcional (GDF).

O termo ‘insubordinadas’ descreve essas estruturas em “sentido literal (não subordinadas [sintaticamente]) e em sentido figurado (desobedientes às regras da gramática)” (BEIJERING, 2018, p. 349)⁷. Alguns trabalhos posteriores ao de Evans (2007) discutem juntamente às construções insubordinadas outras construções envolvendo marcas de subordinação que

⁶ Todos os exemplos de enunciados em língua estrangeira são marcados em itálico e recebem tradução nossa na linha seguinte. As citações de trabalhos em língua estrangeira são apresentadas no corpo do texto em português brasileiro, tradução nossa, acompanhadas do excerto na língua original em nota de rodapé.

⁷ Razão pela qual Evans e Watanabe defendem o termo insubordinação frente à alternativa ‘de-subordinação’, proposta por Givón, “which is technically more accurate, but lacks the bite of our term.” (EVANS, WATANABE, 2016, p.2).

compartilham dessa desobediência às normas da gramática. É o caso em Van Linden e Van de Velde (2014) e em Kaltenböck (2019).

Van Linden e Van de Velde (2014) observam, em estudo de corpus do neerlandês flamengo, quatro padrões de “subordinação (semi-)autônoma” com a conjunção *dat* ‘que’. São eles:

I. *autonomous subordinate dat-clauses*, ‘orações com *dat* subordinadas autônomas’, orações iniciadas com *dat* empregadas de forma independente (insubordinadas), como (11);

- (11) <zarra> *tenshin: ga ze daar eens uit hun bed halen*
<Tenshin> *no way / dat ze het alleen doen*
que eles EXPL sozinho fazer
‘Z: Tenshin, vá levantá-los da cama! T: De jeito nenhum! Que eles façam isso sozinhos!’
(VAN LINDEN E VAN DE VELDE, 2014, p. 230).

II. *semi-insubordinate constructions*, ‘construções semi-insubordinadas’, uma matriz avaliativa seguida de uma oração com *dat* que lhe serve de complemento proposicional, como (12);

- (12) *Goe da’t morgen master meeting is ... t’ gaat hoog tijd worden:*
bom que.EXPL amanhã *master meeting* é
‘Bom que o *master meeting* é amanhã... já estava na hora’
(VAN LINDEN E VAN DE VELDE, 2014, p. 233).

III. *cleft-like constructions*, ‘construções similares a clivadas’, construções em que um elemento pertencente à oração com *dat* é antecipado como estratégia de topicalização;

- (13) *Vuil dat het er was!*
sujo que EXPL lá estava
‘Que sujo que estava lá!’
(VAN LINDEN E VAN DE VELDE, 2014, p.227).

IV. *clauseless dat-clauses*, ‘orações com *dat* sem oração’, expressão intersubjetiva composta apenas por uma variação fonológica de *dat* (*datte/dadde*).

(14) <Roland> *Ja, Armand is gene gemakkelijke, zo 'n slecht karakter.*

<bambi> *Oeh! Dadde.*

INTERJ CONJ

‘R: É, O Armand não é fácil, tão mal caráter. B: Sim, você pode dizer que é!’

(VAN LINDEN E VAN DE VELDE, 2014, p.228).⁸

As construções semi-insubordinadas (CSI), segundo item da lista acima, são o objeto de interesse desta dissertação. Elas recebem esse nome a partir da noção de insubordinação porque também contêm uma oração com marcas de subordinação sem uma oração principal, mas essas orações não são completamente independentes porque são antecedidas por um substantivo, um adjetivo ou um advérbio que lhes predica, daí o prefixo *semi*. No português as CSI são reconhecidas como tal pela primeira vez no trabalho de Hirata-Vale, Oliveira e Silva (2017).

(15) Os especialistas também aconselham o consumo de alimentos integrais, entre eles o arroz, cereais, soja, que saciam a fome e não deixam engordar. **Claro que a alimentação também deve ser composta de outros alimentos**, porém deve se haver um consumo moderado, sem exageros. (HIRATA-VALE, OLIVEIRA, SILVA, 2017, p. 37).

O trabalho de Van Linden e Van de Velde (2014) sobre dados de cópulas do neerlandês é inaugural em propor CSI como um padrão amplo, que abrange constituintes iniciais adjetivais, adverbiais e nominais, e que é relacionado às construções insubordinadas, pela terminologia que as denomina e por uma proposta de explicação comum para o seu surgimento.

A esse trabalho inaugural sucedem descrições do fenômeno da semi-insubordinação em línguas particulares e discussões da natureza da construção, encontradas em Sansiñena (2015, 2019), para o espanhol, em Beijering (2016, 2017), para o norueguês e neerlandês, respectivamente, em Beijering e Norde (2019), para o sueco, em Kaltenböck (2019), para o inglês, e em Wiemer (2019), para línguas eslavas.

Uma vez definido o que entendemos por subordinação, insubordinação e semi-insubordinação, cabe destacar a diferenciação feita por Kaltenböck (2019) e por Beijering e Norde (2019) entre as categorias de insubordinação e de semi-insubordinação. Em diferentes capítulos do mesmo volume, os autores concluem, a partir de diferentes análises, que as CSI constituem uma categoria à parte das construções insubordinadas. Kaltenböck (2019) aponta que “em termos de sintaxe externa são como orações autônomas, independentes, e cumprem os critérios de independência pragmática e sintática sugeridos para a insubordinação [...] em termos de sintaxe

⁸ Considerada a tradução dos autores para o inglês ‘*Yes, you can say that again!*’.

interna, todavia, identificam-se como uma oração subordinada governada por um elemento matriz” (KALTENBÖCK. 2019, p.192-193).⁹

Beijering e Norde (2019, p. 101) analisam diacronicamente CSI adverbiais do sueco e concluem que determinados advérbios na posição de matriz apresentam características remanescentes de um processo de união ou fusão de orações. Portanto, não apenas constituem construções distintas, como não podem ter sua origem explicada pela trajetória de insubordinação via elipse da oração principal, proposta de Evans (2007), segundo a qual apenas o material originalmente contido na oração subordinada se mantém na construção insubordinada.

No decorrer deste capítulo abordaremos as demais características das CSI descritas na literatura, decompondo a discussão quanto às hipóteses para sua gênese, em 1.2, e quanto a seus aspectos de forma e de significado, em 1.3 e 1.4, respectivamente. Em 1.5 apresentamos uma síntese do capítulo.

1.2 PROPOSTAS PARA A ORIGEM DA (SEMI-)INSUBORDINAÇÃO

Evans (2007) propõe que as construções insubordinadas emergem por um processo elíptico diacrônico a partir de orações subordinadas, podendo dar origem a construções com significado convencionalizado, das quais seja impossível recuperar qualquer material elidido. Os estágios da trajetória de insubordinação são dados no quadro 1.

Subordinação	Elipse	Elipse convencionalizada	Reanálise como uma estrutura principal
(1)	(2)	(3)	(4)
Construção subordinada	Elipse da oração principal	Restrição à interpretação do material elíptico	Uso convencionalizado como principal de oração originalmente subordinada (construcionalização)

Quadro 1: Trajetória de insubordinação (EVANS, 2007, p. 370).

Em comparação com as noções saussurianas de *langue* e *parole*, Evans e Watanabe (2016) apontam o caráter de estabilidade dos estágios 1 e 4 (A e D) e de fluidez dos estágios 2 e 3 (B e C).

Relevantes para a interação de *langue* e *parole*, os estágios A e D contam claramente como *langue*, sendo parte das estruturas gramaticais convencionalmente fixadas da língua, B, como *parole*, surgindo na produção aparentemente caótica de estruturas

⁹ “In terms of their external syntax they are like stand-alone, independent clauses and conform to the criteria of pragmatic and syntactic independence suggested for insubordination [...] In terms of their internal syntax, however, they are identifiable as a subordinate clause governed by a matrix element”.

aberrantes e incompletas no fluxo da conversa ou discurso, enquanto C parece estar no limiar entre *langue* e *parole*, dependendo de até que ponto se considere que a elipse tenha se convencionalizado.¹⁰ (EVANS, WATANABE, 2016, p.2)

A insubordinação é, portanto, descrita em termos de processo e de produto, ou, como elaborado por Evans e Watanabe, “pode ser definida diacronicamente como o recrutamento de estruturas de oração principal a partir de estruturas subordinadas, ou sincronicamente como o uso independente de construções que exibem características à primeira vista de estruturas subordinadas”¹¹ (EVANS, WATANABE, 2016, p.2).

Como apontado em 1.1, as CSI e as construções insubordinadas são inicialmente identificadas como duas de construções diferentes por Van Linden e Van de Velde (2014), e a exclusão das CSI da categoria das insubordinadas é sustentada pelas análises de Kaltenböck (2019) e de Beijering e Norde (2019). Assim, não é estranho que tal trajetória de formação (quadro 1) das construções insubordinadas não seja satisfatória para explicar a formação de CSI.

Van Linden e Van de Velde (2014) propõem que o conjunto de construções (semi-) insubordinadas (os quatro tipos, inclusas as CSI e as construções insubordinadas) se originou por hiponálise, nos termos de Croft (2000), ou seja, por um processo de mudança por meio do qual ocorre a incorporação de significado à forma, e argumentam que o caminho para a emergência desses padrões no neerlandês se abriu a partir de construções avaliativas do período medieval, nas quais orações subordinadas eram deslocadas para o início do período, como em (16):

- (16) *Dat God ghedoocht, dat es groot wonder!*
que Deus tolere isso é grande maravilha
‘Que Deus tolere isso, essa é uma grande maravilha!’
(VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014, p. 242)

Os autores observam que “o fronteamento de orações subordinadas não é intuitivo, em neerlandês ou em outras línguas, já que constituintes sintaticamente pesados (como orações finitas) preferem a posição final da sentença”¹² (VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014, p.242), e ocorreria por motivação pragmática, a natureza interpessoal dessas construções, incorporada ao longo do tempo como significado inerente às *dat-clauses* em posição inicial. Os autores apresentam sua proposta como complementar à explicação de Evans (2007) para a origem da insubordinação,

¹⁰ “Relevant to the interplay of *langue* and *parole*, stages A and D clearly count as *langue*, being part of the conventionally fixed grammatical structures of the language, B as *parole*, arising in the seemingly chaotic production of aberrant and incomplete structures in the flow of conversation or discourse, while C seems to lie on the threshold between *langue* and *parole*, depending on how far one takes the ellipsis to have become conventionalised.”

¹¹ “It can be defined diachronically as the recruitment of main clause structures from subordinate structures, or synchronically as the independent use of constructions exhibiting *prima facie* characteristics of subordinate clauses”.

¹² “Fronting of subordinate clauses is not straightforward, neither in Dutch, nor in other languages, as syntactically heavy constituents (such as finite clauses) prefer sentence-final position”.

ao oferecer uma motivação para o uso de tais construções em detrimento das construções complexas das quais elas derivariam.

Outro ponto de vista para a formação de CSI é o de Aelbrecht (2006), que propõe, de uma perspectiva gerativista, a formação de predicados adjetivais e adverbiais sem cópula como o resultado de elipse sincrônica, ou seja, a formulação de estruturas como (17) na forma de uma estrutura subjacente (17'), da qual elementos semanticamente (virtualmente) vazios seriam elididos. Essa proposta não aponta, no entanto, as motivações que levariam os falantes a eleger uma forma frente à outra, tampouco se pode generalizar tal processo para CSI que não permitem paráfrase por adição da cópula (ex.: **é logicamente que chova*).

(17) *Goed da Kris komt!*

bom que Kris vem

‘Bom que o Kris vem.’

(17') *Het is goed da Kris komt!*

EXPL é bom que Kris vem

‘É bom que o Kris vem.’

(AELBRECHT, 2006, p. 1)

Beijering e Norde (2019) observam o desenvolvimento diacrônico em sueco de uma CSI cuja matriz é um advérbio epistêmico, *kanske* ‘talvez’ a partir de *kan + skie* (lit. ‘pode acontecer’). As autoras destacam a origem do advérbio na redução de uma expressão verbal como justificativa do encaixamento de uma oração introduzida por *que*, (como em “pode ser que...” em PB), traço que se manteve no uso atual de construções como (18).¹³

(18) *Kanske att killen inte är intresserad*

Talvez que cara não está interessado]

‘Talvez/Pode ser que o cara não esteja interessado’.

(BEIJERING; NORDE, 2019, p. 80)

Essa proposta não se apresenta como uma hipótese geral para a origem de CSI, mas como uma demonstração de que CSI adverbiais podem ter chegado a uma mesma forma via diferentes

¹³ Kaltenböck (2019) nota que em inglês as matrizes de CSI seriam exclusivamente substantivos e adjetivos. Mas admite a possibilidade de uma exceção adverbial, caso se considere a construção “*maybe that...*”. Apesar de não se verificarem outras CSI adverbiais em inglês, a justificativa de reminiscência de uma *that-clause* como complemento de uma estrutura verbal anterior, proposta por Beijering e Norde para *kanske* no sueco, parece plausível também para *maybe*, advérbio epistêmico derivado de dos verbos *may + be* (‘pode’+ ‘ser’).

caminhos, como a redução de uma expressão verbal no caso de *kanske*. A possível pluralidade de origens de CSI adverbiais é apontada por Sansiñena (2015, 2019) e por Ramat e Ricca (1998):

De uma perspectiva intralinguística, uma explicação puramente funcional é insuficiente para dar conta dos vários graus de aceitabilidade de adverbiais + que. Um estudo diacrônico enfocando a origem e o desenvolvimento individual de cada forma teria que explicar seus diferentes comportamentos em sincronia¹⁴ (SANSIÑENA, 2019, p. 231)

Ramat e Ricca (1998) sugerem dois possíveis caminhos para explicar a “intrigante” ocorrência de construções iniciadas por advérbio + complementizador em línguas da Europa, como (19), em polonês, (20), em francês, e (21), em estoniano, nas quais os advérbios “parecem ir contra a sua natureza” (RAMAT, RICCA, 1998, p. 213), ao cumprir papel de uma predicação principal:

(19) *Naturaln-ie ze Jan juz wyszedl.*

natural-ADV COMP Jan já sair:PST:M:3SG

‘Naturalmente (que) o João já saiu’.

(20) *Probablement (qu') il va pleuvoir.*

provavelmente COMP EXPL ir:3SG chover:INF

‘Provavelmente (que) vai chover’

(21) *Vaevalt (et) sadama hakkab.*

difícilmente COMP chover:INF começar:3SG

‘Difícilmente (que) vai chover. [...]

A coocorrência de um advérbio e de um complementizador pode ser facilmente compreendida de um ponto de vista diacrônico para aqueles advérbios que se originaram por meio da univerbação de um predicado superior (como *peut-être* ‘talvez’ em francês); mas este não é o caso dos itens discutidos acima. Isso poderia ser explicado pela extensão da construção predicativa ‘*é + ADJ + que...*’ para construções adverbiais, provavelmente por meio daqueles advérbios que são formalmente idênticos às formas adjetivas: ‘*é + ADJ / ADV + que... > ADV que...*’) (RAMAT, RICCA, 1998, p. 213-214)¹⁵

¹⁴ “From an intralinguistic perspective, a purely functional explanation is insufficient to account for the varying degrees of acceptability of adverbiais + que. A diachronic study focusing on the origin and individual development of each form would have to explain their different behaviour in synchrony”.

¹⁵ “The co-occurrence of an adverb and a complementizer could be readily understood from a diachronic point of view for those adverbs which originated via univerbation of a higher predicate (like *peut-être* ‘maybe’ in French); but this is not the case for the items discussed above. These could be accounted for by the extension of the predicative construction ‘it is + ADJ + that...’ to adverbial constructions, probably via those adverbs which are formally identical to adjectival forms : ‘it is + ADJ/ADV + that...’ -> ‘ADV that...’”.

Wiemer (2019) advoga, por meio de dados diacrônicos, que estruturas sintaticamente idênticas às aquelas do neerlandês, classificadas como insubordinadas e semi-insubordinadas por Van Linden e Van de Velde (2014), são encontradas em línguas eslavas, mas que teriam surgido por expansão analógica a partir de construções simples, sem cópula, em que predicativos tomam como complemento um sintagma nominal, um sintagma preposicionado, uma oração reduzida de infinitivo ou nada (em casos de predicativos meteorológicos), e não por hipoanálise a partir de construções complexas. Neste caso, a evidência apresentada por Wiemer contribui, não com uma proposta para o surgimento das CSI, mas com a ressalva de que ‘fenômenos sintáticos superficialmente idênticos podem diferir radicalmente em suas gêneses’¹⁶ (WIEMER, 2019, p. 161), gerando o que ele chama de insubordinação e semi-insubordinação ilusórias em línguas eslavas. Para o autor:

[A] confiança apenas em uma descrição sincrônica desses fenômenos pode levar a uma avaliação inadequada em termos de (semi-)insubordinação, na verdade, casos alegados de insubordinação podem até mesmo resultar em artefatos de abordagens anacrônicas em relação à estrutura sintática. Além disso, a semi-insubordinação pode ser um fenômeno restrito por área, visto que as pré-condições para mudanças nos padrões (construções) que são salientes para línguas específicas não são fornecidas em outros lugares.¹⁷ (WIEMER, 2019, p. 161)

Uma proposta de origem que não visa às CSI em sua análise focal, mas que as interpela como consequência de um processo de gramaticalização, se encontra em Fortilli (2013) e Fortilli e Gonçalves (2013), para o PB. Os autores apresentam construções correspondentes a CSI adjetivais como um estágio intermediário de mudança entre construções complexas com cópula e o uso parentético de adjetivos epistêmicos (sozinhos). Segundo Fortilli e Gonçalves (2013):

[A] recategorização (portanto, gramaticalização) da construção *é claro que* como advérbio/parentético epistêmico ocorre paralelamente a um processo de dessentencialização, que reduz a oração matriz ao seu núcleo predicador (claro), a exemplo do processo clássico de dessentencialização de uma subordinada, cujo núcleo verbal, ao perder finitude e se tornar uma nominalização, se recategoriza como termo simples atuante no que restou da oração matriz. (FORTILLI, GONÇALVES, 2013, p. 99-100)

Fortilli (2013) afirma que “somente os predicados epistêmicos são alvo de um tipo de mudança linguística que os leva a outro comportamento sintático e pragmático. De encaixadores, os

¹⁶ “[S]uperficially identical syntactic phenomena can differ radically in their genesis.”

¹⁷ “Reliance only on a synchronic account of these phenomena can lead to an inadequate assessment in terms of (semi-)insubordination, in fact, alleged cases of insubordination can even turn out as artefacts of anachronistic approaches toward syntactic structure. In addition, semi-insubordination may be an areally restricted phenomenon inasmuch as the preconditions for changes to patterns (constructions) that are salient for specific languages are not given elsewhere”

adjetivos epistêmicos como *claro, lógico, certo, evidente e óbvio* passam a ser modificadores de sentença” (FORTILLI, 2013, p.153). Tal análise acompanha a hipótese apresentada abaixo:

[Q]uando todas essas transformações ocorrem, o complexo oracional já se tornou uma sentença simples modificada por um parentético epistêmico, o que nos parece indicativo de dois processos específicos de mudança linguística: a Gramaticalização do adjetivo encaixador e a Dessentencialização da oração matriz. (FORTILLI, 2013, p. 6)

As construções com *que* em (22) e (23) (grifos nossos), apresentadas por Fortilli e Gonçalves (2013) como estágios intermediários do processo de gramaticalização, correspondem às construções aqui descritas como CSI:

(22) *Claro que eu penso ... eu me esforço pra poder parar*

(FORTILLI, GONÇALVES, 2013, p. 97)

(23) *Lógico que eu num tenho os mesmos recursos que você tem no atelier.*

(FORTILLI, 2013, p.120)

As análises em Fortilli (2013) e Fortilli e Gonçalves (2013) apresentam uma alternativa coerente para a gramaticalização de adjetivos epistêmicos, e contemplam CSI de matriz adjetival epistêmica asseverativa.

As descrições de semi-insubordinação até aqui apresentadas sugerem que tais construções podem integrar um padrão mais amplo de pareamento entre formas e significados, que abrange construções de matriz adjetival junto a outras de matriz adverbial, nominal ou interjetiva.

O trabalho que ora se propõe não trata de dados diacrônicos e, portanto, não permite corroborar ou recusar para o PB as hipóteses levantadas nesta seção para o surgimento de CSI. As observações sobre a diacronia dessas construções feitas por outros autores suscitam atenção a determinados pontos na análise dos dados sincrônicos do PB, seja para a origem de determinadas CSI ou para a possibilidade da semelhança entre construções numa dada sincronia não corresponder a uma semelhança de origem.

Veremos nas duas seções seguintes as propriedades de forma e de significado que caracterizam as CSI de um ponto de vista sincrônico, como descrito na literatura.

1.3 PROPRIEDADES DE FORMA DAS CSI

Van Linden e Van de Velde (2014) descrevem a constituição de CSI como “uma oração subordinada introduzida por *dat* que é precedida por apenas um elemento que parece funcionar como oração matriz” (VAN LINDEN, VAN DE VELDE, 2014, p.231)¹⁸. Os autores atestam na variedade belga do neerlandês CSI iniciadas por advérbios (24), por adjetivos (25) e por substantivos (26).

(24) *misschien da'k als bob stomdronken toch binnen zal mogen:-)))*

talvez que.eu como motorista da rodada muito bêbado ainda dentro deva poder
'Talvez como motorista da rodada me deixem entrar mesmo caindo de bêbado'

(25) <xphile> *LordLeto: hoe kunde in pine naar de laatste mail gaan van ne folder ? [. . .]*

<`> *xphlie: andersom sorteren ?:)*

<xphile> *aha*

<xphile> *cool*

<xphile> *stom da'k daar nie aangedacht heb; `*

estúpido que.eu lá não pensado.em tenha

'<X> LordLeto: Como você vai pro último e-mail de uma pasta no Pine?

<`> xphile: Ordenando ao contrário?

<X>: Ah, legal! Tão estúpido que eu não tenha pensado nisso'

(26) *chance dat mijne radio hier nog opstaat*

sorte que meu rádio aqui PRT está.ligado

'Sorte que meu rádio ainda está ligado (aqui)!'

(VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014, p.231)

No espanhol, Sansiñena (2019) relata também interjeições secundárias, isto é, derivadas de outras classes gramaticais, como matrizes de CSI, além de advérbios.

(27) *[A girl talking on the phone]*

menos mal que hoy ya te veo(.) no sé lo que haría sin ti(.) en serio te quiero mazo

'[uma garota falando ao telefone]

Menos mau que hoje já te vejo (.) Não sei o que faria sem ti (.) Sério, te amo muito'

(SANSIÑENA, 2019, p. 20)

¹⁸ “[A] subordinate dat-clause that is preceded by just one element which seems to function at matrix clause level.”

A autora oferece uma descrição detalhada para distinguir CSI do espanhol, como (27), de outros padrões do tipo X + orações com *que*, como *prefácio + oração com que*, como (28), e casos de *que-causal*, como (29). No primeiro caso abaixo, (28), uma declaração é introduzida na sequência do discurso pelo conectivo *que*, antecedida por um elemento inicial (*tronco*) que não tem escopo sintático sobre a oração, mas constitui um ato discursivo separado, que lhe serve de prefácio. No segundo caso, (29), a oração com *que* apresenta uma causa ou justificativa para a expressão inicial, nesse caso, o alerta de ter cuidado.

(28) [*An adolescent has fallen in the mud*]

J01: *tronco que me da vergüenza ajena*

G01: *qué/*

J01: *que se ha caído en todo en el barro*

[Um(a) adolescente caiu na lama]

‘J01: Mano, [QUE] me dá vergonha alheia.

G01: O quê?

J01: Que ele(a) caiu na lama.’

(SANSIÑENA, 2019, p. 203)

(29) G01: *cuidado (.) que se cae*

‘G01: cuidado, [QUE] vai cair’

(SANSIÑENA, 2019, p. 219)

Segundo a autora, para fazer tal distinção:

Atenta-se aos significados expressos por construções semi-insubordinadas, sua equivalência aproximada a alternativas com orações com *que* sozinhas – se houver –, as restrições de significado da oração impostas pelo elemento precedente, o potencial para uma quebra de entonação entre a oração e o elemento que a precede, e o tipo de relação sintática entre a oração e o elemento precedente¹⁹ (SANSIÑENA, 2019, p. 208).

Podemos decompor esse excerto em três critérios práticos para reconhecer CSIs:

¹⁹ “Attention is paid to the meanings expressed by semi-insubordinate constructions, their near equivalence to plain que-clause alternatives – if any –, the restrictions on the meaning of the que-clause imposed by the preceding element, the potential for an intonation break between the que-clause and the element that precedes it, and the type of syntactic relation between the que-clause and the preceding element”.

- i. [X + oração] formam uma única unidade de construção de turno (TCU), do que decorre a impossibilidade de quebra de entoação entre as duas partes;
- ii. X tem escopo funcional sobre a oração e impõe sobre ela uma restrição de significado;
- iii. X tem significado avaliativo, e não de prefácio ou de ato discursivo independente;

O primeiro critério revela uma característica prosódica das CSI, a impossibilidade de quebra entonacional entre suas partes, aplicável a análises de dados em que é possível verificar o áudio. O segundo e o terceiro critérios, semântico-pragmáticos, dizem respeito ao significado das CSI, que apresentaremos na seção seguinte.

Van Linden e Van de Velde (2014) e Sansiñena (2019) demonstram a variabilidade de classes gramaticais do *slot* X e caracterizam a relação entre X e a oração com *que/dat*. Kaltenböck (2019) lança um olhar sobre o outro *slot* da construção, o da oração. O autor observa para o inglês que as mesmas relações sintáticas e semânticas existentes entre *that-clauses* (orações com *que*) e as matrizes de CSIs são observadas com outras formas de oração substantiva, o que o autor ilustra por dados de *corp*, como:

(30) a. *Well, funny you should ask, Florence.*

‘Bem, engraçado você perguntar, Florence.’

b. *Strange how the Lebanon should be covered with them*

‘Estranho como o Líbano fica coberto deles’

c. *Lovely being here*

‘(É) Adorável estar aqui’

d. *Pity that she had not lived longer*

‘Pena que ela não viveu mais’

e. *Pleasure to have you here*

‘Prazer em ter você aqui’

(KALTENBÖCK, 2019, p.190)

Estes dados em (30) sugerem que no inglês, além do *slot* inicial da matriz variar em classe gramatical, o segundo *slot* também varia entre outros tipos de oração. O quadro 2 lista os tipos de

constituintes iniciais e de orações substantivas que se encaixam na estrutura de CSI do inglês, de acordo com o autor.

Elemento matriz	Oração subordinada
Adjetivo, Substantivo	<i>that-clause, zero that-clause, how-clause; to-infinitive, -ing clause</i>

Quadro 2: Estrutura típica da semi-insubordinação em inglês. (KALTENBÖCK, 2019, p. 191).

Considerando que Kaltenböck (2019) atesta para o inglês apenas CSI de matrizes adjetivais e substantivais, é possível propor uma generalização de forma mais ampla que $[[X]$ [*that-clause*]] para essa língua, combinando as informações de classes da matriz e formas da oração:

(31) $[[X]$ (CONNECT) [oração substantiva]]. X é um adjetivo ou substantivo.

Acreditamos que todos os elementos de forma apontados pelos autores podem ser encontrados entre as CSI-PB, tanto as quatro classes gramaticais apontadas para o *slot* de X, adjetival, adverbial, substantival (VAN LINDEN E VAN DE VELDE, 2014) e interjetiva (SANSIÑENA, 2019), quanto a variação das orações substantivas entre não finitas e finitas introduzidas por diferentes conectivos (KALTENBÖCK, 2019). Propomos, portanto, a seguinte hipótese de generalização de forma para as CSI-PB:

(32) $[[X]$ (CONNECT) [oração substantiva]].

X é uma matriz adjetival, adverbial, substantival ou interjetiva.

Essa generalização sintetiza um padrão construcional composto de três subpartes, cujos *slots* são abertos em $[X]$, (CONNECT) e [oração substantiva]. O slot reservado a $[X]$ pode ser preenchido por construções nucleadas por um adjetivo, um advérbio, um substantivo ou uma interjeição, o *slot* reservado à [oração substantiva] pode ser preenchido por orações finitas e infinitivas, e o *slot* (CONNECT) pode ser preenchido por conectivos subordinativos, mas apenas é preenchido na presença de orações finitas.

Concluída a caracterização de forma das CSI, passamos aos seus aspectos de significado, a outra face do pareamento da construção.

1.4 PROPRIEDADES DE SIGNIFICADO DAS CSI

Van Linden e Van de Velde (2014, p. 231) afirmam que a matriz das CSI transmite "avaliação atitudinal (incluindo epistêmica) do falante sobre o conteúdo proposicional expresso na oração com *que*"²⁰. Eles observam diferentes aspectos funcionais para os três subtipos formais confirmados em sua investigação: adverbial, adjetival e substantival.

O tipo adverbial foi descrito por Aelbrecht (2006) como restrito a advérbios sentenciais. Van Linden e Van de Velde (2014, p.231) afirmam que se dividem em dois subtipos: um modal epistêmico, que avalia o grau de verdade da proposição, como (33); e um puramente avaliativo, que assume o conteúdo proposicional da oração como verdadeiro e expressa o julgamento do falante sobre seu conteúdo, como em (34).

(33) *misschien da 'k als bob stomdronken toch binnen zal mogen:-)))*
talvez que.eu como motorista da rodada muito bêbado ainda dentro deva poder
'Talvez como motorista da rodada me deixem entrar mesmo caindo de bêbado'

(34) <Gonzy> *mormeltje: neen, ik kaart met mijn voeten en masseert jou met mijn handen*
<Boozer> *zu moet da*
<Mormeltje> *gelukkig dat je nie met je voeten masseert:))*
felizmente CONJ você não com seus pés massagear.3S.PRS
'G: Mormeltje, não eu jogo cartas com meus pés e massagem você com minhas mãos.
B: Como deve ser. M: Felizmente (que) você não massageia com seus pés! *sorriso*'
(VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014, p.232)

O subtipo epistêmico se dividiria ainda em 'de certeza' e 'de incerteza', e estas variedades semânticas seriam acompanhadas por distinções formais. De acordo com os autores:

Advérbios de certeza não só expressam significado epistêmico, mas também funcionam na marcação retórica de expectativa e contra-expectativa. É especialmente esta última função, ao identificar um valor extremo na escala epistêmica [...], que confere força exclamativa às construções semi-insubordinadas com advérbios de certeza como *(na)tuurlijk* ['naturalmente'] [...] Expressões com advérbios de incerteza [...] são igualmente interpessoais em significado [...], mas não têm força exclamativa, por identificarem um valor não extremo (mas intermediário) na escala epistêmica. (VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014, p.232)²¹

²⁰ "[A]ttitudinal (including epistemic) assessment of the propositional content expressed in the dat-clause".

²¹ "[C]ertainty adverbs not only express epistemic meaning, but also function rhetorically in marking expectation and counter-expectation. It is especially the latter function, due to identifying an extreme value on the epistemic scale (cf.

O tipo adjetival de CSI também é descrito por Van Linden e Van de Velde (2014) como uma expressão da avaliação do falante sobre o conteúdo proposicional da oração com *que*, o qual é pressuposto como verdadeiro, assim como em CSI adverbiais avaliativas. No entanto, destacam a diferença de que “adjetivos podem tipicamente ser usados tanto como atributos quanto como predicativos, enquanto advérbios não” (VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014, p.233)²², de forma que uma reconstrução com cópula tal como (36’) requer um complemento *zo* (‘o caso’) para ser feita com um advérbio, como em (35’), característica já observada por Aelbrecht (2006).

(35) *Goed da Kris komt!*

bom que Kris vem

‘Bom que o Kris vem.’

(35’) *Het is goed da Kris komt!*

EXPL é bom que Kris vem

‘É bom que o Kris vem.’

(36) *Misschien da Kris komt.*

Talvez que Kris vem

‘Talvez que o Kris venha.’

(36’) *Het is misschien zo da Kris komt.*

EXPL é talvez o caso que Kris vem

‘Talvez seja o caso de que o Kris venha.’

(adaptado de AELBRECHT, 2006, p. 1)

Van Linden e Van de Velde (2014) incluem ainda adjetivos como *blij* (‘feliz’), como matrizes do que chamam CSI ‘afetivos’ um tipo de CSI que “não avalia um conteúdo proposicional particular como tal, mas especifica o estado psicológico do falante frente a um certo conteúdo”²³ (VAN LINDEN, VAN DE VELDE, 2014, p. 233), como em (37). Observam que essas construções se traduzem para o inglês com *I am ADJ* ‘eu estou ADJ’ em vez de *it is ADJ* ‘é ADJ’, “já que os adjetivos ‘emotivos’ ou ‘afetivos’ são tipicamente predicados de humanos e não de situações ou eventos”²⁴ (VAN LINDEN, VAN DE VELDE, 2014, p. 233).

Michaelis, 2001), that lends exclamative force to semi-insubordinated constructions with certainty adverbs such as (na)tuurlijk in (16) [...] Expressions with uncertainty adverbs like (14a) are equally interpersonal in meaning as (16), but do not have exclamative force, as they identify a non-extreme (but intermediate) value on the epistemic scale”.

²² “Adjectives can typically be used both attributively and predicatively, whereas adverbs generally cannot”.

²³ “[D]o not evaluate a particular propositional content as such, but specify the psychological state of the speaker towards a particular content”.

²⁴ “[S]ince the ‘emotive’ or ‘affective’ adjectives are typically predicated of humans rather than situations or events”.

(37) <Pifke> *eef dan zijn we met 2:))*

<Evaatje> *pifke blij da'k nie alleen ben. . . da lucht enorm op [. . .]*
pifke feliz que.eu não sozinho estou isso alivia enormemente PRT

‘P: Eef, então somos dois :)’

E: Pifke, feliz que não estou sozinho. É um alívio enorme’

(VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014, p.233)

Finalmente, para o tipo substantival, os autores identificam ocorrências de valor avaliativo, epistêmico e afetivo, ilustrados em (38), (39) e (40), respectivamente. No entanto, não se verifica para este tipo formal a variedade epistêmica de certeza.

(38) <Waliwalkr> *nijn ge moet ni halfnaakt achter uwe pc zitten he*

<nijntie> *wali ik zit hier in een skipak*

<Waliwalkr> *amaai dat moet nagal een zicht zijn,*
geen wonder dat de kuismadam de deur laat openstaan
não surpresa que a faxineira a porta deixa aberta

‘W: Nijn, você não devia ficar sentado seminu no seu PC.

N: Wali, Eu estou usando uma roupa de esqui.

W: Uau, deve ser uma visão e tanto! Não é surpresa que a faxineira deixe a porta aberta!’

(39) <WoWDaN> *If most car accidents occur within five miles of home, why doesn't everyone move 10 miles away?*

<CCC> *ik vind dat iedereen op 5 mijl van wowdan moet gaan leven,*
Grote kans dat hij in zo'n ongeval betrokken raakt dan:-)
grande chance que ele em tal acidente envolvido bate então

<WoWDaN> *grote kans dat wowdan een van die mensen dan overhoop rijdt zeker :p*
grande chance que wowdan uma de essas pessoas então atropele PRT

‘W: Se a maioria dos acidentes de carro ocorre a menos de cinco milhas de casa, por que não se muda todo mundo 10 milhas mais pra longe?’

C: Acho que todos deveriam ir morar a 5 milhas do Wowdan. Grande chance (de) que aí ele se envolva num desses acidentes :-)

W: Grande chance (de) que aí o Wowdan atropele uma dessas pessoas :p

(40) <VLinderke> *frisk jong ge deed mij een hartattack krijgen!!!!*

<Frisk> *ben er terug*

<VLinderke> *oef*

<Frisk> *hoe bedoelt ge*

<Frisk> *schrik da ik ging bellen of wa?*

medo que eu fui ligar ou o-quê

‘V: Frisk, cara, você me deu um ataque do coração! F: Eu voltei. V: Ufa!

F: Como assim? Medo (de) que eu tenha ido ligar ou o quê?

(VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014, p.234-235)

A variedade semântica dos tipos formais verificada pelos autores encontra-se no quadro 3.

Subtipo formal	Epistêmicas		Avaliativas	Afetivas
	Incerteza	Certeza		
Adverbial	Sim	Sim	Sim	--
Adjctival	--	--	Sim	Sim
Nominal	Sim	--	Sim	Sim

Quadro 3: Variação semântica dos tipos formais de CSI em neerlandês flamengo (adaptado de VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014, p.235).

Convém notar que adjetivos e substantivos são típicos predicativos em construções com predicados nominais, como “é verdade/é claro que...”, o que os diferencia dos advérbios e interjeições. Beijering (2017), em estudo baseado em corpus das CSI do neerlandês, observa baixa frequência de CSI de matriz adverbial e sugere que “elementos pertencentes à categoria ambígua de “adjetivo-advérbio” [...] provavelmente têm status adjctival, em vez de adverbial, porque advérbios sentenciais carecem de propriedades de predicação.”²⁵ (BEIJERING, 2017, p. 344).

Para aqueles advérbios que, ainda assim, são encontrados em matrizes de CSI, a autora atribui as explicações propostas por Ramat e Ricca (1998) (mencionadas em 2.2) de herança da estrutura verbal, em caso de advérbios derivados de verbos, e de extensão da construção predicativa, em caso de advérbios derivados de adjetivos. Ou seja, uma matriz como *maybe (that)*, do inglês, ocuparia essa posição predicativa por herança da sua origem verbal de *may be* ‘pode ser’, e uma matriz como *logicamente*, do PB, por extensão da construção com *lógico que*.

²⁵ “[E]lements belonging to the ambiguous category of ‘adjective-adverbs’ (cf. Aelbrecht 2006) are likely to have adjectival, rather than adverbial status, because sentence adverbs lack predication properties.”

Para Sansiñena (2019), as CSI do espanhol seriam distribuídas em duas categorias semânticas amplas de acordo com a função do constituinte inicial: “aquelas que expressam avaliação subjetiva e implicam pressuposicionalidade, e aquelas que expressam qualificação epistêmica e evidencial de uma proposição” (SANSIÑENA, 2019, p. 222)²⁶. O primeiro tipo seria composto por matrizes de interjeições secundárias e as avaliações por elas expressas recairiam sobre um conteúdo proposicional dado como verdadeiro, como em (41). O segundo tipo teria matrizes adverbiais de valor epistêmico ou evidencial, como ilustram (42) e (43), respectivamente.

(41) [A reporter talking about the Spanish athlete Antonio Prieto]

A: *En enero de mil novecientos ochenta y seis se operó, y no pudo volver a los entrenamientos hasta el mes de abril. **Suerte que Antonio se toma la vida con optimismo.** Él dice que los dos años de lesión en el fondo le han venido bien para que el organismo haya podido regenerarse.*

‘[Um repórter falando sobre o atleta espanhol Antonio Prieto]

R: Em janeiro de mil novecentos e oitenta e seis ele foi operado e só pôde voltar a treinar em abril. Sorte que Antonio leva a vida com otimismo. Ele diz que os dois anos de lesão, no fundo, o ajudaram muito para que o corpo fosse capaz de se regenerar.’

(42) [A group of classmates going back to the classroom after recess]

G01: *ahora hay que correr (..) correr*

G03: *ja ja ahora hay que correr*

J01: *sí (.) **capaz que corro hoy***

‘[Um grupo de colegas voltando para a sala de aula após o recreio]

G01: agora temos que correr (..) correr

G03: ha ha agora temos que correr

J01: sim (.) Capaz que eu corra hoje’

(43) [Adolescents discussing their plans for the day]

G03: *a qué hora va a venir la gente/*

J01: *por supuesto que iban a venir a las cinco y media*

²⁶ “[T]he ones that express subjective evaluation and imply presuppositionality, and the ones that express epistemic and evidential qualification of a proposition.”

‘[Adolescentes discutindo seus planos para o dia]

G03: Que horas vai vir o pessoal?

J01: Decerto (que) eles iam vir às cinco e meia’

Outra distinção funcional relevante é aquela entre CSI avaliativas e CSI discursivas, apresentada por Beijering (2016, 2017) em suas descrições de CSI do norueguês e do neerlandês. A autora estende às CSI a divisão proposta por D’Hertefelt e Verstraete (2014) para construções insubordinadas, entre expressivas e elaborativas. As primeiras correspondem ao tipo encontrado nos trabalhos de Van Linden e Van de Velde (2014) e de Sansiñena (2015), uma avaliação sobre o conteúdo proposicional da oração com *que* (CSI avaliativas), já as últimas exibem elemento inicial usado para conectar um enunciado subsequente ao discurso anterior (CSI discursivas), como (44):

(44) *Nordstrand trur jeg faktisk er samme sånn som Manglerud bare at det er*

Nordstrand penso eu na verdade é o mesmo que Manglerud só que EXPL é

andre type mennesker som går der

outro tipo gente que vai lá..

‘Eu acho que Nordstrand é na verdade o mesmo que Manglerud. **Somente que** é outro tipo de gente que vai lá’ (BEIJERING, 2016, p. 175)

Voltando à noção de construções como pareamentos de forma e significado (GOLDBERG, 1995), podemos dizer que as CSI avaliativas são o pareamento da forma [[X] [oração substantiva]] com significado de avaliação de proposição²⁷, enquanto CSI discursivas (BEIJERING, 2016; 2017) têm forma similar, mas são claramente distintas em significado, estabelecendo outra classe de construções. As construções alvo deste trabalho se enquadrariam no tipo avaliativo na classificação de Beijering (2016, 2017). O tipo discursivo apresenta comportamento sintático e semântico mais próximo daquele de orações insubordinadas, embora precedidas por um conector.

1.4.1. *Sobre atributos avaliativos*

Assim como construções complexas com verbo de cópula, CSI também relacionam proposições a um predicativo. Lemke (1998, p.3) afirma que “ao menos em inglês, os únicos atributos semânticos que proposições e propostas podem ter são os avaliativos”²⁸. Para Lemke:

²⁷ Utilizaremos neste trabalho o termo proposição em sentido amplo, considerando que o conteúdo das orações substantivas das CSI serve de complemento proposicional às suas diferentes matrizes avaliativas, modais ou não modais, como indicado na literatura, sem distinção mais estrita quanto à modalização recair sobre um estado-de-coisas ou sobre uma proposição no sentido da lógica, entidade que se julga em termos de valor de verdade.

²⁸ “In English at least, the only semantic attributes that propositions and proposals can have are evaluative ones.”

Seja o que for que tenhamos a dizer sobre o mundo, também podemos dizer aos outros, no mesmo enunciado, até que ponto acreditamos que o que dizemos é provável, desejável, importante, admissível, surpreendente, sério ou compreensível. Ao fazer essas avaliações de proposições e propostas, também orientamos nosso texto no mundo mais amplo de pontos de vista sociais disponíveis sobre o nosso tópico, e definimos ainda nossas identidades como criadores de significado, com valores e crenças particulares²⁹ (LEMKE, 1998, p. 1).

Observando um estudo anterior de Francis (1995) sobre construções do tipo “*it is ADJ that*”, Lemke (1998) elabora uma classificação de significados avaliativos em sete dimensões básicas, com as quais tenta abranger a diversidade existente de predicativos avaliativos. O quadro 4, abaixo, apresenta essas dimensões acompanhadas por adjetivos que nelas se enquadram:

(D) Desejabilidade / Inclinação	Ex.: Maravilhoso / Horrível
(W) Garantia / Probabilidade	Ex.: Possível / Incerto
(N) Normatividade / Adequação	Ex.: Necessário / Adequado
(U) Habitualidade / Expectabilidade	Ex.: Normal / Surpreendente
(I) Importância / Significância	Ex. Importante / Trivial
(C) Compreensibilidade / Obviedade	Ex.: Compreensível / Misterioso
(H) Humor / Seriedade	Ex.: Hilário / Irônico / Sério

Quadro 4: Orientações avaliativas: dimensões semânticas (adaptado de LEMKE, 1998, p. 4).

Em sentido amplo, o que Lemke (1998) chama de atributo avaliativo engloba todas as subcategorias de adjetivos qualificadores descritas na *Gramática de usos do português* (NEVES, 2000). Neves (2000) distingue inicialmente adjetivos classificadores e qualificadores. Classificadores denominam objetivamente uma subclasse à qual pertence um substantivo (ex. *rodoviário, linguístico*), e, portanto, são denominativos e não predicativos. Os qualificadores indicam uma propriedade não necessariamente inerente ao substantivo, o qualificam mais ou menos subjetivamente, mas sempre com certa vagueza. Estes, sim, são predicativos, e são também intensificáveis (ex. *bem baixo, limpinha, fraquíssimo*) e graduáveis (ex. *mais bonitas, menos afrontosa*).

²⁹ “Whatever we have to say about the world, we can also tell others, in the same utterance, to what extent we believe what we say is likely, desirable, important, permissible, surprising, serious, or comprehensible. In making these evaluations of propositions and proposals, we also orient our text in the larger world of available social viewpoints on our topic, and we further define our identities as meaning-makers with particular values as well as beliefs”

Dentre os qualificadores, a autora postula dois subtipos — de **modalização** e de **avaliação**. A modalização pode ser **epistêmica**,³⁰ relativa ao grau de confiança na informação (*certo, possível, provável*) ou **deôntica**, relativa à necessidade ou obrigatoriedade da proposição (*imprescindível, necessário, obrigatório*). Os qualificadores de avaliação (exs. *feio, grande, perfeito*), por sua vez, “exprimem propriedades que definem o substantivo na sua relação com o falante” (psicológica), “exprimem propriedades que descrevem o substantivo” (de propriedades intensionais) ou “são epilinguísticos, no sentido de que predicam o próprio termo empregado” (de termos linguísticos) (NEVES, 2000, p.189-191).

Assim, temos que o significado esperado de matrizes de CSI pode ser caracterizado como o conjunto daqueles atribuídos à classe de adjetivos qualificadores por Neves (2000), ou do conjunto das dimensões avaliativas (de significado atitudinal) propostas por Lemke, potencialmente em todas suas categorias, em ambos os casos incluídos entre eles significados modais.

Como a noção de modalização não se restringe ao campo semântico da avaliação (e vice-versa), mostra-se útil estabelecer uma relação entre essas categorias. A solução que escolhemos é adotar a proposta de Van Linden (2012), a qual aponta que, embora exista interseção entre avaliação e modalização, “nem todas categorias avaliativas expressam significado modal, assim como nem todas categorias modais expressam significado avaliativo”³¹ (VAN LINDEN, 2012, p.42).

A autora propõe um mapeamento semântico da avaliação frente à modalização e de suas interseções. Sua proposta acompanha a concepção de modalização de Narrog (2005) em termos da factualidade de um estado-de-coisas, “a expressão de um estado-de-coisas está modalizada se está marcada como indeterminada quanto à sua factualidade, isto é, não é factual positiva nem factual negativa”³² (NARROG, 2005, p.184). Dessa forma, “provável que ele venha” é uma construção avaliativa modalizada (modalidade epistêmica, factualidade suspensa) e “bom que ele veio” é uma construção avaliativa não modalizada (factualidade positiva). O esquema abaixo ilustra a categorização de Van Linden (2012):

³⁰ No domínio da modalização epistêmica, a autora ainda apresenta uma subdivisão mais refinada entre os qualificadores de certeza/asseveração (*certo, claro, evidente*) e de eventualidade (*possível, provável*).

³¹ “I will also maintain that not all evaluative categories express modal meaning, just like not all modal categories express evaluative meaning”.

³² “The expression of a state of affairs is modalized if it is marked for being undetermined with respect to its factual status, i.e. is neither positively nor negatively factual”.

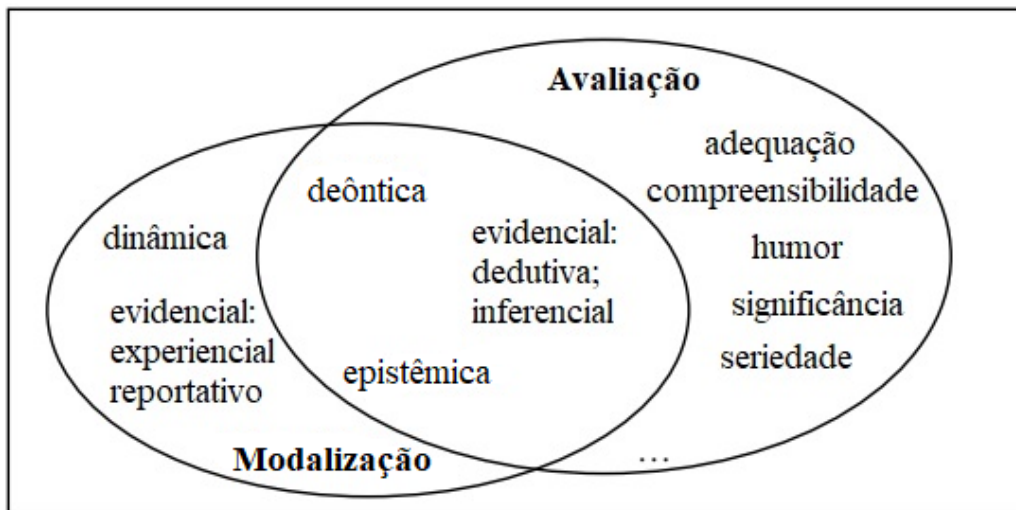


Figura 3: A relação entre modalização e avaliação: tipos de significado.
(traduzido de VAN LINDEN, 2012, p.66).³³

A variedade de significados expressos por CSI se encontra nos dois domínios representados acima, porém os valores modais se restringem àqueles em intersecção com a avaliação, o que permite propor a avaliação de proposições como o significado mais amplo, sob o qual estão CSI de matrizes modais.

Um último conceito presente nesse mapeamento semântico que se faz útil às análises de CSI é o de evidencialidade, definida por Dendale (2020) como:

Evidencialidade se refere à "fonte de informação" de um conteúdo proposicional, a saber, a operação epistemológica pela qual um estado-de-coisas percebido é trazido ao conhecimento do falante (por percepção direta), um conteúdo proposicional é recebido diretamente por ele/ela de outros (por relato) ou o conhecimento foi criado recentemente em sua mente (por inferência)³⁴ (DENDALE, 2020, p. 45).

Matrizes de CSI que indicam que a fonte da informação afirmada na oração substantiva é uma inferência ou dedução seriam, portanto, CSI evidenciais, também na intersecção entre valores modais e avaliativos.

1.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO 1

Neste capítulo, conhecemos a definição de CSI, as especificações existentes na literatura quanto à sua forma e ao seu significado, as propostas para sua origem e sua relação com a

³³ Categorias evidenciais traduzidas segundo nomenclatura apresentada em Hattner (2018).

³⁴ "Evidentiality refers to the 'source of information' of a propositional content, viz. the epistemological operation by which a perceived state of affairs is brought to the knowledge of the speaker (by direct perception), a propositional content is directly received by her/him from others (by report) or knowledge was newly created in her/his mind (by inference)"

insubordinação. Assumimos, de acordo com Kaltenböck (2019) e Beijering e Norde (2019), que se trata de uma categoria particular de construção, não pertencente à classe das insubordinadas.

Observando as várias descrições de forma de CSI, postulamos a hipóteses de generalização de forma [[X] (CONNECT) [oração substantiva]] para as CSI-PB. Assumindo a noção construcional de que construções são pareamentos de forma e significado, determinamos que o significado mais amplo que se parecia com CSI-PB é o avaliativo, ou seja, a matriz da CSI é um lexema que expressa uma avaliação sobre o conteúdo proposicional da oração substantiva que lhe acompanha.

O espectro de significados que esperamos encontrar entre as matrizes de CSI-PB é aquele apontado por Neves (2000) para adjetivos qualificadores, ou por Lemke (1998) para as dimensões avaliativas de significados atitudinais. Assumimos a proposta de Van Linden (2012) para a relação entre modalização e avaliação, segundo a qual o domínio da avaliação admite em seu interior significados modais deônticos, epistêmicos e evidenciais, e a modalização se verifica em função da factualidade do estado-de-coisas contido na oração substantiva (NARROG, 2005).

Veremos no capítulo seguinte os princípios teóricos da noção de gramática adotada neste trabalho e que subsidiam a proposta de rede construcional das CSI-PB.

Capítulo 2 ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA GRAMÁTICA

Neste capítulo abordamos conceitos básicos dos modelos gramaticais desenvolvidos a partir de bases cognitivistas e funcionalistas, amplamente conhecidos como GC (FILLMORE, KAY E O’CONNOR, 1988; GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; CROFT E CRUSE 2004; TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013; HOFFMANN E TROUSDALE, 2013) e Modelos Baseados no Uso (BYBEE, 2010; LANGACKER, 1987), os quais subsidiam a visão de língua e de gramática adotadas nesta análise das CSI-PB.

2.1 GRAMÁTICA(S) DE CONSTRUÇÕES: CONCEPÇÃO DE LÍNGUA E GRAMÁTICA

Um conjunto de abordagens teóricas que podemos chamar amplamente de Gramática de Construções (GC) emergiu a partir dos anos 1980, aproximando o tratamento dado a itens lexicais e a estruturas gramaticais, sob influência dos estudos de Fillmore sobre Gramática de Casos e Semântica de *frames*, de onde foram herdadas as noções de que estruturas gramaticais são dotadas de significado e de que os significados das construções devem fazer referência a *frames* (ROSÁRIO; HILPERT, 2020, p.1).

Em larga medida, os conceitos fundamentais das abordagens construcionais da gramática podem ser (e foram) discutidos de maneira responsiva aos pressupostos teóricos do programa gerativo, pelo momento histórico de sua emergência, mas também pela oposição entre conceitos fundadores das duas vertentes. Por exemplo, na GC a sintaxe não é vista de forma modular nem como central frente a outros componentes da gramática, mas como um componente de forma determinado pelo uso e que constitui unidades simbólicas integradas a uma face semântico-pragmática.

As principais vertentes da GC — *Berkeley Construction Grammar*, *Sign-Based Construction Grammar*, *Fluid Construction Grammar*, *Embodied Construction Grammar*, *Cognitive Grammar*, *Radical Construction Grammar and Cognitive Construction Grammar* (CROFT E CRUSE, 2004; HOFFMANN E TROUSDALE, 2013; TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013) — diferem em alguma medida quanto ao seu grau de formalização, quanto às interfaces de que se aproximam e mesmo quanto à definição de construção. Mas, a despeito das variações que possam apresentar, compartilham quatro pressupostos básicos, segundo Goldberg (2013).

1. Construções gramaticais: as construções sintagmáticas, como itens lexicais tradicionais, são pares aprendidos de forma e função [...];
2. Estrutura superficial: A gramática não envolve nenhum componente transformacional ou derivacional. A semântica está associada diretamente à forma de superfície [...];
3. Rede de construções: construções sintagmáticas, palavras e palavras parcialmente preenchidas (conhecidas como morfemas) estão relacionadas em uma rede na qual os nós estão relacionados por *links* de herança [...];
4. Variabilidade e generalização entre línguas: as línguas são reconhecidas por variar amplamente. As generalizações interlinguísticas que existem são explicadas por processos cognitivos de domínio geral ou pelas funções das construções envolvidas [...] (GOLDBERG, 2013, p.1)³⁵.

Goldberg destaca ainda, a respeito da semântica (GOLDBERG, 2013, p. 2), que não se baseia em valor de verdade, mas em perspectivização dos falantes, e que integra o sistema conceitual, não como um módulo separado (para o conhecimento linguístico). Cognição social e experiência corporal estão na base do aprendizado de significados e as distinções formais da língua são úteis na medida em que veiculam informação, função primordial da língua humana. Aspectos de categorização não se baseiam necessariamente em condições suficientes e necessárias, mas lançam mão de protótipos e extensões periféricas.

A seguir, exploramos em maior detalhe cada um dos pressupostos compartilhados pelas vertentes da GC.

2.1.1. *Construções na GC*

“1. Construções gramaticais: as construções sintagmáticas, como itens lexicais tradicionais, são pares aprendidos de forma e função” (GOLDBERG, 2013, p.1).

Como o próprio nome indica, a GC assume como unidades básicas da língua as construções, pareamentos convencionalizados de forma e significado (GOLDBERG, 2013, p.1). Trata-se de uma releitura do signo saussureano, que estende a noção do pareamento (em alguma medida arbitrário) significante-significado a sequências morfossintáticas. É uma consolidação da ideia já presente na

³⁵ “1. Grammatical constructions: Phrasal constructions, like traditional lexical items, are learned pairings of form and function [...]; 2. Surface structure: Grammar does not involve any transformational or derivational component. Semantics is associated directly with surface form [...]; 3. A network of constructions: Phrasal constructions, words, and partially filled words (aka morphemes) are related in a network in which nodes are related by inheritance links [...]; 4. Crosslinguistic variability and generalization: Languages are acknowledged to vary in wide-ranging ways. The crosslinguistic generalizations that do exist are explained by domain-general cognitive processes or by the functions of the constructions involved [...].”

Gramática de Casos de Fillmore (ROSÁRIO; HILPERT, 2020, p.1) de que as construções sintáticas “carregam significado em si mesmas, independente das palavras na sentença” (GOLDBERG, 1995, p.1). Segundo Goldberg (2006), as construções podem ser reconhecidas a partir do seguinte princípio:

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir de suas partes componentes ou de outras construções reconhecidas como existentes. Além disso, os padrões são armazenados como construções, mesmo que sejam totalmente previsíveis, contanto que ocorram com frequência suficiente.³⁶ (GOLDBERG, 2006, p. 5)

Assim, o elo simbólico entre forma e significado não se coloca apenas no léxico, ou no processamento semântico de sentenças, mas em todo e qualquer pareamento que obedeça ao critério acima — morfemas, palavras, expressões idiomáticas e mesmo construções sintáticas, às quais se possa associar um significado independente de seus constituintes. Uma representação dessa estrutura simbólica da construção se encontra em Croft (2001):

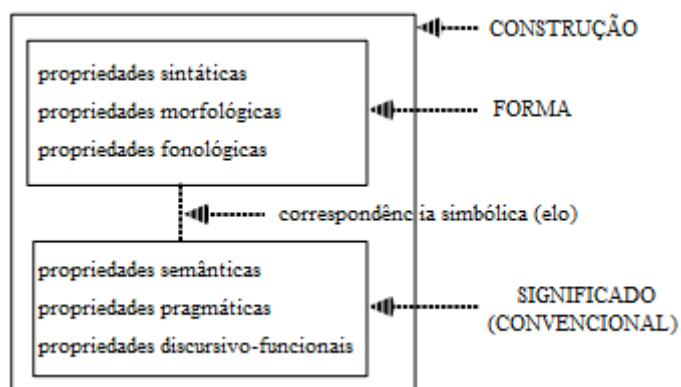


Figura 4: Estrutura simbólica da construção (traduzido de CROFT; 2001, p. 18)

Como demonstrado na figura 4 acima, o polo de forma do pareamento é composto por propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, ao passo que o polo de significado (convencional) abrange propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Ao longo do desenvolvimento da teoria encontra-se variação na forma de se referir a esse segundo polo, como *meaning* ‘significado’ ou *function* ‘função’ (GOLDBERG, 1995, 2003, 2006, 2013; CROFT, 2001; CROFT; CRUSE, 2004; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Neste trabalho, acompanhamos a posição de Croft (2001) e de Croft e Cruse (2004), em nos referirmos às construções como

³⁶ “Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency.”

pareamentos forma-significado, compreendendo as três dimensões de propriedades do significado (convencional) demonstradas na figura 4 acima.

O termo 'significado' deve representar todos os aspectos convencionalizados da função de uma construção, que podem incluir não apenas propriedades da situação descrita pelo enunciado, mas também propriedades do discurso em que o enunciado se encontra [...] e da situação pragmática dos interlocutores [...] Usaremos os termos 'significado' e 'semântico' para nos referirmos a qualquer função convencionalizada de uma construção³⁷ (CROFT; CRUSE, 2004, p. 258).

Já quanto ao polo da forma, o tratamento comum dado a construções lexicais e sintáticas tem uma implicação teórica importante, oposta à hipótese de sintaxe modular. Observa-se a distribuição das unidades da língua em um contínuo entre léxico e gramática, distintos em relação à fixidez (ou preenchimento) de seus *slots*. À moda do *lexicon*, postula-se a existência de um *constructicon*, o inventário das construções (GOLDBERG, 2003, p. 223), que guarda toda informação gramatical e lexical (idiossincrática ou generalista) que se mobiliza para o uso da língua. Como exemplo da variabilidade de fixidez no preenchimento das construções, Hoffmann e Trousdale (2013) fornecem a seguinte amostra do inglês:

- (1) construção lexical: *apple*
[æpl]—‘maçã’
- (2) construção idiomática: ex. *X take Y for granted*
[X TAKE Y fə ɡɪɑːntɪd]—‘X não dá o devido valor a Y’
- (3) construção comparativa: ex.: *John is taller than you*
[X BE Adj ðən Y]—‘X é mais Adj que Y’
- (4) construção resultativa: e.g. *She rocks the baby to sleep*
[X V Y Z]—‘X causa Y tornar-se Z por ação de V(erbo)’
(HOFFMANN; TROUSDALE, 2013, p. 1)³⁸

Portanto, se não há uma divisão estrita entre léxico e gramática, na GC *it's constructions all the way down* ‘são construções de cima abaixo’ (GOLDBERG, 2006, p. 18), ou seja, o inventário de construções captura a totalidade de nosso conhecimento linguístico, e a formação de enunciados se dá pela combinação de construções, mais esquemáticas e mais atômicas conjuntamente.

³⁷ “The term ‘meaning’ is intended to represent all of the conventionalized aspects of a construction’s function, which may include not only properties of the situation described by the utterance, but also properties of the discourse in which the utterance is found [...] and of the pragmatic situation of the interlocutors [...] We will use the terms ‘meaning’ and ‘semantic’ to refer to any conventionalized function of a construction”

³⁸ “(1) word construction: apple / [æpl]—‘apple’

(2) idiom construction: e.g., X take Y for granted / [X TAKE Y fə ɡɪɑːntɪd]—‘X doesn’t value Y’

(3) comparative construction: e.g., John is taller than you / [X BE Adj ðən Y]—‘X is more Adj than Y’

(4) resultative construction: e.g., She rocks the baby to sleep / [X V Y Z]—‘X causes Y to become Z by V-ing’”

Goldberg (2006) ilustra tal processo com a sentença abaixo, e lista todas as onze construções mobilizadas para formar uma estrutura topicalizada, como essa:

Uma dúzia de rosas, Nina enviou a sua mãe!

- a. Construção ditransitiva
 - b. Construção de topicalização
 - c. Construção VP
 - d. Construção NP
 - e. Construção de determinante indefinido
 - f. Construção plural
 - g. Construções *dúzia, rosa, Nina, enviar, mãe* ³⁹
- (GOLDBERG, 2006, p. 21)

Se as unidades tradicionalmente pertencentes a diferentes módulos na GC são objetos da mesma natureza, algumas de suas propriedades devem diferenciá-las conforme sua posição no contínuo léxico-gramática, assim como servem de parâmetros para observar diferenças em uma mesma construção ao longo do tempo.

A propriedade de esquematicidade indica o grau de abertura de *slots* em uma construção (HOFFMAN; TROUSDALE, 2013, p.2) *ou de sua abstração* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013 p. 13). É um conceito fortemente ligado à noção de rede construcional e que transparece na organização hierárquica das construções. Uma construção em grau mais alto de abstração apresenta maior esquematicidade (ex.: *SUJ V*), enquanto uma construção mais preenchida, mais fixa, é menos esquemática (ex.: *inês é morta*)

A propriedade de composicionalidade revela a transparência do elo entre forma e significado (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 19), ou o grau da predição do significado e da estruturação sintática da construção pela soma de suas partes. No aspecto semântico, uma construção é composicional se, ao compreender o significado individual de suas partes, o ouvinte acessa o significado do todo, ou seja ocorre um *match* ('correspondência') entre ambos significados. Caso contrário, ocorre o *mismatch* ('desencontro') entre os significados individuais e o significado total. No aspecto sintático, a mesma relação é verificada quanto à integridade morfossintática da construção, se se formam estruturas mais complexas pela combinação das estruturas menores segundo seus papéis previstos.

Traugott e Trousdale (2013) apontam um terceiro parâmetro relevante a ser observado em construções, juntamente à composicionalidade e à esquematicidade, a produtividade. Esse terceiro parâmetro pode ser conceituado de algumas diferentes formas, mas, em senso amplo, é entendido

³⁹ "A dozen roses, Nina sent her mother! a. Ditransitive construction b. Topicalization construction c. VP construction d. NP construction e. Indefinite determiner construction f. Plural construction g. dozen, rose, Nina, send, mother constructions"

como a extensibilidade da construção (BARÐDAL, 2008), ou seja, sua capacidade de sancionar outras construções menos esquemáticas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p.17). Estes parâmetros são apontados pelos autores como importantes na descrição da mudança linguística (diacronia), pois sofrem mudanças quando ocorre o processo de construcionalização.

Nota-se que o modelo rompe também com uma fronteira existente em outras abordagens, entre o central (*core*) e o periférico na língua, pois o mesmo mecanismo gramatical aplicado, por exemplo, à estrutura argumental de uma sentença ou à flexão de palavras é o que deve dar conta de expressões idiomáticas. De fato, os estudos de expressões idiomáticas foram um fator crítico no desenvolvimento da teoria, buscando um tratamento comum ao que tradicionalmente se considerava central e o que se considerava periférico na gramática em modelos anteriores (CROFT, 2001, p.15-16), distinção que não se mantém na GC.

Um exemplo idiomático é a *way construction*, construção esquemática de forma [SUJ_i [V [POSS_i way] OBL]] (V é um verbo não estativo e OBL codifica uma direção). No polo do significado “o referente sujeito se move ao longo do caminho designado pela locução preposicional. A semântica da construção não pode ser totalmente prevista com base nas partes constituintes da construção.”⁴⁰ (GOLDBERG, 1995, p. 199), como exemplificado em:

[...] (1) implica que Frank se moveu pelo caminho criado para fora da prisão.

(1) *Frank dug his way out of the prison.*

Da mesma forma, (2) implica que Frank conseguiu viajar para Nova York.

(2) *Frank found his way to New York.*

No entanto, nenhum dos itens lexicais envolvidos implica movimento. (GOLDBERG, 1995, p. 199)⁴¹

Como observa a autora, o movimento implicado na construção não é parte do significado do verbo (ou de qualquer outro lexema das sentenças), o que corrobora a postulação da *way construction* como uma unidade da gramática, um pareamento próprio, cujo significado de movimento se deve à construção sintática. A tradução também é dificultada por não haver uma correspondência direta desta construção para o PB, de forma que, mantendo os verbos utilizados nas orações acima, “Frank cavou seu caminho para fora da prisão” ou “Frank encontrou seu caminho para Nova Iorque” não se implica, em PB, que Frank atingiu os destinos descritos em OBL.

⁴⁰ “The subject referent moves along the path designated by the prepositional phrase. The construction's semantics cannot be fully predicted on the basis of the constituent parts of the construction.”

⁴¹ “For example, (1) entails that Frank moved through the created path out of the prison.

(1) Frank dug his way out of the prison. / Similarly, (2) entails that Frank managed to travel to New York.

(2) Frank found his way to New York. / However, none of the lexical items involved entails motion.”

2.1.2. Generalizações da estrutura de superfície

“2. Estrutura superficial: A gramática não envolve nenhum componente transformacional ou derivacional. A semântica está associada diretamente à forma de superfície” (GOLDBERG, 2013, p.1)

Do segundo pressuposto compartilhado pelas vertentes da GC, tem-se que há uma mudança de foco da observação de alternâncias (como voz ativa x passiva) para generalizações a partir da estrutura de superfície. Isto é, construções são generalizadas a partir de estruturas correlatas, em função da forma linguística como se apresenta, e não em relação a possíveis paráfrases e transformações. É uma visão não derivacional, em que uma construção passiva tem uma generalização própria, em vez de ser tratada como uma estrutura derivada de uma construção ativa. Não é preciso postular estruturas subjacentes ou operações transformacionais para conceber uma construção sintática. Segundo Goldberg (2006):

Uma razão convincente para evitar postular derivações em favor de uma ênfase na forma de superfície é simplesmente que existem generalizações tipicamente poderosas em torno de determinadas formas de superfície que são mais amplas do que aquelas capturadas por derivações ou transformações⁴² (GOLDBERG, 2006, p. 23)

Como exemplo, a autora sugere observar a construção de movimento causado do inglês, cuja forma genérica é [SUJ [V OBJ OBL]], e o significado é: “o argumento causador faz com que o argumento tema se mova ao longo de um caminho designado pelo sintagma direcional; isto é, 'X causa a Y mover-se Z'”⁴³ (GOLDBERG, 1995, 152). Note-se que apenas a primeira oração abaixo pode ser parafraseada por uma construção ditransitiva:⁴⁴

- a. *Mina sent a book to Mel.* (*≈ Mina sent Mel a book.*)
'Mina enviou um livro para Mel.'
- b. *Mina sent a book to Chicago.*
'Mina enviou um livro para Chicago'
- c. *Mina sent a book toward the front of the room.*
'Mina enviou um livro para a frente da sala'
- d. *Mina sent a book through the metal detector.*
'Mina lançou um livro através do detector de metais'. (GOLDBERG, 2013, p.5)

⁴² “A compelling reason to avoid positing derivations in favor of an emphasis on surface form is simply that there are typically powerful generalizations surrounding particular surface forms that are more broad than those captured by derivations or transformations.”

⁴³ [T]the causer argument directly causes the theme argument to move along a path designated by the directional phrase; that is, 'X CAUSES Y to MOVE Z'

⁴⁴ Z é um sintagma preposicionado, cuja preposição indica a direção do movimento (exs.: *to Mel*, *toward the front of the room*, *through the metal detector*)

Em uma visão transformacional, essas estruturas seriam tratadas como categorias distintas, por conta de não compartilharem a paráfrase. No entanto, a autora argumenta que “reconhecer a Construção de Movimento Causado nos permite dar conta do fato de que um verbo como ‘tossir’, que não implica lexicalmente movimento causado, pode transmitir movimento causado quando aparece nesta construção.”⁴⁵ (GOLDBERG, 2013, p. 5). Os exemplos abaixo também são instâncias abstraídas da Construção de Movimento Causado:

- a. *They laughed the poor guy out of the room.*
? ‘Eles botaram o pobre rapaz para fora da sala aos risos.’
- b. *Frank sneezed the tissue off the table.*
? ‘Frank espirrou o lenço para fora da mesa.’
- c. *Mary urged Bill into the house.*
? ‘Mary instigou Bill para dentro da casa.’
(GOLDBERG, 1995, 152)⁴⁶

A autora submete os verbos encontrados na construção a testes, de forma a demonstrar que a semântica da construção não pode ser diretamente derivada de suas partes. A existência de verbos como *sneeze* ‘espirrar’ nesta construção, originalmente intransitivos, é defendida por Goldberg (1995) como uma evidência de que o significado é não composicional e, portanto, a construção existe e deve ser considerada na gramática. A construção demanda três argumentos e é típica de verbos que implicam transferência de energia. ‘Espirrar’, no entanto, requer apenas um sujeito. Em uma abordagem modular, seria preciso postular que *sneeze* tem uma entrada lexical transitiva, que requer três argumentos (GOLDBERG, 1995, p. 9). Dessa forma, a GC apresenta uma alternativa que “evita o problema de postular sentidos implausíveis de verbos”⁴⁷ (GOLDBERG, 1995, p. 9), mas atribui às generalizações de superfície o padrão mais amplo que associa tais verbos em uma mesma interpretação.

2.1.3. Redes construcionais

“3. Rede de construções: construções sintagmáticas, palavras e palavras parcialmente preenchidas (também conhecidas como morfemas) estão relacionadas em uma rede na qual os nós estão relacionados por *links* de herança” (GOLDBERG, 2013, p.1).

⁴⁵ “Recognizing the Caused Motion construction allows us to account for the fact that a verb such as *cough*, that does not lexically entail caused motion, can convey caused motion when it appears in this construction.”

⁴⁶ O sinal de ? indica a imprecisão das traduções, por não haver uma construção correspondente à de movimento causado em PB. Mantendo os verbos em seu sentido literal, as traduções falham em capturar a implicação de movimento, por consequência, justamente, de este significado pertencer à construção e não ao verbo.

⁴⁷ “[A]voids the problem of positing implausible verb senses”.

Além de convergirem em torno da ideia de que a língua pode ser entendida como um inventário de construções, que compreende tanto nosso conhecimento lexical quanto gramatical, as abordagens construcionais concordam também na forma como entendem a estruturação deste conhecimento, como uma rede taxonômica de construções, em que cada construção constitui um nó da rede (CROFT, 2001, p.25).

Segundo Goldberg (1995):

Argumenta-se que as construções formam uma rede e estão ligadas por relações de herança que motivam muitas das propriedades de construções particulares. A rede de herança nos permite capturar generalizações entre construções e, ao mesmo tempo, permitir sub-regularidades e exceções.⁴⁸ (GOLDBERG, 1995, p. 67)

Tomemos como exemplo a expressão *kick the bucket* ('bater as botas'; lit. 'chutar o balde'), do inglês, cuja representação taxonômica é apresentada por Croft e Cruse (2004) (figura 5):

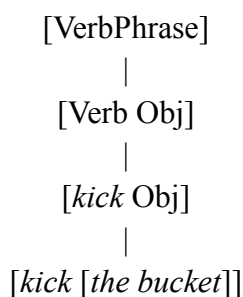


Figura 5: Representação taxonômica de rede hierárquica sobre a construção *kick the bucket* (CROFT E CRUSE, 2004, p. 263)

Conforme mencionado na citação de Goldberg (1995) acima, a rede taxonômica capta e relaciona a generalização e também a idiosincrasia entre as construções, que em um modelo componencial poderia ser vista separadamente, como uma estrutura sintática por um lado e um item lexical de outro. Ampliando o olhar sobre este exemplo, notamos, na figura 6 abaixo, como a rede taxonômica conecta construções de diferentes graus de esquematicidade e também como estruturas formais similares licenciam generalizações.

⁴⁸ “It is argued that constructions form a network and are linked by inheritance relations which motivate many of the properties of particular constructions. The inheritance network lets us capture generalizations across constructions while at the same time allowing for subregularities and exceptions.”

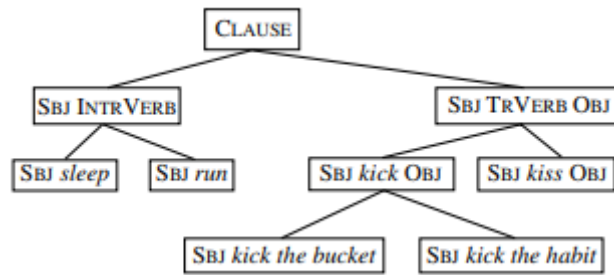


Figura 6: Rede taxonômica de estruturas argumentais e expressões idiomáticas (CROFT; CRUSE, 2004, p. 264)

A expressão *kick the bucket* é uma instância de uso de mesma estrutura argumental típica dos usos de *kick* em sentido literal, com um objeto direto “chutado”, no entanto sua existência como nó da rede se justifica por sua idiossincrasia, ou seja, por seu significado não composicional (e também poder-se-ia dizer por sua frequência de uso). O mesmo se pode dizer para *kick the habit* ‘largar o hábito’. Ambas estão ligadas por um elo de herança à uma construção mais esquemática de OBJ não especificado com o verbo *kick*, que, por sua vez, não é o único verbo dessa estrutura argumental, a de uma oração com verbo transitivo.

Considerando o postulado de generalizações a partir da estrutura de superfície, tem-se que assim se pode chegar a uma rede taxonômica, em um processo *bottom-up*. Observam-se os construtos (enunciados efetivamente realizados), instâncias mais concretas do uso da língua, nos quais se notam regularidades, como a recorrência de *kick the bucket*, por exemplo, permitindo a proposição de um nó de microconstrução. Essa microconstrução compõe agrupamentos por regularidades compartilhadas com outras microconstruções, o que nos permite postular um nível de abstração acima, e assim por diante.

À parte das próprias construções, que contêm em si um elo simbólico conectando sua face de forma à sua face de significado, a rede taxonômica é composta também pelos elos, que refletem relações sintáticas e semânticas entre seus componentes. Os nós herdam propriedades de nós dominantes mais esquemáticos, sendo possível múltiplas heranças na formação de uma instância inferior, como em ‘*eu não comi bolo*’, que herda ao mesmo tempo as estruturas da construção transitiva (a mesma de *kick the bucket*) e da construção de negação.

A metáfora de rede construcional está diretamente relacionada à forma como é concebida a mudança na abordagem construcional. Traugott e Trousdale (2013) distinguem dois processos fundamentais para a compreensão da mudança linguística nessa perspectiva: a construcionalização e as mudanças construcionais. Construcionalização é definida pelos autores como segue:

A construcionalização é a criação de (combinações de) signos de nova forma e novo significado. Ela forma novos nós de tipo, os quais têm nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado, na rede linguística de uma população de falantes. É acompanhada por mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e, portanto, é gradual. Novas microconstruções também podem ser criadas gradualmente, mas também podem ser instantâneas. As microconstruções criadas gradualmente tendem a ser procedurais, e as microconstruções criadas instantaneamente tendem a ser de conteúdo.⁴⁹ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22)

Já a mudança construcional é um estágio parcial necessário para a construcionalização, que a antecede e que a sucede. “É definida como ‘uma mudança que afeta uma dimensão interna de uma construção. Não envolve a criação de um novo nó.’”⁵⁰ (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 26). As mudanças podem afetar o polo da forma, o polo do significado ou os *links* da rede.

2.1.3.1. Elos das redes construcionais

Em geral, as taxonomias são construídas com elos verticais, os quais refletem relações de parentesco entre construções tipicamente ditas mães e filhas, à maneira de uma árvore genealógica. Mas as representações podem ser feitas também com elos horizontais, dando foco não às relações entre as camadas mais abstratas e suas instâncias mais concretas, mas entre construções similares ou contrastantes de mesmo nível de abstração.

Diessel (2019) defende que as relações horizontais entre construções sintáticas se assemelham às relações entre itens lexicais, em termos de ativação, tal que “a acessibilidade das construções é influenciada pelos mesmos fatores cognitivos que o acesso lexical, ou seja, pela frequência, priming, similaridade e densidade de vizinhança ou tamanho da família.” (DIESEL, 2019, p.222). Ungerer (2021) argumenta que há intercambialidade entre *links* verticais e horizontais, de forma que “qualquer configuração de *links* verticais pode ser reformulada como configuração de *links* horizontais e vice-versa⁵¹. Para o autor:

⁴⁹ “Constructionalization is the creation of form_{new}-meaning_{new} (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual. New micro-constructions may likewise be created gradually, but they may also be instantaneous. Gradually created micro-constructions tend to be procedural, and instantaneously created micro-constructions tend to be contentful”

⁵⁰ “A constructional change is a change affecting one internal dimension of a construction. It does not involve the creation of a new node.”

⁵¹ “any configuration of vertical links can be reformulated as a configuration of horizontal links, and vice versa.”

[Os] sobretipos abstratos **são** as características compartilhadas de seus subtipos, ou seja, as informações de nível superior são inerentes aos nós de nível inferior. Isso sugere que a herança (vertical) de um esquema superordenado e a formação de analogias (horizontais) entre subtipos semelhantes são duas maneiras de caracterizar o mesmo processo.⁵² (UNGERER, 2021, p. 243)

Goldberg (1995) lista ainda quatro tipos de elos relacionais entre construções: de polissemia, de extensão metafórica, de subparte e de instância.

Os elos de polissemia conectam uma determinada construção a outras de mesma forma, cujo significado é uma extensão da primeira. Um exemplo dado pela autora é a extensão da Construção de Movimento Causado 'X a Y mover-se Z' (Ex.: *Pat pushed the piano into the room* 'Pat pushed the piano into the room', para 'X causa a Y não mover de Z', *Pat locked Chris into the room* 'Pat trancou Chris no quarto') Goldberg (1995, p. 76)

Elos de subparte dizem respeito a construções que são compostas por especificações de forma e de significado idênticas a partes de outras, mas que existem independentemente (GOLDBERG, 1995 p. 78), como a construção de gradação (ex.: mais/menos/tão ADJ) em relação à construção comparativa (ex.: X é mais/menos/tão ADJ que Y).

Elos de instância são postulados entre construções para as quais uma configura uma versão especificada de outra (GOLDBERG, 1995, p. 79). Esta relação pode ser exemplificada por um caso de CSI-PB de significado mirativo (ver cap. 4), como “*mentira que X ...!* em relação às CSI-PB. As CSI mirativas tem uso especificado em ilocuições exclamativas, demonstrando surpresa, além de selecionarem certas matrizes, demandam uma especificação na forma, no contorno entoacional.

Elos de extensão metafórica, por fim, designam relações em que uma construção corresponde a um mapeamento metafórico de outra, como no caso da metáfora de base “estados são locais”, segundo a qual se relacionam as construções “ele foi ao centro” e “ele foi à loucura”.

2.1.4. Variabilidade e generalizações interlinguísticas

“4. Variabilidade e generalização entre línguas: as línguas são reconhecidas por variar amplamente. As generalizações interlinguísticas que existem são explicadas por processos cognitivos de domínio geral ou pelas funções das construções envolvidas” (GOLDBERG, 2013, p.1)

Do quarto pressuposto compartilhado entre as vertentes da GC, tem-se que a GC não assume universais inatos na mente do falante como ferramenta para o aprendizado de língua e, portanto,

⁵² “[The] abstract supertypes are the shared features of their subtypes, i.e. higher-level information is inherent in lower-level nodes. This suggests that (vertical) inheritance from a superordinate schema and the formation of (horizontal) analogies across similar subtypes are two ways of characterising the same process”

espera-se variação nas especificidades estruturais de cada língua. Aquilo que se apresenta como tendência universal é atribuído a processos de domínio geral e características cognitivas compartilhadas entre falantes das diversas línguas.

Croft (2001) exemplifica tal variabilidade pelo contraste entre palavras da língua Makah (uma língua indígena americana) que exibem concordância de pessoa e flexão de aspecto e modo, marcas distintivas de verbos no inglês, e se traduzem para o inglês não só como verbos, mas também como nomes, adjetivos e advérbios, enquanto nenhuma palavra sofre tais flexões em vietnamita. Diante disso, não se pode assumir que os critérios de reconhecimento de verbos do inglês se apliquem a todas as línguas, pois isso implicaria dizer que todas as palavras são verbos em Makah e nenhuma palavra é um verbo em Vietnamita (CROFT, 2001, p. 31). Em um nível mais amplo, não há critérios *a priori* que sirvam para identificar categorias gramaticais entre todas as línguas, eventualmente havendo variação em certas categorias mesmo dentro de uma mesma língua (CROFT, 2001, p.33-34). Goldberg (2013) postula a identidade de critérios para construções de diferentes línguas como absolutamente inesperada, nos seguintes termos: “encontrar duas construções em duas línguas diferentes que são absolutamente idênticas em forma, função e distribuição é uma ocorrência rara fora dos casos de história diacrônica compartilhada ou contato linguístico.”⁵³

Tal variabilidade esperada não contraria a possibilidade de se encontrar tendências universais, mas, para a GC, estas são mais bem explicadas por aspectos externos à gramática, (e não por um componente universal inato), via princípios de iconicidade e processos cognitivos de domínio geral.

Bybee (2010) também destaca a importância de tais processos de domínio geral, em uma visão da “língua como um sistema adaptativo complexo e a estrutura linguística como emergente.”⁵⁴ (BYBEE, 2010, p.7). Segundo a autora é possível derivar a língua da não-língua, ou seja, compreender linguagem humana como comportamento ditado pelos mesmos processos cognitivos que regem outras tarefas humanas, reduzindo assim a necessidade de postular processos cognitivos específicos para a linguagem (BYBEE, 2010, p.7-12). A autora destaca os seguintes processos: categorização, *chunking*, memória enriquecida, analogia e associação transmodal, descritos na sequência.

Por categorização entende-se o reconhecimento de identidade ou similaridade entre palavras, sintagmas ou de suas partes componentes e representações já armazenadas, formando as categorias que alicerçam o sistema linguístico.

⁵³ “Finding two constructions in two different languages that are absolutely identical in form, function, and distribution is a rare occurrence outside of cases of shared diachronic history or language contact.”

⁵⁴ “[L]anguage as a complex adaptive system and linguistic structure as emergent”

Chunking é o processo de formação de blocos mais complexos entre unidades que são usadas juntas (com frequência). O armazenamento do todo como um bloco disponibiliza a estrutura mais complexa para ser acessada como uma unidade coesa. O processo de *chunking* é, juntamente à categorização, responsável pela variação no grau de composicionalidade das construções.

A memória enriquecida contribui com o armazenamento de informação da experiência linguística junto às formas aprendidas, incluindo detalhamento fonético, de contexto de uso e inferências associadas ao *token*. Analogia é um processo de geração de novos enunciados a partir daqueles previamente conhecidos. Envolve-se na criatividade linguística do falante, passando pela categorização como ferramenta de análise das unidades já conhecidas e dos alinhamentos possíveis de novas combinações. A associação transmodal, finalmente, envolve a capacidade de associar experiências coocorrentes e gerar *links* entre forma e significado, a partir de informações de outras modalidades.

Tais processos cognitivos de domínio geral, entre outros, estão na base da explicação de experiências comuns e bases compartilhadas entre os falantes para as tendências universais e fenômenos linguísticos que se repetem entre línguas sem conexão histórica.

2.2 ABORDAGEM CONSTRUCIONAL E CSI

Partimos da hipótese de que as CSI se constituem como uma construção *per se*, no sentido da GC, e não como uma alternância elíptica ou outra espécie de rearranjo de outra construção, conforme observado por Kaltenböck (2019) para o inglês. Um primeiro aspecto relevante da GC para o tratamento das CSI-PB é o próprio conceito de construção, que se aplica a padrões construcionais mais extensos, para além de itens lexicais, e que permite associar um significado não composicional à própria construção esquemática, ou seja, tratar a forma postulada como [[X] (CONNECT) oração substantiva]] como um objeto discreto, por um caminho de análise que não passa (necessariamente) pela noção de subordinação. Esta hipótese também está em linha com o pressuposto de generalização da estrutura de superfície da GC, que dispensa a postulação de estruturas subjacentes ou operações transformacionais para explicar uma estrutura sintática não canônica.

Quanto à organização em rede do conhecimento linguístico, nos interessa justamente a propriedade da rede de “capturar generalizações entre construções e, ao mesmo tempo, permitir subregularidades e exceções” (GOLDBERG, 1995, p. 67). As regularidades a verificar devem apresentar parcela interlinguística, como já observado nas similaridades apresentadas entre o neerlandês, línguas germânicas e latinas (BEIJERING, 2016, 2017. SANSIÑENA, 2019), mas deve

haver abertura no enquadre teórico para dar conta de singularidades detectadas no PB, que não estão relatadas em outras línguas e podem ser específicas da língua., tal como descrito na seção 2.1.4.

As análises da *way construction* e da Construção de Movimento Causado, do inglês, demonstram a possibilidade de lexemas inusitados serem atraídos para um *slot* da construção e desempenharem o mesmo papel que itens mais prototípicos daquela posição. Tal alternativa se mostra promissora para a discussão das CSI-PB, pois como já apontado para o neerlandês e o espanhol, são construções que recrutam para a função predicativa palavras de classes gramaticais que não exercem tipicamente essa função, como advérbios e interjeições (ex.: *naturalmente que...*) (AELBRECHT, 2006; VAN LINDEN E VAN DE VELDE, 2014; SANSIÑENA, 2019).

A perspectiva de que construções sintáticas carregam significado próprio dá suporte teórico para uma reinterpretação da proposta de Ramat e Ricca (1998) de ‘extensão da construção predicativa ‘*é + ADJ + que...*’ para construções adverbiais, provavelmente por meio daqueles advérbios que são formalmente idênticos às formas adjetivas: ‘*é + ADJ / ADV + que... > ADV que...*’ (RAMAT; RICCA, 1998, p. 213-214)⁵⁵. Assumir que as CSI têm seu próprio significado, avaliativo, implica que advérbios e interjeições, quando empregados na construção matriz de CSI, devem ser lidos segundo o papel daquele *slot* da construção, de fornecer a avaliação que recai sobre o conteúdo proposicional da oração substantiva, de forma análoga ao que acontece com *sneeze* ‘esperrar’ e *cough* ‘tossir’ na Construção de Movimento Causado.

Por fim, a noção da GC de que o conhecimento gramatical e lexical está organizado na forma de uma rede de construções permite não apenas gerar uma representação visual dessa construção, mas correlacionar todas as CSI em um esquema hierárquico, que contém da sua forma mais abstratizada [[X] + (CONNECT) + [oração substantiva]] às suas manifestações concretas no uso linguístico, incluídas as formas mais idiomáticas, aplicando sobre elas as generalizações segundo suas formas superficiais, a despeito de algumas matrizes admitirem paráfrase com verbo de cópula (ex.: *é ADJ/N que...*) e outras não (ex.: **é ADV/INTERJ que...*)

2.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO 2

Neste capítulo apresentamos os conceitos básicos da GC e dos Modelos Baseados no Uso com os quais se alinha a visão teórica deste trabalho. Verificamos algumas características particulares da GC que justificam a adoção desse modelo para analisar CSI-PB frente a modelos componenciais e transformacionais.

⁵⁵ “These could be accounted for by the extension of the predicative construction ‘it is + ADJ + that...’ to adverbial constructions, probably via those adverbs which are formally identical to adjectival forms : ‘it is + ADJ/ADV + that...’ -> ‘ADV that...’” (tradução nossa).

São aspectos centrais do capítulo: a noção de construção, em especial quanto ao pareamento de uma forma sintática com um significado convencional (incluídos aspectos pragmáticos e discursivos), a partir de sua forma de superfície, ou seja, a despeito de diferenças transformacionais (sabidamente existentes em CSI); a organização em rede das construções, incorporada ao procedimento metodológico no capítulo seguinte, uma vez que constitui um dos objetivos desta pesquisa; e o panorama de variabilidade/generalização interlinguística, que prevê inerentemente prováveis idiossincrasias das CSI-PB paralelamente ao cotejo com CSI de outras línguas.

Capítulo 3 MATERIAIS E MÉTODOS

Neste capítulo são apresentados: o *Corpus do Português* e a justificativa de adotá-lo como fonte dos enunciados (3.1); o procedimento de coleta e seleção de dados (3.2); os critérios para a classificação formal e funcional das CSI, bem como para a sua representação em forma de rede construcional (3.3); uma síntese dos aspectos metodológicos (3.4).

3.1 O CORPUS DO PORTUGUÊS: CONSTITUIÇÃO

Esta análise é subsidiada pela observação de dados de cópuz que nos permitam captar o fenômeno da semi-insubordinação em contextos comunicativos reais, assim como ocorre nos principais estudos referenciados neste trabalho (VAN LINDEN, VAN DE VELDE, 2014; BEIJERING, 2016, 2017; SANSIÑENA, 2019).

O *Corpus do Português* (CdP) é dividido em quatro módulos. Um deles, chamado *Web/Dialetos* (Web/Dial) (DAVIES, 2016), é constituído por textos escritos advindos de dois milhões de páginas de internet e blogues distribuídas entre quatro países da lusofonia — Brasil, Portugal, Angola, Moçambique —, coletados em 2015. Esse módulo é morfológicamente anotado, sincrónico e fechado (não segue recebendo adições de material). A parcela da variedade brasileira corresponde a 656 milhões de palavras, de um total de um bilhão de palavras. Este é o módulo selecionado para este trabalho, o que se justifica pela atualidade e representatividade de um cópuz grande e que dispõe de gêneros discursivos adequados à busca de CSI: adequados porque o componente semântico das CSI consiste em avaliação subjetiva, e o cópuz abarca textos opinativos e, principalmente, seções de comentários de páginas de internet e blogues, nas quais os usuários interagem com os textos, com os autores dos textos e com outros usuários, emitindo apreciações de conteúdo e debatendo opiniões.

Quanto à composição do cópuz, este estudo se aproxima mais do de Van Linden e Van de Velde (2014) do que do de Sansiñena (2019) e de Beijering (2016, 2017). Van Linden e Van de Velde (2014) utilizam principalmente um cópuz de *chats* de internet em neerlandês flamengo, contido no CONDIV (cópuz cujo nome deriva do projeto *Convergence and divergence in the Dutch lexicon*, ‘Convergência e divergência no léxico neerlandês), ‘que se supõe aproximar-se mais da linguagem falada, incluindo recursos dialetais’⁵⁶ (VAN LINDEN E VAN DE VELDE, 2014, p. 229). Utilizam complementarmente material coletado da internet e exemplos construídos pelos autores, falantes nativos da variedade de neerlandês estudada.

Sansiñena (2019) extrai CSI do espanhol europeu e latinoamericano do COLA (*Corpus Oral del Lenguaje Adolescente*) e do componente oral do CREA (*Corpus de Referencia del Español*

⁵⁶ “[W]hich is assumed to resemble spoken language most closely, including dialectal features”.

Actual), e Beijering (2016, 2017) obtêm seus dados do *Norsk talespråkskorpus - Oslodelen* ‘O corpus da língua norueguesa - seção de Oslo’ (NoTa-Oslo) e do *Corpus Gesproken Nederlands* ‘Córpus do Neerlandês Falado’, respectivamente. Os materiais consultados pelas duas autoras são majoritariamente de contextos conversacionais em modalidade oral e permitem acesso aos áudios. Desse fato resulta a observação de Sansiñena (2019) de que CSI se diferem dos outros padrões por ela estudados em não apresentar uma quebra entoacional.

Os textos do Web/Dial representam duas situações comunicativas: a publicação de textos em páginas por seus autores e a publicação de comentários dos leitores desses textos, como resposta ao texto e/ou a comentários anteriores. Dessa caracterização apreendemos que os produtores desses enunciados são, portanto, pessoas alfabetizadas, com acesso à internet e que dela fazem um uso ativo, publicando textos ou comentários, mas o córpus não associa nenhuma informação dos enunciadorees aos enunciados. Cada excerto consultado é acompanhado das seguintes informações: o título e o endereço eletrônico da página de internet de onde foi extraído o texto e uma classificação entre dois gêneros de página: geral ou blogue. Como se trata de material linguístico originalmente gerado em modalidade escrita, não é possível observar (além do que indica a pontuação) quebras de entoação, como sugere Sansiñena (2019), portanto, iremos nos ater a análise dos significados como critério de identificação das CSI, como Van Linden e Van de Velde (2014).

O módulo Web/Dial foi montado com dois milhões de páginas coletadas do Google, a partir de buscas por colocados de alta frequência do módulo histórico do CdP (DAVIES, 2006) (ex.: *e que é, não é um*). A delimitação do país de origem de cada página foi feita com base no domínio (ex.: .br para o Brasil) e em ferramentas do Google que verificam o IP de hospedagem da página, os IPs das outras páginas que direcionam usuários para esta página, o tráfego de leitores por país, informações de localização na página e na ferramenta *Google Places*. Segundo o autor⁵⁷:

[M]esmo que isso falhe, o Google ainda pode ver que 95% dos visitantes do site vêm do Brasil, e que 95% dos *links* para essa página são do Brasil (e lembre-se que o Google conhece essas duas coisas), e então adivinharia que o site é provavelmente do Brasil. Não é perfeito, mas é muito, muito bom, como mostram os resultados das pesquisas orientadas ao dialeto.⁵⁸ (DAVIES, 2016, página do córpus)

Veremos a seguir um detalhamento das funcionalidades presentes na interface de trabalho do córpus e os procedimentos adotados para obtenção das ocorrências de interesse.

⁵⁷ O detalhamento da coleta de páginas, do tratamento dos textos e da delimitação da localização das páginas pode ser acessada em www.corpusdoportugues.org/web-dial/ > “see texts and registers” (ícone no topo) > “more information”.

⁵⁸ “[E]ven if that fails, Google could still see that 95% of the visitors to the site come from Brazil, and that 95% of the links to that page are from Brazil (and remember that Google knows both of these things), and it would then guess that the site is probably from Brazil. It isn't perfect, but it's very, very good, as is shown in the results from the dialect-oriented searches”.

3.2 O CORPUS DO PORTUGUÊS: USO E FUNCIONALIDADES

O motor de busca (Figura 7) existente na própria página do *córpus* dispensa o emprego de outro programa de tratamento de textos. O campo de buscas dispõe da ferramenta *parts of speech* (PoS, ‘classes de palavras’), que permite inserir na busca, além de itens lexicais, etiquetas de classes de palavras ou mesmo pontuação, possibilidade muito útil para esta pesquisa. Existem filtros para a frequência mínima e para o país de origem dos resultados da busca.

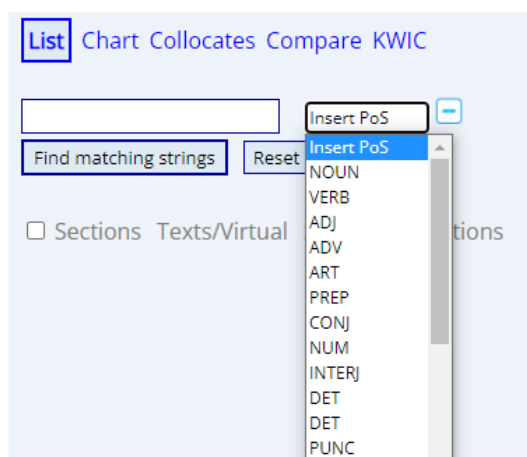


Figura 7: Interface de busca do CdP (Web/Dial) e ferramenta PoS.

Os padrões linguísticos que retornam das buscas são fornecidos na forma de uma lista (Figura 8), acompanhados de sua frequência no recorte selecionado do *córpus*. Há a possibilidade de lematização e de ordenação alfabética ou por frequência dos resultados.

	<input type="checkbox"/>	CONTEXT	FREQ
1	<input type="checkbox"/>	, CLARO QUE	3894
2	<input type="checkbox"/>	. LÓGICO QUE	1264
3	<input type="checkbox"/>	. ÓBVIO QUE	779
4	<input type="checkbox"/>	(CLARO QUE	610
5	<input type="checkbox"/>	, LÓGICO QUE	535
6	<input type="checkbox"/>	. EVIDENTE QUE	379
7	<input type="checkbox"/>	. INTERESSANTE QUE	378

Figura 8: Resultado de busca organizado por frequência decrescente no *Corpus do Português*.

Para cada resultado da busca no formato *X que* é fornecida uma interface de um concordanciador, com um enunciado por linha (Figura 9), e outra interface para visualizar o contexto expandido, com o título, o país e o gênero da página de cada ocorrência (Figura 10).

[?] SAVE LIST CHOOSE LIST [-----] CREATE NEW LIST [] [?]			SHOW DUPLICATES
A	B	C	"« e deve » se tornar ferramenta de publicidade da boa administração. Evidente que isso é potencializado quando obtido êxito na demanda, chama
A	B	C	a espada, e para todas as nações serão levados cativos... " Evidente que Jesus responde em esta específica passagem a primeira pergunta dos discíp
A	B	C	se a obtenção de índices pelos atletas, instalações esportivas e segurança. Evidente que esses três pontos são importantes e merecem atenção. Not
A	B	C	a farmácias adquirir itens que o hospital público não tem dinheiro para comprar. Evidente que a vaia de hoje foi para Dilma. Mas foi, também, para t
A	B	C	de as realidades sociais, sustentam implicitamente as finalidades sociopolíticas da educação. Evidente que a pedagogia não tem como institucionaliz

Figura 9: Concordanciador de contextos do CdP.

Corpus do Português: Web/Dialetos
EN PT

PESQUISAR
FREQUÊNCIA
CONTEXTO
CONTEXTO +

FONTE:

Data	Brasil: General
Título	A importância do exemplo que vem do outro lado Terceira Via
Fonte	http://3vv.com.br/2012/03/a-importancia-do-exemplo-que-vem-do-outro-lado/

Contexto ampliado:

de sucesso em a interface com o torcedor, o que pode até gerar matéria própria em esse espaço com os "« entendidos » de o assunto de aqui de o 3VV. Contudo, essa ação é restrita a os palmeirenses que tem acesso a o twitter, e que seguem o Diretor Jurídico ou seguem alguém que esteja trocando mensagens com ele, enquanto a repercussão de a batalha jurídica travada por os nossos vizinhos ganhou proporção nacional. Fica então a deixa... um processo judicial pode "« e deve » se tornar ferramenta de publicidade de a boa administração. Evidente que isso é potencializado quando obtido êxito em a demanda, chamando a atenção de a grande mídia como exemplarmente foi feito por os vizinhos de muro, que se hoje não chamam a atenção por o futebol apresentado, pelo menos o fazem em ações fora de as quatro linhas. tem q levar em conta algumas coisas Notícias ruins de o Palmeiras aparecem rapidinho Notícias ruins de os bambis.. somem rapidinho Notícias boas bambis aparecem como se fossem coisa do outro mundo.. nível Barcelona Notícias boas de o Palmeiras ficam

Figura 10: Contexto expandido de ocorrência no CdP.

Conhecidas as características estruturais e funcionais do corpús, prosseguimos para a seção de coleta e seleção de dados, na qual explicamos em detalhe como o conhecimento teórico acerca das CSI se converte em expressões de busca e como o analista atua sobre os resultados das buscas para distinguir quais padrões *X que* configuram ou não CSI.

3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA E SELEÇÃO DE DADOS

O procedimento semiautomático de coleta das CSI consistiu em elaborar expressões de busca que fornecem listas de padrões *X que* candidatos a CSI (ex.: Figura 8) como resultado. Foram verificados contextos e contextos expandidos de cada padrão *X que* (ex.: figuras 9 e 10) para determinar quais deles configuram CSI, ou seja, quais adjetivos, advérbios e substantivos na posição de *X* expressavam significado avaliativo sobre a oração subsequente introduzida por *que*.

De cada padrão *X que* confirmado como avaliativo foi coletado um enunciado do corpús, compondo um inventário com ocorrências de uso de todas as matrizes *X* identificadas em CSI-PB. Notou-se que algumas matrizes *X*, como *capaz*, expressam dois significados válidos para CSI. Nesse caso foi coletado um enunciado para cada significado. As construções matrizes foram limitadas a uma ou duas palavras gráficas, preservando a possibilidade de obter pré-modificação e

expressões lexicalizadas (*muito bacana que...*, *ainda bem que...*). Os filtros disponíveis foram configurados para exibir todos os resultados da variedade brasileira e de nenhuma outra.

Esse inventário de ocorrências, *a priori* qualitativo, nos permite analisar uma coleção de CSI-PB, de forma a tabular quais são e como se cruzam suas formas e funções, principal objetivo desta análise. Uma vez classificadas as construções, obtivemos também resultados quantitativos de frequência *type* (variedade de tipos) das CSI-PB, em função das classes gramaticais das construções matriz (X) e dos significados expressos por elas.

A obtenção da frequência *token* (quantidade de ocorrências de cada tipo no *cópus*), no entanto, não foi incluída neste estudo. Embora seja uma medida interessante quanto à distribuição dos usos por tipo, não é essencial para a caracterização qualitativa que aqui se propõe. Sua exclusão também é motivada por razões operacionais, uma vez que a observação dos tipos requer a análise de dezenas de contextos de mais de 15.000 padrões *X que*, muitos dos quais se confirmam como CSI apenas por uma ocorrência no *cópus*. Diferentemente de construções lexicais, a construção em foco é uma estrutura sintática, o que implica que muitos dos *tokens* de cada [*X que*] podem ser construções diferentes entre si. A título de exemplo, observem-se os seguintes enunciados do CdP. Em (45) e (47) temos CSI, mas com os mesmos padrões *X que* encontramos construções de significado e sintaxe completamente distintas, como uma comparação em (46) e uma retomada anafórica em (48).

(45) É uma cidade muito bonita, mas pouco conhecida. **Melhor que** não a conheçam. (CdP)

(46) Não há nada melhor que cerveja e futebol. **Melhor que** isso só sexo (CdP)

(47) Geralmente é um pincel mais achatado, [...] **Ideal que** seja de cerdas naturais! (CdP)

(48) O carisma da congregação pode ser considerado um ideal para a mulher consagrada. **Ideal que** pode ajudar- la a salir da desesperança (CdP)

Essas são apenas algumas possibilidades de variação de construções acerca de um padrão *X que* em início de frase. Para determinar, de fato, quantos *tokens* de cada [*X que*] constituem CSI seria necessário verificar um por um, principalmente devido à multifuncionalidade da palavra *que*. Ainda que algumas matrizes apresentem apenas uma ocorrência no *cópus* (ex.: *fatalmente que*), outras podem apresentar mais de 30.000 (ex.: *claro que*), de forma que os mais de 15.000 padrões *X que* analisados se multiplicariam por dezenas de milhares de ocorrências. Destarte, esse estudo foi

projetado para uma busca que esgote as CSI contidas nas 656 milhões de palavras do corpus quanto às suas variedades de matriz, não quanto à totalidade de *tokens*.

Outra decisão metodológica de ordem prática, fundamentada na literatura, diz respeito à forma da oração substantiva das CSI com que trabalhamos neste estudo. Kaltenböck (2019) observa que as orações substantivas de CSI em inglês podem variar entre os tipos *that-clause*, *ing-clause*, *zero-that-clause*, *infinitive-clause*, *how-clause*. Verificamos que em PB também ocorre variação, tanto do conectivo que introduz a oração, quanto da finitude do verbo (ex.: “interessante que façam...”; “interessante como fazem...”; “interessante notar...”) e, assim, hipotetizamos a forma genérica de CSI-PB como [[X] (CONNECT) [oração substantiva]].

No entanto, investigamos neste trabalho exclusivamente CSI cuja oração substantiva é introduzida por *que*. Essa forma foi selecionada por ser a principal forma estudada nos estudos de referência (VAN LINDEN, VAN DE VELDE, 2014; BEIJERING, 2016, 2017; BEIJERING, NORDE, 2019; SANSIÑENA, 2019) e por habilitar expressões de busca mais produtivas, uma vez que a conjunção *que* tem posição fixa na construção, logo após o elemento matriz, diferentemente dos verbos de orações reduzidas, que podem (ou não) ser antecidos, por exemplo, por sintagmas nominais ou adverbiais, como demonstram os exemplos (49) e (50).

(49) **Interessante o senhor não ressaltar** que o âmago de sua mensagem era uma crítica ao tom belicoso do governo israelense para com o Irã por causa de seu programa nuclear (CdP)

(50) **Interessante também destacar** que há filmes bem interessantes sobre artistas e seus processos criativos (CdP)

O material interveniente entre a matriz e o verbo infinitivo pode se estender por ainda mais palavras (ex.: Curioso **quem¹ se² diz³ fiel⁴ ao⁵ clube⁶ não⁷ se⁸** dispor a fazer isso), o que exige várias palavras “coringa” na busca e multiplica consideravelmente os resultados indesejados.

Delimitar o objeto de estudo como CSI-PB cujas orações substantivas sejam introduzidas pelo conectivo *que* implica que a forma da construção no nível mais alto de abstração da rede construcional aqui proposta será :

(51) [[X] [*que*] [oração substantiva finita]]

X é uma matriz adjetival, adverbial, substantival ou interjetiva.

3.3.1. Elaborando expressões de busca

As expressões de busca foram compostas pelas etiquetas de substantivo ($_n^*$), adjetivo ($_j^*$) e advérbio ($_r^*$), antecedidas por uma etiqueta de pontuação e seguidas da palavra *que*, sabendo-se que essas são as classes que podem nuclear as construções matriz (X). Buscas de teste com as demais classes na posição de X não retornaram nenhum resultado avaliativo, o que já era previsto e atesta a confiabilidade da anotação do *corpus*.⁵⁹

As interjeições, também previstas como possíveis matrizes, são do tipo secundário (SANSIÑENA, 2015), ou seja, derivadas de outras classes lexicais (ex.: *mentira!*). A anotação de interjeições do *corpus* é restrita a interjeições primárias (ex.: *ai, uau*), o que exclui essa etiqueta das buscas. As interjeições secundárias são anotadas como pertencentes às classes de que derivam e, portanto, estão contempladas dentre as três etiquetas selecionadas.

As etiquetas das classes gramaticais previstas para a construção matriz foram inseridas entre uma etiqueta de pontuação ($_y^*$) e a palavra *que*, para assegurar que X ocorra em posição inicial.

$_y^* _n^* que$ (nominais); $_y^* _j^* que$ (adjetivais); $_y^* _r^* que$ (adverbiais)

Quadro 5: Expressões de busca de CSI com elementos iniciais de uma palavra gráfica.

Apesar de haver a possibilidade de realizar buscas especificando *que* como conjunção, inserindo a etiqueta $_c^*$, optamos por não fazê-lo, pois, sendo a (semi-)insubordinação ainda pouco sistematizada em descrições gramaticais, a anotação de *corpus* poderia comprometer os resultados das buscas, caso houvesse casos em que a palavra *que* fosse etiquetada de outra forma, ou seja, não fosse reconhecida pelo anotador como conjunção integrante. Caso se possa confiar plenamente na anotação do *corpus*, utilizar tal estratégia é desejável, porque filtra dos resultados ocorrências de *que* com outras funções que não a de complementizador, como casos de pronome relativo (ex.: “Naquele ano choveu por dez dias seguidos, **coisa que** nunca mais aconteceu”), por exemplo.

Para captar matrizes com pré-modificadores e expressões lexicalizadas, buscamos duas palavras gráficas na posição de X. Isso foi feito repetindo as expressões do quadro 5 com o acréscimo de uma segunda etiqueta de adjetivo, advérbio, preposição ou artigo em posição anterior ao núcleo de X. Buscas por elementos iniciais pós-modificados foram testadas e se mostraram improdutivas.

⁵⁹ Há registro de algumas expressões lexicalizadas derivadas de verbos em outras línguas, possibilidade da qual abrimos mão em virtude do volume de resultados indesejados que os verbos trariam com construções subordinadas.

3.3.2. Identificando as CSI

O processo descrito nesta seção é dito semiautomático porque é feito em computador, sobre uma coletânea digital de textos, com auxílio de um software para buscar padrões linguísticos escritos (etapa automatizada, baseada na forma linguística), mas inclui também a elaboração das expressões de busca e posterior verificação dos critérios semânticos para cada enunciado candidato a CSI, tarefas não automatizadas de responsabilidade do analista. As decisões metodológicas de delimitação do alvo, as etapas automatizadas e a elaboração de expressões de busca foram descritas nas seções anteriores deste capítulo. Resta descrever os critérios para o analista, diante das listas de resultados, selecionar os dados de interesse.

Como destacado na seção 3.1, este estudo se assemelha ao de Van Linden e Van de Velde (2014) por ser feito sobre um corpus cujos textos foram concebidos em modalidade escrita, logo, não dispomos de áudio para analisar quebra entoacional, como propõe Sansiñena (2019). Observamos, portanto, as características sintáticas e semânticas de CSI contidas nas descrições de Van Linden e Van de Velde (2014) e de Sansiñena (2019), que as diferem de estruturas de outros significados:

- i. X tem significado avaliativo;
- ii. X impõe sobre a oração subsequente uma restrição de significado, porque tem sobre ela escopo funcional, ou seja, a toma como complemento proposicional da avaliação que expressa;
- iii. a relação sintática reflete a relação semântica, logo *que* é uma conjunção integrante (ou complementizador), e não um pronome relativo ou interrogativo, por exemplo.

Para ilustrar a aplicação desses critérios, retomemos os exemplos (45) a (48), repetidos abaixo por conveniência de leitura. Os exemplos (52) e (54) são CSI extraídas do CdP, encontrados nas mesmas buscas que forneceram os exemplos (53) e (55), respectivamente, como resultados.

(52) É uma cidade muito bonita, mas pouco conhecida. **Melhor que** não a conheçam. (CdP)

(53) Não há nada melhor que cerveja e futebol. **Melhor que** isso só sexo (CdP)

(54) Geralmente é um pincel mais achatado, [...] **Ideal que** seja de cerdas naturais! (CdP)

(55) O carisma da congregação pode ser considerado um ideal para a mulher consagrada. **Ideal que** pode ajudá-la a sair da desesperança (CdP)

Os critérios **i.** e **ii.** — ter significado avaliativo e tomar a oração subsequente como complemento dessa avaliação, impondo-lhe restrição de significado —, são verificados em (52) e (54). Os estados-de-coisas *que* [as pessoas] *não conheçam a cidade* e *que* [a escova] *seja de cerdas naturais* são avaliados como sendo *melhor* e *ideal*, respectivamente. Por conseguinte, verifica-se também para esses exemplos o critério **iii.** — *que* é uma conjunção integrante —, *que* introduz uma oração substantiva, de sentido incompleto sem o predicado contido na construção matriz.

Em (53) há um pronome *isso* retomando *cerveja e futebol*, e *que* não introduz uma oração substantiva, mas é conjunção subordinativa adverbial (descumpre o critério **iii**), introduz uma oração comparativa. A função de *melhor* é expressar o atributo, juntamente ao grau comparativo (mais bom), da comparação entre *sexo* e *isso* (descumpre os critérios **i** e **ii**). Já em (55), *que* é um pronome relativo (descumpre o critério **iii**) e introduz uma oração adjetiva que qualifica *ideal* (descumpre o critério **ii**). Nesse caso é nítido como *ideal* não expressa uma avaliação (descumpre o critério **i**), porque, na verdade, é um substantivo com função referencial (refere a *um ideal*, o carisma da congregação), função típica dos substantivos, mas que se perde quando estes exercem função predicativa.

A discussão acima ilustra como tais critérios servem como o filtro de seleção de CSI, a ser aplicado aos enunciados que se obtêm do *cópus* em uma busca baseada na forma. Foram filtrados também casos de elipse por repetição, como “**Acho melhor que** você vá. **Melhor que** fique por lá”.

Sansiñena (2019) contribui para essa filtragem ao apresentar dois exemplos “negativos”, ou seja, os casos de *prefácio + oração insubordinada com que* e de *ato discursivo completo + que-causal*, que também podem resultar de uma busca pela forma de CSI.

Os casos de *prefácio* são expressões iniciadas em vocativos ou interjeições e seguidas de orações insubordinadas com *que*, como (56), caso de oração optativa.

(56) [A group of friends singing and playing around]

G05: *pero es que el mono lo puedo hacer rapeando* [noise of somebody rapping]

J01: *ese es Jorge*

G01: *bueno (.) que quede claro que ese era Jorge eh que no era yo_ <laughter>*

‘[um grupo de amigos cantando e brincando]

G05: *mas eu consigo fazer o macaco cantando rap* [barulho de alguém cantando rap]

J01: *esse é o Jorge*

G01: *bom (.) que fique claro que esse era o Jorge, que não era eu <risadas>*’

(SANSIÑENA, 2015, p.157)

Nos casos de *que*-causal , a oração com *que* justifica o elemento precedente, o qual expressa um ato intersubjetivo do falante, a exemplo de (57). Neste caso, *que* pode ser parafraseado por *porque* sem grande alteração de sentido.

(57) [Two skiing enthusiasts talking about a ski resort]

A: *En pajares, me comentan que estaba una máquina trabajando en el tubo... y otra en el vallón.*

P: *Ojalá, que ya estoy harto de esquiar sólo en el valle.*

‘[Dois entusiastas de esqui falando sobre um resort de esqui]

A: Em pajares, me disseram que estava uma máquina trabalhando no Tubo... e outra no Vallón.

P: Oxalá, que já estou cheio de esquiar só no Valle.’

(SANSIÑENA, 2015, p.157)

Em resumo sobre esses casos, a autora diz que os elementos iniciais exprimem chamada de atenção, atitude do falante ou organização discursiva, mas que “cada ato discursivo seria possível sem o outro e a unidade de construção de turno (TCU) precedente não tem escopo sobre a oração com *que*”⁶⁰ (SANSIÑENA, 2019, p. 221). Note-se que na descrição da autora *bueno* (‘bom’) pode constituir CSI em outros contextos, em que estejam integrados sintática, prosódica e semanticamente a matriz e o constituinte inicial.

3.3.3. *Significados afetivos e relação sintática completiva nominal*

Van Linden e Van de Velde (2014) incluem entre as semi-insubordinadas construções que “não avaliam um determinado conteúdo proposicional como tal, mas especificam o estado psicológico do falante em relação a um determinado conteúdo”⁶¹ as quais chamam afetivas, como (37), repetida abaixo como (58).

(58) <Pifke> *eef dan zijn we met 2:))*

<Evaatje> *pifke blij da’k nie alleen ben... da lucht enorm op [...]*

pifke feliz que.eu não sozinho estou isso alivia enormemente PRT

‘P: Eef, então somos dois :) E: Pifke, feliz que não estou sozinho. É um alívio enorme’

(VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014, p.233)

⁶⁰ “Each move would be possible without the other and the preceding TCU is not scoping over the *que*-clause.”

⁶¹ “[D]o not evaluate a particular propositional content as such, but specify the psychological state of the speaker towards a particular content”.

Kaltenböck observa sobre CSI afetivas do inglês que “os elementos matriz também podem ser reconstruídos como orações matriz copulativas de primeira pessoa (p. ex., *I am sorry / glad that...*)”⁶² (KALTENBÖCK, 2019, p.191). Beijering (2017), por outro lado, afirma que esses padrões “Diferem tanto semântica quanto estruturalmente das CSI avaliativas e discursivas com *dat*”⁶³ (BEIJERING, 2017, p. 344), e, por isso, as exclui de suas discussões de CSI baseada em dados de cópulas do neerlandês.

Em PB são verificados os adjetivos ‘afetivos’ *feliz, contente, impressionado, decepcionada e seguro*, bem como o substantivo *medo*. A ocorrência de *decepcionada* ilustra que ocorre concordância de gênero entre o adjetivo e o gênero de quem enuncia a construção, o que corrobora a sugestão de Kaltenböck (2019) de uma possível reconstrução copular com sujeito de primeira pessoa.

Como Beijering (2017), consideramos que as diferenças entre essas construções e as CSI, no sentido adotado até aqui, são substanciais, especialmente porque a oração com *que* contida em uma construção afetiva não estabelece uma relação predicativa com a matriz adjetival ou substantival, mas lhe serve de complemento nominal. Essa possibilidade de análise foi reconhecida por Van Linden e Van de Velde (2014) a respeito de matrizes substantivais:

Deve-se notar que – diferentemente dos casos dos padrões adverbial e adjetival – as orações com *que* em (14c) e (20)-(23) poderiam ser analisadas como orações apositivas ou completivas nominais.⁶⁴ (VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014, p.233)

Dois dos exemplos sobre os quais os autores fazem essa afirmação são reproduzidos abaixo:

(59) <VLinderke> *frisk jong ge deed mij een hartattack krijgen!!!!*

<Frisk> *ben er terug*

<VLinderke> *oef*

<Frisk> *hoe bedoelt ge*

<Frisk> *schrik da ik ging bellen of wa?*

medo que eu fosse ligar ou o quê

‘V: Frisk, cara, você me deu um ataque do coração! F: Estou de volta. V: Ufa! F:O que você quer dizer? Medo (de) que eu fosse ligar ou o quê?’

⁶² “[T]he matrix elements can also be reconstructed as first person copulative matrix clauses (e.g. I am sorry/glad that)”.

⁶³ “[D]iffer both semantically and structurally from the evaluative and discursive semi-insubordinate *dat*-constructions”.

⁶⁴ “It should be noted that – unlike in the cases of the adverbial and adjectival patterns -- the *dat*-clause in (14c) and (20)--(23) could also be analysed as an appositional or noun complement clause”

- (60) <Pooky> *IK GA NAAR DE SNEAK!*
 <Pooky> *kans dat het “apt pupil” is!*
 chance que EXPL *apt pupil* esteja
 ‘P: Eu vou no Sneak (pré-estreia). Tem chance de que esteja passando Apt Pupil!’
 (VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014, p.234-235)

Por considerarmos que a relação sintática distinta não atende ao padrão de forma aqui proposto para CSI, assim como reflete uma diferença em significado (portanto não corresponde ao pareamento de forma e significado adotado), excluiremos esse tipo de construção dos dados. Essa decisão se aplica às matrizes de significado afetivo encontradas no PB (*contente, decepcionada, feliz, impressionado, (com) medo e seguro*) e aos demais elementos encontrados em posição de X que também estabelecem com a oração das CSI relação sintática de complemento nominal (ex.: *desejos, boatos, dívida(s), grande chance, grande perigo, palavra, rumores, suspeitas, vontade*)⁶⁵

3.4 CLASSIFICAÇÃO FORMAL, FUNCIONAL E REPRESENTAÇÃO EM REDE

Uma vez coletadas as ocorrências de interesse, observamos as propriedades de forma das CSI, especialmente quanto à classe gramatical da matriz e quanto à restrição de certas matrizes serem empregadas sistematicamente em ilocução exclamativa ou interrogativa. Observamos paralelamente às propriedades de significado das CSI-PB, quais valores semântico-pragmáticos são verificados dentro do domínio maior da avaliação. Por fim, cruzamos as informações de forma com as de significado, a fim de mapear as subcategorias de CSI.

Todas as construções matriz de CSI encontradas no PB foram classificadas segundo suas categorias gramaticais, o que nos fornece a frequência *type* (variedade de tipo) da construção, entre adjetivais, adverbiais, nominais e interjetivas. Os significados foram agrupados enquanto avaliativos modais ou não modais, e anotados quando expressavam outro valor semântico-pragmático relevante. De mão dessas informações foi possível traçar uma rede, partindo dos *tokens* (construtos) para os níveis mais abstratos, em um processo *bottom-up*, conforme descrito no capítulo 2, estabelecendo níveis intermediários de esquematicidade (mesoconstruções) entre as microconstruções, primeiro nível de abstração, e a construção mais esquemática “CSI-PB”. Os níveis intermediários na hierarquia da rede, especificam significados modais e não modais e as classes gramaticais das construções matriz que os instanciam.

⁶⁵ Note-se que apenas com as construções cuja relação entre as partes é completiva nominal é compatível a inserção da preposição *de* entre X e a oração, (boatos de que..., grande chance de que..., medo de que...,), mas não quando elemento inicial predica a oração substantiva, constituindo uma CSI (*um milagre de que..., *uma lástima de que...).”

3.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO 3

Neste capítulo apresentamos o *cópus* de trabalho, com suas características estruturais e funcionais, assim como os métodos de busca, seleção e análise das CSI-PB. Estabelecemos também recortes e decisões metodológicas que circunscrevem o objeto de análise, em relação às descrições de CSI encontradas na literatura e em função do *cópus* de trabalho.

Quanto à composição do *cópus*, destaca-se a característica dos textos serem originalmente gerados escritos, o que aproxima esta análise da de Van Linden e Van de Velde (2014), implicando na detecção de CSI a partir de critérios sintáticos e semânticos, exclusivamente (não prosódicos). A anotação do *cópus* com etiquetas PoS viabiliza a busca baseada nas etiquetas de adjetivos, advérbios e substantivos na posição da construção matriz.

Determinamos que a forma alvo de CSI-PB deste estudo é aquela cujo *slot* (CONNECT) é preenchido pela conjunção *que* e a oração que a acompanha é finita, em virtude da disponibilidade de literatura acerca desse subtipo, permitindo o cotejo da análise com todas as descrições de CSI de que temos conhecimento, e também por razões operacionais, de viabilidade de busca e detecção no *cópus*. Ficam fora dessa delimitação CSI com orações infinitivas ou com outros conectores.

Descartamos do nosso escopo de CSI as construções descritas como de valor ‘afetivo’, bem como as demais cuja relação sintática entre as partes X e oração substantiva seja completiva nominal. Tal relação sintática distinta reflete uma relação semântica distinta e, portanto, outra construção. Por motivo semelhante descartamos as CSI discursivas, na classificação de Beijering (2016, 2017), cujo elemento inicial indica conexão com discurso anterior (ex.: *fora que, ademais que, principalmente que*) e não uma avaliação de proposição.

Por fim estabelecemos o processo *bottom-up* de observação dos construtos e microconstruções das CSI-PB em busca das regularidades de forma e função que dão origem aos níveis mais esquemáticos da rede das CSI-PB.

Capítulo 4 CONSTRUÇÕES SEMI-INSUBORDINADAS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Discutimos neste capítulo o que os dados de *cópus* evidenciam sobre as CSI-PB, apresentando, em 4.1 os tipos formais atestados, classificados a partir da construção matriz, em 4.2, suas variedades de significação dentro do domínio avaliativo, em 4.3, uma breve descrição das características discursivas do emprego das CSI-PB, e, em 4.4, nossa proposta de rede construcional dessas construções, elaborada a partir do cruzamento das descrições contidas em 4.1 e 4.2. Ao final é apresentada uma síntese do capítulo.

4.1 FORMAS DAS CSI-PB

O *cópus* forneceu ocorrências de 173 *lexias* diferentes como matrizes de CSI-PB, das quais 117 são adjetivais, 23 adverbiais, 20 nominais e 15 interjetivas. Estes dados corroboram a variedade de matrizes hipotetizada na generalização de forma das CSI-PB apresentada em (51), na seção 3.3, reproduzida abaixo.

(61) [[X] *que*] [oração substantiva finita]

X é uma matriz adjetival, adverbial, substantival ou interjetiva.

As subseções a seguir apresentam a face formal para cada tipo de matriz das CSI-PB

4.1.1. Matrizes adjetivais das CSI-PB

O tipo adjetival é o que apresenta maior frequência *type* (variedade de matrizes) no PB, 117. Este tipo é mencionado em todas as descrições de semi-insubordinação das quais temos conhecimento. Exemplos deste tipo formal se encontram em (62), (63) e (64):

(62) Webber deveria ser afastado pela equipe antes mesmo da corrida na China. **Difícil que** isso aconteça porque a RB não tem uma alternativa confiável, mas do fim de ano não passa. (CdP).

(63) Retoquei somente essa unha e tirei tudo no quinto dia. **Gozado que** toda vez que lavo os cabelos eu lasco o esmalte da unha do indicador direito somente, mesmo com esmaltação normal com base. (CdP)

(64) Durante estas semanas, a grávida precisa de ingerir mais vitaminas e sais minerais. Legumes frescos, peixe, carne, ovos, queijo, produtos lácteos, nozes e leguminosas devem tornar-se, agora, mais do que nunca, parte do seu plano alimentar. [N]ormal que comece a sentir os primeiros enjoos matinais, devido às alterações hormonais.

As matrizes adjetivais de CSI qualificam orações substantivas, portanto todos os adjetivos são empregados em sua forma lematizada, ou seja, no singular e na forma neutra, que em PB coincide com a forma do gênero masculino para adjetivos que permitem flexão de gênero (morfema -o). O quadro 6 apresenta todos os adjetivos atestados em cópua como matrizes de CSI-PB.

abominável	deprimente	ideal	inexplicável	natural	recomendável
absurdo	desejável	imperativo	inimaginável	necessário	relevante
aconselhável	difícil	imperioso	inquestionável	nítido	revoltante
adequado	duro	importante	interessante	normal	ridículo
bacana	duvidoso	importantíssimo	inusitado	notável	ruim
bizarro	elementar	impossível	irônico	notório	salutar
bom	engraçado	imprescindível	irrelevante	óbvio	sensacional
cabível	espantoso	impressionante	justo	ótimo	significativo
capaz (1)	esquisito	improvável	lamentável	pavoroso	simbólico
certo	essencial	inaceitável	lastimável	perceptível	sintomático
chato	estranho	inacreditável	legal	péssimo	surpreendente
claríssimo	evidente	inadmissível	legítimo	pior	trágico
claro	excelente	incontestável	lícito	possível	triste
complicado	fantástico	incontroverso	lógico	preferível	urgente
compreensível	fascinante	incrível	louco	presumível	válido
comum	foda	indiscutível	louvável	previsível	vergonhoso
contraditório	frustrante	indispensável	magnífico	provável	visível
correto	fundamental	indubitável	massa	prudente	
curioso	garantido	inegável	melhor	raro	
danado	gozado	inevitável	menos mau	razoável	

Quadro 6: Matrizes adjetivais de CSI-PB.

Destacam-se alguns adjetivos dessa lista que precisam ser lidos em sentido figurado para que sejam compatíveis com a avaliação de proposições. É o caso de *danado*, *duro*, *foda*, *louco* e *massa*, que poderiam ser consideradas gírias. *Danado*, em (65) e *louco*, em (66) são adjetivos

aplicáveis a humanos, mas nesse caso designam metaforicamente estados-de-coisas como indesejado e inesperado, respectivamente:

(65) Sinceramente, ver um semelhante batido e continuar socando até o sangue espirrar, pode ser considerado esporte? Mas tudo não passa de um circo. De um arrumadinho safado. **Danado que** ainda tem besta que prestigia um TROÇO desses... Quanto ao abczão... jogou muito bem! De igual prá igual na ressacada. (CdP).

(66) Fiquei com saudades da sua energia. **louco que** não t[e] conheço, e não sou d[e] me apegar a pessoas com quem não tenho contato físico... aquela coisa de olhar no olho... mais já gosto mto de vc e estava até preocupada com a sua retirada. (CdP)

Já *foda* e *massa* são originalmente substantivos, mas no sentido empregado em CSI avaliam proposições negativamente e positivamente, respectivamente, como se vê em (67) e (68). Os sentidos metafóricos de *duro*, *danado* e *foda* se assemelham nessa construção.

(67) Bike completa eles investiram um pouco pouco, acho que chama Darco, né? A bike... ah! **Foda que** o preço é parecido com uma bike gringa. (CdP).

(68) Engraçado foi na final da Sula. Tentei puxar "Olê, olê, olê, Interr" Uns piás olharam pra mim com uma cara recriminadora, como se eu fosse o cara que nunca vai no campo. **Massa que** consegui ser COMPREENDIDO até pelos que não são colorados. (CdP)

Neves (2000) aponta como característica inerente dos adjetivos qualificadores serem graduáveis e intensificáveis (NEVES, 2000, p.186-187), o que também se observa quando estes compõem CSI. Dentre as lexias compostas por duas palavras gráficas, de significado composicional (que se podem apreender pela soma das partes) e núcleo adjetival, foram encontrados 29 matrizes adjetivais intensificadas (ou atenuadas), como em (69), ou graduadas, como em (70), por ao menos um dentre 17 pré-modificadores adverbiais.

(69) Mas mesmo assim monsieur Trappier acha que o Rafale pode ganhar... rs! Não sei se trata-se de blefe. **Pouco provável que** comprem dos europeus, mas pode sair ai um pedido para os F-18.(CdP).

(70) Encontrar o equilíbrio é arte para poucos. Só mesmo os de excepcional legitimidade, autoridade moral e liderança. Difícil que isso ocorra quando os líderes têm posições a defender dentro do partido. **Mais adequado que** Fernando Henrique o faça. Está fora da linha eleitoral. (CdP)

A combinação de adjetivos e pré-modificadores em CSI-PB está demonstrada no quadro 7.

Modificador adverbial	Núcleo adjetival	Modificador adverbial	Núcleo adjetival	Modificador adverbial	Núcleo adjetival
absolutamente	lamentável	meio	difícil	sempre	bom
ainda	pior	menos	mau/ruim	simplesmente	pavoroso
bastante	frustrante	muitíssimo	improvável	tão	bom
bem	óbvio/provável	perfeitamente	lícito	totalmente	compreensível
extremamente	importante/justo	plenamente	possível		
mais	adequado/provável	pouco	provável		
muito	bacana/bom/comum/contraditório/engraçado/importante/improvável/interessante/irônico/legal/lógico/natural/normal/provável/ruim/sintomático/triste/útil				

Quadro 7: Adjetivos e pré-modificadores adverbiais como construções matriz de CSI-PB.

4.1.2. Matrizes adverbiais das CSI-PB

A categoria adverbial de CSI é também abordada em todas as descrições de semi-insubordinação das quais temos conhecimento. Em PB, verificamos 23 diferentes lexias adverbiais como matrizes de CSI, cerca de um quinto da gama de adjetivais. **Os significados avaliativos expressos por essa categoria se assemelham aos de CSI adjetivais, pois essa é composta principalmente ($\approx 70\%$) por construções iniciadas em advérbios derivados de adjetivos (acrescidos do sufixo *-mente*), a exemplo de (71), mas também é significativa a variedade de advérbios não derivados de adjetivos, como em (72).**

(71) Já sobre essa discussão de culpabilizar ou desculpabilizar quem não amamenta, tenho uma opinião. **Obviamente que** amamentar não é a única forma de fortalecer o vínculo entre mãe e filho. (CdP).

(72) Li com atenção, recentemente, a denúncia de Aldo Arantes 65, que passou também pela mesma câmara, presumo eu, pela descrição que dela ele fez. Diz ele que a câmara procura dar a impressão de que o preso está ficando louco. Talvez tenha sido só isso. **Talvez que** eu tenha tido só a impressão. Mas o que eles poderiam fazer comigo louco? (CdP)

O quadro 8 abaixo apresenta a totalidade das matrizes adverbiais atestadas em cópulas como iniciais de CSI em PB.

certamente	decerto	indubitavelmente	nitidamente	sem dúvida(s)
claramente	definitivamente	inegavelmente	obviamente	sem surpresa
com certeza	evidentemente	inevitavelmente	possivelmente	talvez
de certeza	fatalmente	logicamente	provavelmente	
de verdade	garantidamente	naturalmente	seguramente	

Quadro 8: Matrizes adverbiais de CSI-PB.

Como previsto para adjetivos qualificadores, verifica-se também a intensificação de matrizes adverbiais, com menor variedade, apenas *bem evidentemente* e *muito provavelmente*. Não são verificados casos de gradação de matrizes adverbiais.

Em línguas sem diferenciação morfológica entre adjetivos e advérbios, como ocorre em neerlandês, pode haver ambiguidade entre adjetivos e advérbios nas matrizes de CSI (AELBRECHT, 2006; VAN LINDEN VAN DE VELDE, 2014; BEIJERING, 2017). Como mencionado em 1.4, nessas línguas “elementos pertencentes à categoria ambígua de “adjetivo-advérbio” [...] provavelmente têm status adjetival, em vez de adverbial, porque advérbios sentenciais carecem de propriedades de predicação.” (BEIJERING, 2017, p. 344).

Embora haja diferenciação morfológica dessas classes no PB, essa intercambialidade adjetivo-advérbio pode estar na base da inserção de advérbios nas CSI, intercambialidade que também se nota na modificação verbal em PB, como nas expressões *descer suave*, *bater forte*, *falar firme*, assim como em espanhol:

Os chamados advérbios adjetivais ou advérbios curtos muitas vezes se alternam com as formas correspondentes em *-mente*, como em *llegar* {rápido ~ rápidamente} ‘chegar rapidamente’; *hablar* {claro ~ claramente} ‘falar claramente’. (SANSIÑENA, 2019, p. 201)⁶⁶

Segundo Ramat e Ricca (1998), os outros advérbios que não são derivados de adjetivos via sufixo *-mente*, podem ter sua presença em CSI justificada por herança de estrutura verbal, ou por extensão da construção predicativa. Entre os dados do PB não são verificados advérbios de derivação verbal. Todas as matrizes adverbiais atestadas que não derivam de adjetivos (via sufixo *-mente*) são epistêmicas e em sua maioria derivadas de nomes (*com certeza, de certeza, de verdade, decerto, sem dúvida(s), sem surpresa, talvez*).

Como sugerido no capítulo 2, de forma análoga à interpretação de verbos que não implicam movimento no *slot* verbal da construção de movimento causado do inglês, podemos entender tal extensão da construção predicativa dentro da abordagem construcional como uma contribuição do significado da construção sintática, dentro da qual o advérbio deve ser interpretado como fornecendo uma avaliação à proposição, embora não seja tipicamente uma classe de natureza predicativa. Não por acaso apenas advérbios epistêmicos e derivados de adjetivos avaliativos são recrutados para a construção matriz de CSI-PB. O mesmo se aplica a matrizes interjetivas.

4.1.3. Matrizes substantivais das CSI-PB

As CSI-PB somam 20 tipos de matrizes substantivais encontradas em dados de córpus. Elas selecionam substantivos abstratos, por vezes metafóricos (ex.: *dureza, pecado*), tanto de gênero gramatical feminino quanto masculino, em forma lematizada (singular), que contenham alguma valoração subjetiva com a qual o conteúdo da oração seja equiparado (ex.: *pena, sorte*), como em (73) e (74).

(73) E a patinação artística, para mim, é um capítulo à parte, acho todo mundo que se apresenta ótimo!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! **Uma injustiça que** alguns tenham notas mais baixas (CdP)

(74) Faça o teste, ao passar por um acidente na rua, pergunte pra alguém o que aconteceu. **Quase certeza que** a causa é falha humana (falta de atenção e tal). Prefiro exigir do poder público mais estrutura cicloviária do que exigir que um comercial "« ofensivo "» seja retirado do ar. (CdP)

⁶⁶ “The so-called adjectival adverbs or short adverbs often alternate with the corresponding forms in *-mente*, as in *llegar* {rápido ~ rápidamente} ‘to arrive fast’; *hablar* {claro ~ claramente} ‘to speak clearly’.”

Como ocorre com CSI adjetivais e adverbiais, os constituintes iniciais nominais também podem ser modificados por advérbios, como *bem verdade* em (75), ou por adjetivos, como *puro preconceito* em (76).

(75) Mas antes de se mudar, também gostaria de decorar os ambientes para deixá-los com o seu estilo. Ou então você já mora há bastante tempo em um endereço e acha que está na hora de renovar o visual dos cômodos. **Bem verdade que** nas duas situações isso pede tempo e dinheiro. Porém há lojas que aceitam os cartões de financiamento da CAIXA [...] - para a aquisição de produtos e serviços associados às transformações da casa (CdP)

(76) As pessoas que falam que gostamos do Eric só pq ele é lindo, talvez deversem acompanhar um pouco mais a carreira de Alex para ver o quão bom ator ele é. **Puro preconceito que** gente bonita não pode ser inteligente e bem sucedida no que faz!!!! (CdP)

Há ainda casos em que o substantivo é precedido (necessária ou opcionalmente) por um artigo indefinido, como se nota na alternância entre *uma pena* e *pena*, em (77) e (78).

(77) Eu adoro o filme e jamais imaginei que ele fosse adaptado de um livro! **Uma pena que** ele não foi lançado no Brasil. (CdP)

(78) A gente deve pelo menos respeito a alguém com quem tivemos momentos felizes. **Pena que** nem todo mundo saiba o que é isso. (CdP)

O quadro 9 traz a totalidade dos lexemas atestados em cópuz como matrizes substantivais de CSI-PB .

certeza	ironia	puro preconceito	um vexame
dureza	(uma) lástima	quase certeza	uma injustiça
fato	ótima notícia	sacanagem	uma coincidência
feliz coincidência	pecado	sorte	uma vergonha
garantia	(uma) pena	um milagre	(bem) verdade

Quadro 9: Matrizes substantivais de CSI-PB.

O emprego de substantivos em função predicativa é comum em orações simples e complexas, como “*é o cúmulo do absurdo que ele deixe de comer*”, ou “*ela é professora*”, de

forma que sua presença como matriz predicativa em CSI não provoca o mesmo estranhamento de advérbios ou interjeições.

4.1.4. Matrizes interjetivas das CSI-PB

Sansiñena (2019) considera que os elementos iniciais de CSI podem ser classificados em duas categorias semânticas: “os que expressam avaliação subjetiva e implicam pressuposicionalidade, e os que expressam qualificação epistêmica e evidencial de uma proposição”⁶⁷ (SANSIÑENA, 2019, p. 222). Ela classifica formalmente os do primeiro tipo como interjeições secundárias. Van Linden e Van de Velde (2014), por sua vez, apresentam esse elementos apenas como pertencentes às classes dos adjetivos, advérbios e substantivos. Eles afirmam que:

“[Os] vários tipos de significado interpessoal quase invariavelmente vêm junto com força ilocucionária exclamativa; ou seja, a maioria das construções de subordinação (semi-)autônoma estudadas aqui é feliz apenas em contextos exclamativos [...] [p]rosodicamente, elas têm entonação exclamativa”⁶⁸ (VAN LINDEN, VAN DE VELDE, 2014, p. 228).

Tal força ilocucionária exclamativa apontada pelos autores sugere que pode ser difícil classificar matrizes de determinadas CSI como interjeições secundárias (derivadas de outras classes gramaticais, a opção de Sansiñena, 2019) ou apenas como substantivos, adjetivos e advérbios (opção de Van Linden e Van de Velde, 2014). Entre as características atribuídas à classe das interjeições está a de que elas formam atos discursivos isolados, isto é, que “as interjeições não entram em construção com outros elementos; elas não são muito bem integradas às gramáticas das sentenças das línguas”⁶⁹ (AMEKA E WILKINS, 2006, p.6).

A semi-insubordinação, como analisada por Sansiñena (2019), é um caso de interjeições formando uma construção complexa integrada com uma oração. Essa característica das CSI implicaria: ou que interjeições seriam capazes, em determinados casos, de integrar a sintaxe da sentença, ou que tais matrizes sejam classificadas segundo suas classes de origem (exs.: *mentira*: substantivo; *capaz*: adjetivo).

Assumimos que todas as matrizes interjetivas de CSI são secundárias (SANSIÑENA, 2019), ou seja, derivadas de outras classes gramaticais (como *mentira* e *sério*, e não do tipo de *ai!* ou *uau!*).

⁶⁷ “[T]he ones that express subjective evaluation and imply presuppositionality, and the ones that express epistemic and evidential qualification of a proposition.”

⁶⁸ “The various types of interpersonal meaning almost invariably go together with exclamative illocutionary force; that is, most of the (semi-)autonomous subordination constructions studied here are only felicitous in exclamative contexts [...] [p]rosodically, they have exclamative intonation”.

⁶⁹ “Interjections do not enter into construction with other elements; they are not very well integrated into the clause grammars of languages”.

A categoria de interjeições nesta análise é resguardada apenas para expressões tipicamente dicionarizadas como tal, derivadas de formas cristalizadas ou fórmulas sociais, cuja classe de origem não seja facilmente recuperável. Ao total, foram verificadas 15 matrizes interjetivas de CSI-PB, como (79) e (80):

(79) Este Feliciano é um bandido que ludibria e engana vários trouxas, que ficou rico e foi eleito pela ignorância de um povinho sem vergonha e sem escrúpulos, que usam Deus e a Bíblia como máscara para suas ações inescrupulosas. **Grandes merdas que** você é um pastor, ser evangélico, ou cristão, não lhe faz melhor do que ninguém. (CdP)

(80) Bill Adorei esta análise, nesta sociedade competitiva, pessoas assim terão o dom que os "espertos" não têm: estes, uns imbecís apenas, candidatos a um mundo interior, vazio **Ainda bem que** existem alguns Messis, uma esperança para a humanidade que, só pode crescer.

O quadro 10 apresenta as matrizes interjetivas de CSI verificadas em cópua no PB.

ainda bem	conversa	mentira
beleza	grande coisa	ok(ay)
bem feito	grande porcaria	sério
brincadeira	grandes bostas	tudo bem
capaz (2)	grande(s) merda(s)	tudo certo

Quadro 10: Matrizes interjetivas de CSI-PB

Assim como discutido acerca dos advérbios, interjeições não ocupam tipicamente função predicativa em construções sintáticas e, a depender da análise, não ocupam função alguma na estrutura da frase. Portanto, em muitos casos também não é possível uma paráfrase reconstituindo uma construção complexa com verbo de cópula e a avaliação que recai sobre o conteúdo proposicional é indireta. Vejam-se os exemplos (79) e (80) acima. Interjeições de base substantival estão mais próximas de uma interpretação copular, como em (79), em que se pode interpretar que o conteúdo da oração é *(uma) grande merda*. Já em (80), a expressão lexicalizada *ainda bem* tem base adverbial e, como os advérbios, parece à primeira vista imprópria nesta posição. Sua presença na posição de matriz de CSI tem a interpretação direcionada pelo significado avaliativo da construção maior, como mencionado na seção de matrizes adverbiais.

4.2 SIGNIFICADOS DAS CSI-PB

As CSI-PB expressam significados modais e não modais, segundo o mapeamento de Van Linden (2012) adotado para a relação entre esses campos semânticos. Do total de 175 matrizes, os significados avaliativos não-modais respondem por 135 matrizes, sendo que 4 destas expressam miratividade (DELANCEY, 1997, p. 33) e 2 expressam negação enfática (HUDDLESTON; PULLUM, 2002, p. 849). Os avaliativos modais correspondem às outras 42 matrizes, distribuídos em 23 de modalidade epistêmica, 16 de modalidade deôntica e 1 evidencial. Sete dos lexemas de modalização epistêmica asseverativa (de certeza) exibem uma função evidencial que não é exclusiva das CSI, mas nelas também se manifesta, como descreve Dendale (2020) (ver 4.3.6)

Apresentaremos nas seções seguintes a variedade de significados de CSI-PB, partindo da parcela avaliativa não modal (4.2.1), seus subtipos com especialização de miratividade e negação enfática, e passaremos aos avaliativos modais (4.2.2), epistêmicos, deônticos e evidenciais.

4.2.1. Avaliação não-modal

CSI avaliativas não-modais exprimem uma avaliação subjetiva do falante sobre o conteúdo proposicional da oração com *que*, o qual é pressuposto como verdadeiro. Podem ser exemplificadas por (81), (82) e (83) de matrizes adjetival, substantival e interjetiva, respectivamente:

(81) Mas as provas pelas quais ela tem que passar são legais o suficiente pra o filme ser bem aventureiro. **Legal que** nesse conto quem passa pelas provas é a garota, e não o príncipe encantado. (CdP)

(82) Fiquei mais de 1 hora na fila só para entrar e passar pelo raio-x. Mal sabia que ia ficar mais 2 horas na imigração. **Sorte que** cheguei cedo no aeroporto. (CdP)

(83) eu gosto mto de jogar o Fifa, desde o 12, q[ue] foi o melhor jogo até agora, ainda não vi o gameplay, foi uma cagada tremenda da EA colocar esses gráficos para a próxima geração, essa EA f. **bem feito que** o PES 14 veio pra dar um tapa na cara de EA (CdP)

Trata-se da função mais amplamente difundida das CSI, desempenhada pelo maior número de matrizes, 135, e com instâncias de todas as categorias. Dentre elas, as matrizes adjetivais são as mais numerosas, com 91 representantes, seguidas por 17 substantivais, 12 adverbiais e 15 interjetivas. Esta distribuição é exibida no quadro 11 abaixo.

Adjetivais				Adverbiais	Substantivais	Interjetivas
abominável	estranho	inquestionável	ótimo	claramente	dureza	ainda bem
absurdo	evidente	interessante	pavoroso	de verdade	fato	beleza
bacana	excelente	inusitado	perceptível	definitivamente	feliz coincidência	bem feito
bizarro	fantástico	irônico	péssimo	evidentemente	ironia	brincadeira
bom	fascinante	irrelevante	pior	indubitavelmente	(uma) lástima	capaz (2)
cabível	foda	justo	previsível	inegavelmente	ótima notícia	conversa
certo (1)	frustrante	lamentável	razoável	inevitavelmente	pecado	grande coisa
chato	gozado	lastimável	relevante	logicamente	(uma) pena	grande porcaria
claríssimo	importante	legal	revoltante	naturalmente	puro preconceito	grande(s) merda(s)
claro	importantíssimo	legítimo	ridículo	nitidamente	sacanagem	grandes bostas
complicado	impressionante	lícito	ruim	obviamente	sorte	mentira
compreensível	inaceitável	lógico	salutar	sem surpresa	um milagre	ok(ay)
comum	inacreditável	louco	sensacional		um vexame	sério
contraditório	inadmissível	louvável	significativo		uma coincidência	tudo bem
correto	incontestável	magnífico	simbólico		uma injustiça	tudo certo
curioso	incontroverso	massa	sintomático		(bem) verdade	
danado	incrível	menos mau	surpreendente		uma vergonha	
deprimente	indiscutível	natural	trágico			
duro	indubitável	nítido	triste			
elementar	inegável	normal	válido			
engraçado	inevitável	notável	vergonhoso			
espantoso	inexplicável	notório	visível			
esquisito	inimaginável	óbvio				

Quadro 11: Matrizes de CSI-PB avaliativas não modais⁷⁰.

Algumas matrizes estão restritas a usos exclamativos ou interrogativos. Cumprem todos os critérios de constituição de uma CSI, mas parecem ter se especializado para mais uma função. É o caso das interjeições *brincadeira*, *mentira* e *sério* e do advérbio *de verdade*, representados respectivamente de (84) a (87):

(84) Ah, **brincadeira que** Erlking não é tão assim! Caramba, também curti o personagem e agora fail. Li tantas resenha dizendo que Sirensong não tem a mesma qualidade que os outros. (CdP)

(85) Oi e obrigada pelo comentário. **Mentira que** você mora na Nova Zelândia?! Ai que inveja branca de você... (CdP)

⁷⁰ A noção de modalidade adotada relaciona-se à suspensão da factualidade da proposição. Assim, esta amostra de CSI não esgota as combinações de matrizes e funções. Embora a maioria das matrizes atestadas como modais pareça restrita a essa classificação, por não se combinar com proposições factuais, aquelas atestadas como não modais poderiam atuar como modais diante de proposições de factualidade suspensa, como *importante* e *importantíssimo* (quadros 11 e 12).

(86) Nossa, **de verdade que** tem gente comentando aqui sobre a equivalência de se cortar um pé de alface a se cortar a cabeça de uma galinha? De se colher uma maçã a se explorar uma galinha pelos seus ovos? Mesmo? (CdP)

(87) Você deixou um mistério no ar!! Nossa!!! Preciso ler esse livro urgentemente!!! **Sério que** você não chorou muito?? (CdP)

A sistematicidade dos usos exclamativos de *brincadeira* e *mentira*⁷¹ e interrogativos de *sério* e *de verdade* aponta para outra função que não a simples avaliação do conteúdo da oração substantiva quanto à sua verdade ou seriedade, mas a de demarcar “informação que é nova ou surpreendente para o falante”⁷² (DELANCEY, 1997, p.33), conhecida como mirativa. São usos tipicamente utilizados como reação (imediate) a uma informação considerada surpreendente.

Outras matrizes de CSI compartilham com *mentira* e *brincadeira* a característica de sempre apresentarem força ilocucionária exclamativa, mas, em lugar de denotar surpresa com a informação, desencadeiam a leitura de negação enfática (HUDDLESTON; PULLUM, 2002, p. 849). Assemelha-se à função dos modais epistêmicos asseverativos, como *certeza*, mas com polaridade oposta. É o caso de *conversa* e *capaz*, em (88) e (89), respectivamente. *Conversa* provavelmente deriva por redução de *conversa fiada*, com sentido de informação sem valor, e *capaz*, como interjeição secundária, é um uso irônico do adjetivo epistêmico *capaz*, no sentido de possível (para descrições detalhadas do uso de *capaz*, ver BASSI; GÖRSKI, 2014; CAVALCANTE; SIMIONI, 2019; RODRIGUES; LUNGUINHO, 2019 e TEIXEIRA; GRITTI; KOSLINSKI, 2019).

(88) UM GRANDE ADMINISTRADOR, É [ú]nico governador que teve capacidade de enxugar despesas, exemplo claro é o da cidade adm, todos os setores em um só lugar, v[o]c[ê]s tem uma noção de quanto economizou? **Conversa que** a cidade adm est[á] afundando, conversa de covardes que estão putos por ter que trabalhar no outro lado da cidade (CdP).

(89) Ai, que gesto mais lindo! Isso é que é amigo fofo, hein? Só você pra ser sortuda assim! **Capaz que** eu vou dizer que meu sonho é ganhar um buquê de lírios e pimba, alguém vai me dar. Hahahaha! Mas quem sabe, né? (CdP).

Estas construções não deixam de ser avaliações não-modais, denotando impossibilidade (*capaz* + ironia) e não veracidade (*conversa*), mas podem ser postuladas como um nó na rede das CSI-PB dada a dupla diferenciação das avaliativas não modais pelo componente de forma, ilocução

⁷¹ O tom é exclamativo, mas a construção tem força ilocucionária interrogativa, porque não é utilizada, de fato, para afirmar que o que o interlocutor disse anteriormente é uma mentira, mas para pedir confirmação ou apenas demonstrar surpresa ou espanto como resposta a uma informação nova.

⁷² “Information which is new or surprising to the speaker”.

exclamativa (que acompanharia uma entonação típica na modalidade de fala), e componente de significado, negação enfática.

4.2.2. Avaliação modal

CSI avaliativas modais exprimem avaliações em termos do grau de certeza (epistêmica), do grau de desejabilidade (deôntica) ou da indicação da fonte da informação (evidencial) sobre o conteúdo proposicional de orações substantivas, cuja factualidade é suspensa. Os avaliativos modais correspondem a 42 matrizes, distribuídas em 23 de modalidade epistêmica, 18 de modalidade deôntica e 1 evidencial. Dentre elas, 28 são matrizes adjetivais, seguidas por 12 adverbiais e 2 substantivais. Esta distribuição é exibida no quadro 12 abaixo. Sete dos lexemas de modalização epistêmica asseverativa (de certeza) exibem uma função evidencial que não é exclusiva das CSI, mas nelas também se manifesta, como descreve Dendale (2020).

Adjetivais		Adverbiais	Substantivais
aconselhável	impossível	certamente	certeza
adequado	imprescindível	com certeza	garantia
capaz (1)	improvável	de certeza	
desejável	indispensável	decerto	
difícil	melhor	fatalmente	
duvidoso	necessário	garantidamente	
essencial	possível	possivelmente	
fundamental	preferível	provavelmente	
garantido	presumível	quase certeza	
ideal	provável	seguramente	
imperativo	prudente	sem dúvida(s)	
imperioso	raro	talvez	
importante	recomendável		
importantíssimo	urgente		

Quadro 12: Matrizes de CSI-PB avaliativas modais.

Casos em que a construção matriz expressa modalização epistêmica com valor de certeza são verificados com matrizes adjetivais, adverbiais e substantivais, como se vê em (90), (91) e (92), respectivamente. O mesmo se verifica para a expressão de incerteza, para a qual foram também atestadas CSI adjetivais, adverbiais e substantivais, como em (93), (94) e (95), respectivamente.

(90) Escute músicas Coloque aquela música contagiante no volume bem alto e entre no ritmo da música, cante, dance, ria e se divirta seguindo a melodia da música , **garantido que** no final você se sentirá muito bem. (CdP)

(91) Nas seguintes páginas há uma série de softwares desse tipo que podem ser testados: **Sem dúvida que** essas ferramentas ajudam muito mas garanto que ainda estamos longe de ter tranquilidade total na elaboração de horários. (CdP)

(92) Todo meu respeito aos dubladores brasileiros! Me dá uma alegria gigante em ver o carinho que eles tratam nossos heróis. **Certeza que** deixarei pra ver o filme dublado nos cinemas. (CdP)

(93) Segundo parentes, Wanderson sempre andava pelo acostamento. "...O que vem a confirmar que o atropelamento ocorreu durante ultrapassagem... **Possível que** alguém tenha registrado com câmera de celular as marcas dos pneus da Mercedes no acostamento caso isto tenha ocorrido...

(94) Este é um nome muito comum em Israel, e Joel, o profeta, é especificado como o filho de Petuel. Nada é conhecido a respeito dele ou das circunstâncias de sua vida. **Provavelmente que** ele tenha vivido em Judá e profetizado em Jerusalém. (CdP)

(95) Faça o teste, ao passar por um acidente na rua, pergunte pra alguém o que aconteceu. **Quase certeza que** a causa é falha humana (falta de atenção e tal). (CdP)

Essa distribuição de categorias, sistematizada no quadro 13, revela matrizes adjetivais no PB tanto para modalidade epistêmica de certeza quanto de incerteza, bem como uma matriz substantival de incerteza, tipos formais não verificados por Van Linden e Van de Velde (2014) para o neerlandês. A variedade formal verificada no neerlandês para esses mesmos significados é apresentada no quadro 14.

Subtipo formal	Epistêmicas	
	Incerteza	Certeza
Adverbial	Sim	Sim
Adjetival	Sim	Sim
Substantival	Sim	Sim

Quadro 13: Variedades formais de CSI-PB epistêmicas.

Subtipo formal	Epistêmicas	
	Incerteza	Certeza
Adverbial	Sim	Sim
Adjetival	--	--
Substantival	Sim	--

Quadro 14: Variedades formais de CSI epistêmicas em neerlandês flamengo
(adaptado de VAN LINDEN; VAN DE VELDE, 2014, p.235)

As matrizes que expressam modalização epistêmica asseverativa podem apresentar ilocução exclamativa, dado o comprometimento do falante com a verdade afirmada. No entanto, as matrizes que expressam incerteza só podem ser enunciados sob entonação declarativa, conforme observam Van Linden e Van de Velde: “[e]xpressões com advérbios de incerteza [...] não têm força exclamativa, pois identificam um valor não extremo (mas intermediário) na escala epistêmica.”⁷³ (VAN LINDEN, VAN DE VELDE, 2014, p. 232).

A totalidade das matrizes modais epistêmicas em CSI-PB é exibida no quadro 15. Essa lista coincide com a categoria de dimensão avaliativa de Garantia/Probabilidade na classificação de Lemke (1998), com exceção do adjetivo presumível, que expressa significado evidencial.

Adverbiais		Adjetivais		Substantivais
certamente	possivelmente	capaz (1)	improvável	certeza
com certeza	provavelmente	difícil	possível	garantia
de certeza	quase certeza	duvidoso	provável	
decerto	seguramente	garantido	raro	
fatalmente	sem dúvida(s)	impossível		
garantidamente	talvez			

Quadro 15: Matrizes de CSI-PB modais epistêmicas.

O subtipo modal epistêmico é o único que apresenta predominância de matrizes adverbiais (12), seguidas por adjetivais (9) e substantivais (2). Também se destaca o contraste entre a predominância de matrizes asseverativas entre as adverbiais (7/12) frente à predominância de matrizes de incerteza entre as adjetivais (8/9).

A modalização deôntica é atestada apenas com casos de matrizes adjetivais de CSI-PB, as quais se encontram nas dimensões avaliativas de Normatividade/Adequação e Importância/Significância na classificação de Lemke (1998), como (96) e (97).

⁷³ “Expressions with uncertainty adverbs [...] do not have exclamative force, as they identify a non-extreme (but intermediate) value on the epistemic scale”.

(96) A busca de um ideal aparentemente utópico, o de abolir toda e qualquer forma de experimentação animal, tanto na indústria como nas escolas, não permite o comodismo nem o preconceito. **Imprescindível que** o cientista e/ou professor saia da inércia acadêmica para trazer aos centros de pesquisa e às universidades alguns dos métodos alternativos já disponíveis e que poderiam perfeitamente ser adotados no Brasil, dispensando o uso de animais. (CdP)

(97) É necessário estimular os homens a cuidarem da sua saúde em todas as fases da vida! **fundamental que** entendam que a falta de cuidados básicos com a saúde pode gerar prejuízos muito grandes para ele próprio e também para sua família. (CdP).

O quadro 16 abaixo reúne as matrizes verificadas em CSI-PB modais deônticas:

Adjetivais		
aconselhável	imperativo	melhor
adequado	imperioso	necessário
desejável	importante	preferível
essencial	importantíssimo	prudente
fundamental	imprescindível	recomendável
ideal	indispensável	urgente

Quadro 16: Matrizes de CSI-PB modais deônticas.

Em linha com a noção de modalidade em função da suspensão da factualidade (NARROG, 2005), Van Linden (2012) propõe em seu estudo de adjetivos que ‘a modalidade deôntica envolve a avaliação do grau de desejabilidade de um estado-de-coisas virtual ou não finito, cuja realização é por definição no futuro, por alguma fonte atitudinal’⁷⁴ (VAN LINDEN, 2012, p. 62). As matrizes acima expressam variações semânticas em torno das noções de necessidade e adequação.

Em relação à expressão da evidencialidade em CSI-PB, entende-se que o adjetivo *presumível*, em (98), pode ser considerado evidencial dedutivo ou inferencial (a depender da presunção ser feita a partir de evidência apresentada no enunciado ou de conhecimento prévio, respectivamente) pela natureza semântica do verbo de que deriva.

⁷⁴ “[D]eontic modality involves the assessment of the degree of desirability of a virtual or tenseless SoA, whose realization is by default in the future, by some attitudinal source.”

(98) [comentando sobre um treino de fórmula 1].

Button em quinto foi apagado demais. Não reparei nos pneus que utilizou na classificação, confesso, mas a se julgar pelos 0s4 de diferença, **presumível que tenha usado os duros**; do contrário, foi mal. (CdP)

O significado de (98) se enquadra na definição da expressão lexical da evidencialidade dedutiva de Hattner (2018), segundo a qual “a ocorrência de um episódio é deduzida pelo falante com base em uma evidência disponível; o falante não testemunha o próprio episódio, mas ele é capaz de deduzir sua ocorrência a partir da percepção de alguma evidência resultante” (HATTNER, 2018, p.102). Pela categorização de Van Linden (2012) este tipo evidencial também se encontra na intersecção entre avaliação e modalização.

Outro uso evidencial pode ser atribuído a uma variedade de empregos de modais epistêmicos, como proposto por Dendale (2020). Para o autor, o advérbio francês *certainement* ‘certamente’, tipicamente referido como epistêmico-modal exerce, na verdade, duas funções, uma a epistêmico-modal, de fato, em casos como (99), e outra evidencial, do tipo inferencial, como em (100). Dendale aponta que “Este é provavelmente também o caso de toda uma gama de outras expressões chamadas “modais”, mesmo as fracas (por exemplo, *peut-être que* ‘talvez que’)”⁷⁵ (DENDALE, 2020, p. 43).

(99) *Les Érétriens certainement, et probablement les Athéniens, se trouvaient parmi les forces grecques, mais les textes sont peu explicites sur ces événements.*

‘Os eritreus certamente, e provavelmente os atenienses, estavam entre as forças gregas, mas os textos não são muito explícitos sobre esses eventos.’ (DENDALE, 2020, p. 43)

(100) *Cette petite machine mécanique, où donc l’avait-il dégottée ? Certainement pas apportée de France, puisque dans les pages du mémoire les accents circonflexes ont été rajoutés à la main sur l’original.*

‘Esta pequena máquina de escrever, onde ele a conseguiu? Certamente não da França, já que nas páginas da tese os acentos circunflexos foram acrescentados à mão sobre o original. (DENDALE, 2020, p. 46)

⁷⁵ This is probably also the case for a whole range of other so-called “modal” expressions, even weak ones (e.g. *peut-être que* ‘maybe’)

Dendale explica pelo seguinte caminho lógico porque *certainement* em (100) teria valor evidencial inferencial:

“a. Este texto não tem acentos circunflexos datilografados, mas adicionados manualmente.

b. Se a máquina de escrever tivesse a tecla de acento circunflexo, o autor a teria usado (porque os acentos datilografados são preferíveis aos adicionados manualmente).

c. [Conclusão de a+b] A máquina de escrever plausivelmente não tinha tecla de acento circunflexo.

d. Máquinas de escrever vindas da França geralmente têm teclas de acento.

e. (Conclusão de c + d) A máquina de escrever plausivelmente não veio da França.”⁷⁶

(DENDALE, 2020, p. 46)

Seguindo a explicação acima, podemos sugerir que são também usos evidenciais inferenciais os encontrados nas CSI-PB, em (101) e (102).

(101) Vale notar que todos tem aquele ar meio despojado, nada daquela aparência de “coloquei um monte de laquê” ou “passei gel e o cabelo ficou brilhante”. **Certeza que** deve existir muitos truquinhos para deixar o cabelo no lugar, mas todos tem um ar de naturalmente bem feitos. (CdP)

(102) Aqui no Brasil é relativamente comum a pinga com caranguejo dentro. Eu sempre me intrigo pensando como aquela merda enorme de carapaça rígida entra na garrafa. **Certamente que** eles devem colar o fundo ou a tampa da garrafa de alguma forma. (CdP)

Note-se a combinação, nestes dois casos, de uma matriz epistêmica de certeza com um verbo modal (dever) indicando incerteza. Acreditamos que a presença desse modal seja um indicativo de que o uso do qualificador de certeza está modificado, indicando, não que aquela informação é certa, mas que o falante está apresentando o resultado de uma operação de inferência. Esta não é uma característica exclusiva do emprego desses lexemas de certeza em CSI, mas que nelas também se manifesta.

⁷⁶ “a. This text has no typewritten circumflex accents, but has manually added ones.

b. If the typewriter had had the circumflex accent key, the author would have used it (because typewritten accents are preferable to manually added ones).

c. [Conclusion from a + b:] The typewriter plausibly did not have a circumflex accent key.

d. Typewriters coming from France usually have accent keys.

e. (Conclusion from c + d) The typewriter plausibly did not come from France.”

4.3 CARACTERÍSTICAS DISCURSIVAS E PRAGMÁTICAS DAS CSI-PB

Esta seção dialoga primeiramente com a constituição do *Corpus do Português*, exposta em 3.1, ao reconhecermos que as situações comunicativas de emprego das CSI-PB aqui relatadas estão condicionadas ao desenho do *cópus*: os gêneros textuais que ele abarca, as relações de hierarquia entre os interlocutores, o grau de formalidade das interlocuções etc. A variedade de gêneros textuais desse *cópus* é relativamente limitada e nenhuma informação particular é fornecida a respeito do enunciador de cada texto, além daquilo que se possa inferir do próprio conteúdo linguístico e do título da página onde aquilo foi publicado. Não obstante, é possível notar algumas regularidades e tecer comentários sobre os aspectos discursivos das CSI-PB deste estudo.

Nenhum dos estudos de referência sobre CSI se demora na discussão de gêneros textuais, mas, talvez por notar que são expressões intersubjetivas, os autores convergem em trabalhar com *cópus* de contextos conversacionais, variando, entretanto, quanto a modalidade de produção dessas conversas: fala e escrita, em Beijering (2016, 2017); transcrições de fala com acesso aos áudios, em Sansiñena (2019); apenas escrita (*chats*), em Van Linden e Van de Velde (2014).

Comparativamente, este estudo do PB traz os contextos de interlocução menos imediata (eventualmente sem resposta) dentre os listados, ao contemplar notícias, colunas jornalísticas e *posts* de blogues, e contribui com a confirmação de que também nesses casos ocorrem CSI. Mas não se afasta completamente dos estudos anteriores, pois o caráter de conversa, embora menos imediata, é recuperado pela presença das seções de comentários das páginas, responsáveis por diversas ocorrências de CSI-PB no *cópus*.

O grau de formalidade dos contextos de CSI-PB observados é bastante variável, porque o Web/Dial é composto por textos selecionados aleatoriamente (ver capítulo 3), o que implica em páginas que tratam de assuntos variados, como jogos, religião, política, maternidade etc. e de alcance variado, podendo reunir interações entre completos estranhos ou entre uma comunidade mais intimista de conhecidos do/a autor/a da página. Chama a atenção em particular a ocorrência de CSI-PB em documentos jurídicos, identificáveis por vocabulário típico da área e com recorrência de significados que giram em torno da aceitabilidade e da necessidade (ver 4.3.1), argumentando sobre os critérios para a tomada da decisão e estabelecendo medidas a serem tomadas, como em (103).

(103) ACÓRDÃO - ESTABILIDADE PROVISÓRIA. DIRIGENTE SINDICAL. EXTINÇÃO DA EMPRESA. SÚMULA Nº 369. Sendo o Reclamante detentor de estabilidade, por ser dirigente sindical, **imperativo que** se procedesse à transferência para outro setor, já que ainda subsistente a atividade da Empresa. O objetivo da estabilidade do dirigente sindical não consiste

em vantagem pessoal, mas sim, garantia do exercício da atividade sindical conferida a todos os trabalhadores, pela Constituição Federal, em seu art. 8º, VIII. (CdP)

Observando os contextos expandidos das CSI-PB, pode-se afirmar que elas comumente se apresentam na organização textual/conversacional como respostas ou comentários elaborativos sobre tópicos já introduzidos, pelo próprio enunciador da CSI, como em (104), ou por um interlocutor, como em (105).

(104) Já desabilitei o Antivirus, Já desabilitei o Firewall, Já removi o LOL completamente do PC e já baixei novamente, já baixei o patch em português.... nada resolveu! **Provável que** seja algum bug do jogo mesmo!(CdP)

(105) Oi e obrigada pelo comentário. **Mentira que** você mora na Nova Zelândia?! Ai que inveja branca de você... (CdP)

Os casos de CSI mirativas (ver 4.3.5), como (105), são por natureza voltados para uma fala prévia de um interlocutor e expressam surpresa com seu conteúdo. A introdução de um novo tópico por uma CSI não foi atestada no córpuz, conquanto pareça possível em outros gêneros, como em (106), início da canção de Vanessa da Mata. Há de se ponderar o caráter poético do gênero canção e a sua forma de circular, muito distinta dos textos aqui analisados.

(106) **Ainda bem que** você vive comigo / Porque senão, como seria esta vida? / Sei lá, sei lá
(Vanessa DA MATA, 2004)

O uso de CSI *per se* não parece ter implicações relevantes quanto à polidez, mas a natureza da construção matriz é relevante nesse aspecto. Avaliações como *uma coincidência* ou quanto ao grau de certeza não aparentam afetar o grau de polidez do enunciado, já a negação enfática, como em (107), ou um avaliação negativa, como *grande coisa* em (108), são atos ameaçadores de face.

(107) UM GRANDE ADMINISTRADOR, É [ú]nico governador que teve capacidade de enxugar despesas, exemplo claro é o da cidade adm, todos os setores em um só lugar, vçs tem uma noção de quanto economizou? **Conversa que** a cidade adm est[á] afundando, conversa de covardes que estão putos por ter que trabalhar no outro lado da cidade (CdP)

(108) Engraçado como palmeirense se dá muita importância. **grande coisa que** vocês eliminaram a gente 2 vezes. Isso não é privilégio de vocês, river também já eliminou a gente 2 vezes. Se coloca no seu lugar, porco. (CdP)

No âmbito da organização discursiva, determinadas matrizes de CSI-PB são recrutadas para uma função de reconhecimento de um fato ou argumento como verdadeiro ou válido. Essas CSI introduzem um aparte, pelo qual o falante reconhece um ponto argumentativo, geralmente para refutá-lo (ou uma implicatura desse ponto) em seguida. Esse é o caso de CSI iniciadas pelos adjetivos *certo* e *correto*, pelos substantivos *fato*, e *verdade* e pelas interjeições *beleza*, *ok(ay)*, *tudo bem* e *tudo certo*, bem como de matrizes de obviedade (*claro*, *lógico*, *evidente*) e epistêmicas de certeza (*certamente*, *sem dúvida*). Essas matrizes carregam valor asseverativo ou de concordância. Nos dados de cópula, essa estratégia argumentativa se faz evidente pela presença de conectivos de contraste na sequência dessas CSI (ou de uma enumeração de argumentos da qual a CSI de *reconhecimento* faz parte), como em (109), (110), (111), e (112):

(109) Temos notícias e conteúdo a acrescentar diariamente, e mesmo que os atores tenham o seu momento, como o Chorão que não estava em alta atualmente, eles merecem ser lembrados no momento de sua morte pelo que produziram no passado. **Okay que** o Chorão não estava sendo falado na mídia, **mas** todos sabemos que ele já fez parte da vida de muitos (CdP)

(110) Quais dessas invenções decisivas nós devemos à China? Absolutamente nenhuma. **Tudo bem que** os chineses inventaram a pólvora, a bússola e outras coisas importantes, **mas** daí a dizer que as invenções chinesas foram as decisivas, eu tenho muitas reservas. (CdP).

(111) Estamos há pouco mais de três meses do início dos Jogos Olímpicos. Vejo que toda cobertura e comentários relativos ao assunto resumem-se a obtenção de índices pelos atletas, instalações esportivas e segurança. **Evidente que** esses três pontos são importantes e merecem atenção. Noto, **porém**, que quase nada se escreve, ou se fala, sobre os valores olímpicos (CdP)

(112) Mas antes de se mudar, também gostaria de decorar os ambientes para deixá-los com o seu estilo. Ou então você já mora há bastante tempo em um endereço e acha que está na hora de renovar o visual dos cômodos. **Bem verdade que** nas duas situações isso pede tempo e dinheiro. **Porém** há lojas que aceitam os cartões de financiamento da CAIXA - [...] - para a aquisição de produtos e serviços associados às transformações da casa (CdP)

Em todos esses casos o trecho anterior e o posterior à CSI tem a mesma direção argumentativa. O falante está em um curso de pensamento, na maioria dos casos de cunho crítico, e utiliza da CSI como uma estratégia de negociar com seu interlocutor, não parecer desatento aos pontos que contrariam sua argumentação. Mas imediatamente após ceder um ponto contra sua argumentação o enunciador retoma a linha argumentativa crítica, refutando o conteúdo da CSI ou apontando sua insuficiência para compensar os demais pontos da crítica.

4.4 REDE CONSTRUCIONAL DAS CSI-PB

O conjunto das formas e significados apresentados e relacionados entre si até este ponto permitem-nos representar uma organização do conhecimento linguístico mobilizado acerca das CSI-PB, baseada no aparato teórico da Gramática de Construções. Segundo as bases teóricas apresentadas no capítulo 2, esta organização pode ser representada como uma rede hierárquica de nós (pareamentos de forma-significado), virtualmente conectada a todo o repertório linguístico do PB. Em um processo *bottom-up*, os construtos licenciam microconstruções de matriz adjetival, adverbial, nominal e interjetiva, as quais são agrupadas segundo similaridades de forma e significado, dando origem a sub-esquemas de avaliação modal e não modal, os quais se unem em um nível mais abstrato, do esquema das CSI-PB.

Na figura 11 apresentamos a rede construcional das CSI-PB, confeccionada a partir do cruzamento dos significados descritos em 4.3 com as diferentes matrizes atestadas em cópua para orações substantivas introduzidas por *que*, instâncias da forma genérica (51), repetida abaixo:

(113) **[[X] [*que*] [oração substantiva finita]].**

X é uma matriz adjetival, adverbial, substantival ou interjetiva.

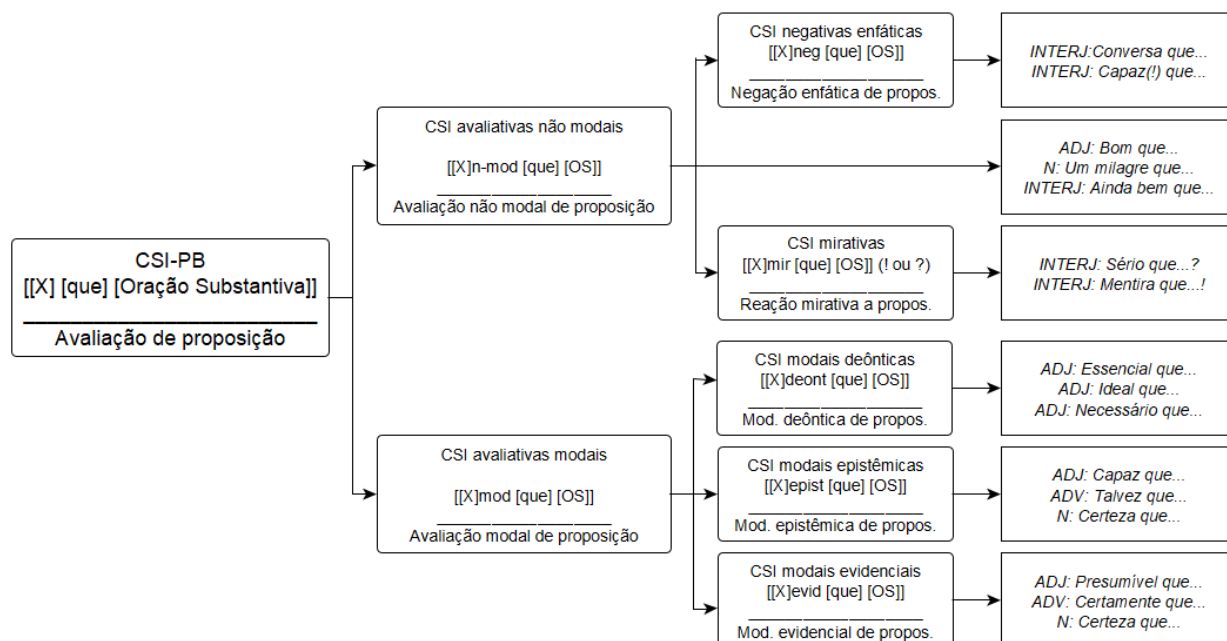


Figura 11: Rede construcional das CSI-PB.

O nível mais esquemático abrange todos os subtipos sob o significado de avaliação de proposição, pareado à forma [[X] [que] [oração substantiva finita]], em que X é um elemento substantival, adjetival, adverbial ou interjetivo.

Sob esse primeiro nível estão as CSI de significado avaliativo não-modal, sem função especializada. É o tipo mais amplo e é instanciado por matrizes das categorias adjetival (ex.: *bom*, *absurdo*), substantival (ex.: *uma injustiça*, *sorte*) e interjetiva (ex.: *ainda bem*, *bem feito*).

Duas categorias de CSI avaliativas não-modais têm uma especialização semântica, o que configura dois novos pareamentos. Uma é a função de negação enfática, instanciada pelos usos interjetivos de *capaz* e *conversa*, e a outra é a expressão de miratividade, restrita a ilocuições interrogativas ou exclamativas, instanciada pelas matrizes interjetivas *mentira*, *brincadeira*, *sério* e pela adverbial *de verdade*.

O outro grande sub-esquema é o da avaliação modal, sob o qual se encontram o tipo deontico, instanciado apenas por matrizes adjetivais (ex.: *essencial*, *necessário*, *ideal*), o tipo epistêmico, instanciado por matrizes adjetivais (ex.: *capaz*, *difícil*), adverbiais (ex.: *certamente*, *talvez*) e substantivais (ex.: *garantia*, *certeza*), e o tipo evidencial, instanciado pela matriz adjetival *presumível* e por matrizes epistêmicas de certeza que podem denotar inferência (DENDALE, 2020).

Esta representação, embora compacta, subsume uma grande quantidade de informação coletada e desenvolvida nesta pesquisa, conectando em uma estrutura hierárquica a abstratização máxima das CSI-PB aos seus usos efetivos na língua, e postulando camadas intermediárias de pareamentos de forma e significado. De acordo com a teoria da GC, esta rede se conecta mais

diretamente a outras redes de construções relacionadas, de expressão atitudinal avaliativa e modal, por exemplo, e em um nível mais amplo a todo o conhecimento linguístico do PB.

4.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO 4

Neste capítulo, discutimos os dados de cópua que evidenciam as formas, significados e características discursivas das CSI-PB, além de apresentarmos uma proposta de rede construcional para essas construções.

Verificam-se em PB matrizes adjetivais, adverbiais, nominais, e interjetivas de CSI, com destaque numérico para as adjetivais (117). Os significados de CSI-PB, por sua vez, podem ser agrupados entre avaliações não modais e avaliações modais, as quais se subdividem em epistêmicas, deônticas e evidenciais. O tipo não modal apresenta matrizes que ocorrem apenas em ilocuções interrogativas ou exclamativas, configurando especialização pragmática de expressão de miratividade ou negação enfática.

O quadro abaixo sintetiza a diversidade de tipos semânticos de CSI-PB em relação aos tipos formais com que se combinam, fornecendo um exemplo de matriz para cada combinação.

Subtipo formal	Subtipo semântico				
	Epistêmico		Deôntico	Evidencial	Avaliativas
	Incerteza	Certeza			
Adverbial	<i>talvez</i>	<i>decerto</i>	?	<i>certamente</i>	<i>naturalmente</i>
Adjetival	<i>provável</i>	<i>garantido</i>	<i>imprescindível</i>	<i>presumível</i>	<i>ótimo</i>
Substantival	<i>quase certeza</i>	<i>certeza</i>	?	<i>certeza</i>	<i>dureza</i>

Quadro 17: Variação semântica com exemplos dos tipos formais de CSI-PB.

O subtipo adjetival demonstrou maior variedade de pré-modificação adverbial no constituinte inicial (gradação e intensificação), característica pouco comum entre os subtipos adverbial e nominal.

A partir das regularidades entre os subtipos formais e semânticos, foi possível propor uma rede construcional das CSI-PB, que abrange sob o pareamento do significado mais amplo, avaliativo, com a forma [[X] [que] [oração substantiva finita]], em que X é um adjetivo, advérbio, substantivo ou interjeição (secundária), os tipos modais e não modais da construção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho agrega aos estudos do português brasileiro a descrição de uma construção não canônica, de classificação ainda marginal e não sistematizada em gramáticas, apesar de seu uso corrente na língua e de longa data. Pode ser considerada uma descrição abrangente das CSI-PB, com as devidas ressalvas metodológicas, por esgotar a variedade de tipos da construção com o conectivo *que* em um corpus de mais de meio bilhão de palavras. Evidencia grande pluralidade de matrizes, bem como a pluralidade de funções, avaliativas modais e não modais.

Foram identificados 175 tipos formais de CSI-PB, a contar pelos lexemas que ocorrem na posição X, de natureza categorial adjetival, adverbial, substantival e interjetiva, os quais expressam avaliação modal (epistêmica, deôntica e evidencial) e não modal de proposições. Estes dados corroboram a hipótese de forma genérica das CSI-PB, proposta em (51), e atestam combinações entre variedades de formas e significados até então não demonstradas em outras línguas, como sumarizado no quadro 17.

Este trabalho corrobora a análise de Kaltenböck (2019), que estabelece as CSI como construções de pareamento próprio, não pertencentes à classe das insubordinadas, em virtude da presença da construção matriz e da relação que este elemento mantém com a oração subsequente, relação que inexiste entre as construções insubordinadas, também pela natureza das matrizes adverbiais e interjetivas, impróprias em uma reconstrução com verbo de cópula, que refutam a hipótese de se tratar apenas de uma elipse casual.

Também são ganhos deste trabalho a demonstração da ocorrência de determinados significados modais, mirativos, de negação enfática e de uma função discursiva de reconhecimento não verificados anteriormente para as línguas de que há descrição das CSI. Estes resultados demonstram que a macroconstrução semi-insubordinada associa-se a mais subtipos semânticos do que se tinha conhecimento (ao menos em PB).

No âmbito da descrição entre línguas, contribui para o debate da própria definição da construção, em especial quanto à sua forma genérica, com ênfase para a relação sintática que se estabelece entre as partes, e também quanto aos significados pertencentes ao domínio avaliativo.

Argumenta-se em favor da diferenciação entre CSI, como aqui descritas, e CSI discursivas (BEIJERING, 2016, 2017), cuja função é conectora com discurso anterior. Também defende-se a não inclusão das estruturas que apresentam relação sintática de complementação nominal entre a matriz e a oração substantiva na classe de CSI, como as ditas CSI de valor ‘afetivo’ (VAN LINDEN, VAN DE VELDE, 2014) e outras nominais e adjetivais verificadas em PB de mesma relação sintática (ex.: *palavra (de) que, dúvidas (de) que, suspeitas (de) que*).

Este trabalho apresenta ocorrências de advérbios que desempenham função predicativa principal diante do complementizador *que*, o que pode causar certo estranhamento, conforme advertido em literatura (Ramat e Ricca, 1998). Os advérbios verificados em PB, como *talvez que*, e *deveras que*, e as expressões lexicalizadas, como *ainda bem que* e *tudo certo que*, extrapolam as explicações de origem sugeridas por analogia a adjetivos correlatos ou por redução verbal. A hipótese de expansão analógica é aqui vista como uma consequência da associação do significado avaliativo à própria construção. Endossamos a posição de Sansiñena (2019), de que estudos diacrônicos particulares devem ser conduzidos para compreender as diferentes origens de expressões não esperadas em tal estrutura.

Para trabalhos futuros, além da investigação diacrônica do surgimento das CSI adverbiais no PB, este trabalho instiga a investigação de como matrizes interjetivas se incorporaram a essa mesma estrutura. Também aponta para a investigação dos laços de CSI-PB com outras construções, por compartilhamento de traços formais ou funcionais, a fim de expandir a rede, incluindo sua relação, por exemplo, com construções predicativas com cópula (*é ótimo que*), adverbiais sem conjunção (*evidentemente* + oração), construções clivadas (*o bom é que*), construções exclamativas (*que bom que*), bem como com CSI compostas por orações substantivas reduzidas de infinitivo ou por orações finitas conectadas à construção matriz por outros conectores.

REFERÊNCIAS⁷⁷

- AELBRECHT, L. IP-ellipsis in Dutch dialects: X + that-clause. In: VAN DE WEIJER, J.; LOS, B. (Eds.), *Linguistics in the Netherlands*. Benjamins, Amsterdam, p. 1-14, 2006. Disponível em: doi.org/10.1075/avt.23.04ael
- ALVES, C. P.; HIRATA-VALE, F. B. M. Construções condicionais insubordinadas adversativas no português brasileiro. *Estudos Linguísticos*, v. 50, n. 2, p. 504-522, 2021. Disponível em: doi.org/10.21165/el.v50i2.2986
- AMEKA, F. K., WILKINS, D. P. Interjections. In: ÖSTMAN, J-O., VERSCHUEREN, J. (Eds.) *Handbook of pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins, 2006, p. 1–22. Disponível em: researchgate.net/publication/289752120_Interjections DOI: doi.org/10.1016/B0-08-044854-2/00396-5
- BASSI, A.; GÖRSKI, E. M. A multifuncionalidade do item capaz na fala gaúcha: uma abordagem baseada no uso. *Alfa*, v. 58, n. 3, p. 593-622, 2014. Disponível em: doi.org/10.1590/1981-5794-1409-4
- BECHARA, E. C. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. Disp. em lelivros.love/book/baixar-livro-moderna-gramatica-portuguesa-evanildo-bechara-em-epub-mobi-e-pdf/
- BEIJERING, K.. Semi-insubordinate at-constructions in norwegian: formal, semantic and functional properties. *Norsk Lingvistisk Tidsskrift*, v. 34, n. 2, p. 161-182, 2016. Disponível em: ojs.novus.no/index.php/NLT/article/view/1345
- BEIJERING, K. Semi-insubordinate dat-constructions in Dutch: formal, semantic and functional properties. *Nederlandse Taalkunde* 22(3). p. 333-357, 2017. Disponível em: doi.org/10.5117/NEDTAA2017.3.BEIJ
- BEIJERING, K. Evans, Watanabe: Insubordination. *Cognitive Linguistics*, v. 29, n. 2, p. 349-361, 2018. DOI: doi.org/10.1515/cog-2017-0130
- BEIJERING, K.; NORDE, M. Adverbial semi-insubordination constructions in Swedish: Synchrony and diachrony. In: BEIJERING, K., KALTENBÖCK, G., SANSIÑENA, M. S. (eds.) *Insubordination: Theoretical and empirical issues*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2019, p. 79-106. DOI: doi.org/10.1515/9783110638288-004
- BUSCHA, A. Isolierte Nebensätze im dialogischen Text. *Deutsch als Fremdsprache*, v. 13, n. 5, p. 274-279, 1976. Disponível em: zs.thulb.uni-jena.de/receive/jportal_jparticle_00290903
- CASTILHO, A. T.; MORAES DE CASTILHO, C. M. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*, v. 2, 2ªEd. Campinas: Da UNICAMP, 1996, p. 213-260.
- CAVALCANTE, R. *Negação anafórica no português brasileiro: negação sentencial, negação enfática e negação de constituinte*. 2012. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012. Disponível em: doi.org/10.11606/T.8.2012.tde-09112012-102648
- CAVALCANTE, R.; SIMIONI, L. Capaz como marcador negativo enfático no dialeto gaúcho. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 27, n. 2, p. 669-700, 2019. Disponível em: doi.org/10.17851/2237-2083.27.2.669-700

⁷⁷ Todos os documentos foram acessados novamente em 29 de abril de 2022.

- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*, 48.ed. São Paulo: Nacional, 2008.
- COIMBRA, E. C. *Construções semi-insubordinadas no português brasileiro: uma análise sincrônica*. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado) — Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.
- COMARIM, M. J. O uso de "se ao menos" em construções condicionais insubordinadas no português do Brasil In: SEMINÁRIO DO GEL, n. 68, 2021, São Carlos (online). *Caderno de resumos*. Araraquara: Letraria, 2021. Disponível em letraria.net/68-seminario-do-gel/
- CORADINI, M. C.; HIRATA-VALE, F. B. M. Os estágios de insubordinação em construções condicionais com a conjunção se no português: evidências históricas. *Working Papers em Linguística*, v. 22, n. 2, p. 318-345, 2021. Disponível em: doi.org/10.5007/1984-8420.2021.e75334
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7a ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- D'HERTEFELT, S; VERSTRAETE, J. C. Independent complement constructions in Swedish and Danish: Insubordination or dependency shift? *Journal of Pragmatics*, n.60, p. 89-102, 2014. DOI: doi.org/10.1016/J.PRAGMA.2013.11.002 Disponível em: lirias.kuleuven.be/retrieve/307728
- DA MATA, V. Ainda bem. In: *Essa boneca tem manual*. Brasil: Sony / Epic Records, 2004.
- DAVIES, M. *Corpus do Português*, Web/Dialetos: 1 billion words, 2016, corpusdoportugues.org.
- DECAT, M. B. N. *Estruturas desgarradas em língua portuguesa*. Campinas: Pontes, 2011.
- DELANCEY, S. Mirativity: The grammatical marking of unexpected information. *Linguistic Typology*, v.1, n.1, p. 33-52, 1997. DOI: doi.org/10.1515/lity.1997.1.1.33 Disponível em: academia.edu/3929934/Mirativity_The_grammatical_marking_of_unexpected_information
- DENDALE, P. Are “modal adverbs” automatically modal markers? The case of french *certainement* with its epistêmico-modal and its evidential use. *Anuari De Filologia. Estudis De Lingüística*, v. 10, p. 39-76, 2020. Disponível em doi.org/10.1344/AFEL2020.10.3
- DIESSEL, H. *The Grammar Network: How language structure is shaped by language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. DOI: doi.org/10.1017/9781108671040
- ELLER, C. Palavras ao vento. In: *Com Você... Meu Mundo Ficaria Completo*. Brasil: UMG, 1999.
- ELVIRA-GARCÍA, W. *La prosodia de las construcciones insubordinadas conectivo-argumentativas del español*. 2016. Tese. (Doutorado) — Universidade de Barcelona, Barcelona 2016. Disponível em: hdl.handle.net/10803/400949
- EVANS, N. Insubordination and its uses. In: NIKOLAEVA, I. (ed.). *Finiteness. Theoretical and Empirical Foundations*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 366-431. Disponível em: academia.edu/24481368/Insubordination_and_its_uses
- EVANS, N., WATANABE, H. The dynamics of insubordination: An overview. In: EVANS, N.; WATANABE, H. *Dynamics of Insubordination*. Amsterdam, Philadelphia: Benjamins, 2016. p. 1-38 DOI: doi.org/10.1075/tsl.115.01eva

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. Gramática. 10.ed.. São Paulo: Editora Ática, 1997.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of let alone. *Language* 64/3, 1988. p. 501-538. DOI: doi.org/10.2307/414531 Disponível em user.phil-fak.uni-duesseldorf.de/~filip/fillmore+88.pdf

FORTILLI, S. C. *Predicados matrizes adjetivais de orações subjetivas no Português brasileiro: gramaticalização e dessentencialização*. 2013. Tese (doutorado) - UNESP, São José do Rio Preto, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/100097>

FORTILLI, S. C.; GONÇALVES, S. C. L. Gramaticalização da construção “é claro que”: padrões na fala e na escrita. *Revista do GEL*, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 65–79, 2013. Disponível em: revistas.gel.org.br/rg/article/view/10.

GEOFFREY P.; HUDDLESTON, R. Negation. In: HUDDLESTON, R.; GEOFFREY P. (Eds.) *The Cambridge Grammar of the English Language*. Cambridge: CUP, 2002, p. 785-850. DOI: doi.org/10.1017/9781316423530.010

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. (2006). *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press. DOI: doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199268511.001.0001 Disponível em: lt.cbs.polyu.edu.hk/static/upload/cv/Adele_Goldberg_Constructions_at_Work_The_NatureBookFi.org.PDF

GOLDBERG, A. E. Constructionist approaches. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.), *The Oxford handbook of Construction Grammar*. Oxford: OUP, 2013, p 15–31. DOI: doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195396683.013.0002

GRAS, P. *Gramática de construcciones en interacción. Propuesta de un modelo y aplicación al análisis de estructuras independientes con marcas de subordinación en español*. 2011. Tese. (Doutorado) – Universidade de Barcelona, Barcelona, 2011. Disponível em <http://hdl.handle.net/10803/1716>

HATTNER, M. M. D. A. A expressão lexical da evidencialidade: reflexões sobre a dedução e a percepção de evento. *Entrepalavras*, v. 8, p. 98-111, 2018. Disponível em: dx.doi.org/10.22168/2237-6321-6esp1244

HIRATA-VALE, F. B. M. O processo de insubordinação nas construções condicionais do português do Brasil. Relatório Científico de Estágio Pós-Doutoral. Katholiek Universiteit Leuven, Leuven, Bélgica, 2015. Disponível em academia.edu/42357283/O_processo_de_insubordinação_nas_construções_condicionais_do_português_do_Brasil

HIRATA-VALE, F. B. M.. Construções completivas insubordinadas subjetivas-modais no português brasileiro. *Estudos Linguísticos*, v. 49 n. 1, p. 297-311, 2020. Disponível em: doi.org/10.21165/el.v49i1.2675

HIRATA-VALE, F. B. M.. Construções condicionais insubordinadas no português: usos metatextuais. *Estudos Linguísticos*, v. 46, n.1 p. 83-97, 2017. Disponível em: doi.org/10.21165/el.v46i1.1655

HIRATA-VALE, F. B. M.; OLIVEIRA, T. P. ; SILVA, C. F. Construções insubordinadas no português do Brasil: completivas e condicionais em análise. *ODISSÉIA*, v. 2, p. 25-41, 2017. Disponível em: [dx.doi.org/10.21680/1983-2435.2017v2n0ID12988](https://doi.org/10.21680/1983-2435.2017v2n0ID12988)

HOFFMANN, T., TROUSDALE, G. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.), *The Oxford handbook of Construction Grammar*. Oxford: OUP, 2013, p. 7-14. DOI: doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195396683.013.0001

LEMKE, J. L., Resources for attitudinal meaning. Evaluative orientations in text semantics. *Functions of Language*, v. 5(1), p. 33-56, 1998. DOI: doi.org/10.1075/fol.5.1.03lem Disponível em: researchgate.net/publication/233650532_Resources_for_attitudinal_meaning_Evaluative_orientations_in_text_semantics

KALTENBÖCK, G. On the grammatical status of insubordinate if-clauses. In KALTENBÖCK, G.; KEIZER E.; LOHMANN, A. (Eds.), *Outside the clause: form and function of extra-clausal constituents*. Amsterdam: John Benjamins, 2016, p. 341-378. DOI: dx.doi.org/10.1075/slcs.178.12kal

KALTENBÖCK, G. “Delimiting the class: A typology of English insubordination”, In: BEIJERING, K., KALTENBÖCK, G., SANSIÑENA, M. S. (eds.) *Insubordination: Theoretical and empirical issues*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2019, p. 167-198. DOI: doi.org/10.1515/9783110638288-006

MITHUN, M. The extension of dependency beyond the sentence. *Language*, v. 84, p. 69-119 2008. DOI: doi.org/10.1353/lan.2008.0054 Disponível em: mithun.faculty.linguistics.ucsb.edu/publications.html

MONTOLÍO, E. ¿Si nunca he dicho que estuviera enamorada de él! Sobre construcciones independientes introducidas por si con valor replicativo. *Oralia*, v. 2, p. 37-70, 1999.

NARROG, H. On defining modality again. *Language Sciences*, 27.2, p. 165-192, 2005. DOI: doi.org/10.1016/j.langsci.2003.11.007 Disponível em: academia.edu/63890760/On_defining_modality_again

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OHORI, T. Remarks on suspended clauses: A contribution to Japanese phraseology. In: SHIBATANI, M., THOMPSON, S. A. (eds.), *Essays on semantics and pragmatics*, Amsterdam: John Benjamins, 1996, p. 201-218. DOI: doi.org/10.1075/pbns.32.11oho

PASSOS, C. C. Manual para apresentação de trabalhos acadêmicos, de acordo com NBR 14724/2011. São Carlos: Biblioteca Comunitária UFSCar, 2018. Disponível em bco.ufscar.br/servicos-informacoes/normalizacao

RAMAT, P., RICCA, D. Sentence adverbs in the languages of Europe. In VAN DER AUWERA, J.; BAOILL, D. P. Ó. (eds.), *Adverbial constructions in the languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998, p. 187-273. DOI: doi.org/10.1515/9783110802610.187

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011. Disponível em: edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4198645/mod_folder/content/0/2%20Bibliografia%20de%20Refer%20C3%AAncia/ROCHALIMA_GramaticaNormativa.pdf?forcedownload=1

RODRIGUES, P.; LUNGUINHO, M. V. A pragmaticalização de capaz em português brasileiro e a codificação da atitude do falante. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 27, n. 2, p. 549-574, 2019. Disponível em: doi.org/10.17851/2237-2083.27.2.549-574

SANSIÑENA, M. S. *The multiple functional load of que: an interactional approach to in subordinate complement clauses in Spanish*. 2015, Tese (Doutorado) – Katholiek Universiteit Leuven, Leuven, 2015.

SANSIÑENA, M. S. Patterns of (in)dependence. In: BEIJERING, K., KALTENBÖCK, G., SANSIÑENA, M. S. (eds.) *Insubordination: Theoretical and empirical issues*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2019, p.199-239. DOI: doi.org/10.1515/9783110638288-007

SANTOS, L. *Assim caminha a humanidade*. In: *Assim caminha a humanidade*. Brasil: BMG, 1994.

SKANK. Tanto. In: *Skank*. Brasil: CHAOS, 1993.

STASSI-SÉ, J. C. Subordinação Discursiva no Português à luz da Gramática Discursivo-Funcional. 2012. Tese (Doutorado) – UNESP, São José do Rio Preto, 2012. Disponível em: repositorio.unesp.br/handle/11449/100102

TEIXEIRA, L. R.; GRITTI, L. L.; KOSLINSKI, E. Algumas considerações semântico-pragmáticas sobre capaz. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 61, p. 1-25, 2019. Disponível em: doi.org/10.20396/cel.v61i0.8654342

TRAUGOTT, E. C. ‘Insubordination’ in the light of the Uniformitarian Principle. *English Language and Linguistics* v. 21, n. 2, p. 289-310. 2017. DOI: doi.org/10.1017/S1360674317000144

TRAUGOTT, E. C., TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional changes*. Oxford, 2013. DOI: doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199679898.001.0001

UNGERER, T. Vertical and horizontal links in constructional networks – two sides of the same coin? In: 11th International Conference on Construction Grammar, Antuérpia. *Book of Abstracts*. Universidade da Antuérpia, p. 243-244, 2021,. Disponível em: uantwerpen.be/en/conferences/construction-grammars/scientific-program/

VAN LINDEN, A. *Modal adjectives: English deontic and evaluative constructions in diachrony and synchrony*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012. DOI: doi.org/10.1515/9783110252941

VAN LINDEN, A.; VAN DE VELDE, F. (Semi-)autonomous subordination in Dutch: Structures and semantic-pragmatic values. *Journal of Pragmatics*, n.8, v.22, p. 226-250, 2014. DOI: dx.doi.org/10.1016/j.pragma.2013.08.022 Disponível em: <https://lirias.kuleuven.be/retrieve/279523>

VERSTRAETE, J. C., D’HERTEFELT, S., VAN LINDEN, A. A typology of complement insubordination in Dutch. *Studies in Language* v. 36, p. 123-153, 2012. DOI: doi.org/10.1075/sl.36.1.04ver Disponível em: <https://orbi.uliege.be/handle/2268/210996>

WIEMER, B. On illusory insubordination and semi-insubordination in Slavic: Independent infinitives, clause-initial particles and predicatives put to the test. In: BEIJERING, K., KALTENBÖCK, G., SANSIÑENA, M. S. (eds.) *Insubordination: Theoretical and empirical issues*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2019, p.107-166. DOI: doi.org/10.1515/9783110638288-005